

Diário de Lisboa

Número avulso: 40 CENTAVOS

Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUIZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

A CAMARA Municipal de Lisboa, que pode ser considerada o ministério da Cidade, apresentou o seu plano para 1939.

Prolongamento de ruas e avenidas, arranjo de bairros, construção do aero-porto, urbanizações já projectadas, são os principais objectivos do plano, aliás já conhecido.

Contrairá a Camara um novo empréstimo na Caixa Geral para fazer face aos seus encargos? Caberia aqui lembrar o que algumas vezes já tem sido exposto por autoridades especiais no direito administrativo e politico: ha obras na cidade que não pertencem propriamente a Lisboa, mas ao país. Isto é: o seu encargo não deveria recair exclusivamente sobre o munícipe lisboeta.

As declarações do sr. presidente da Camara não tocaram, concretamente, o problema das licenças; a expectativa do contribuinte, neste aspecto, não obteve satisfação. A Camara garante, porém, que os «municípios podem confiar na vereação». A expectativa mantém-se.

E' de assinalar o proposito camarário de, pela simplificação de serviços, poupar incomodos aos munícipes, perdas de tempo, e a perda de tempo não deixa de ser uma contribuição — inútil.

Anuncia a Camara revisão de quadros, e vê-se que haverá pessoal a dispensar, acrescentando-se na declaração que embora com o coração não se resolvam problemas, o coração actuará na justa medida.

Na administração publica «coração» equivale a equidade com tolerancia.

E é essa que a Camara não deixará de ter, com o pessoal, com o contribuinte, até consigo propria.

* * *

A ACADEMIA de Belas Artes, de Paris, numa das suas ultimas sessões, reuniu alguns membros da Igreja, em numero que mereceu referencia na Imprensa.

E um jornalista anotou as côres das vestes eclesiasticas, da maneira que segue: de vermelho, os cardeais Baudrillard, membro da Academia Francesa, e o cardinal Tisserant; de roxo, os mons. Grente, bispo de Mans, e Ruch, bispo de Estrasburgo; de negro, o abade Colin, matematico, e os abades Brenil e Chabot; de branco, os dominicanos padres Sertillanges e Schetel.

Quanto ás ideias politicas dos academicos deve-as haver de todas as côres, branca, azul, vermelha e — de meias tintas.

* * *

E STA publicado o numero fim-de-ano da «Juventude» que, pela quantidade e qualidade da sua colaboração, marca um exito fora dos nossos hábitos.

* * *

N O edificio da Biblioteca Nacional inaugura-se amanhã, ás 15 horas, a exposição dos trabalhos dos alunos da Escola de Belas Artes.

A RAIZ DO DENTE

Uma das condições para viver tranquilamente, sem arrefecimentos no sangue ou sem estremeções do simpatico, é poder contar com o dia de amanhã. Ou seja fazer os seus calculos, traçar os seus planos, gizar, enfim, o programa da sua labuta cá em baixo, na prévia certeza de não ir bater com o nariz nalguma porta entaipada ou de não ir ter a alguma rua Particular, estrangulada a meio do caminho.

E, se é assim nas coisas minimas do interesse privado, como não o ha-de ser nas coisas grandes do interesse publico? Se é arreliante fazer o seu orçamento mensal — um tanto para a renda e um tanto para comer e vestir, um tanto para isto e um tanto para aquilo, mais uns pózinhos aqui e mais uns pózinhos ali — e chegar ao fim de quinze dias com a bolsa quasi despejada, não é menos arreliante ser inibido de calcular com segurança os seus encargos fiscaes, sobretudo quando eles tenham de ser muito tenteados, muito pesadinhos, para não esgotarem o fundo que os alimenta.

Vem isto a proposito da celeuma levantada acêrca das ultimas taxas de licença camarária dos estabelecimentos comerciais e industriais (vulgo licenças de porta aberta).

Vejamos o incidente na sua singeleza.

Um dia surgiu a lei n.º 999, de 16 de setembro de 1920, autorizando as camaras municipais a cobrar taxas anuais de licença pelo exercicio do comercio e industria dos bancos, companhias, empresas, estabelecimentos comerciais e industriais, e suas sucursais, filiais, agencias, delegações e correspondencias, sem limite algum. Foi a epoca do maná celeste para toda a gente.

Veio em seguida um aperto da lei n.º 1.453, de 26 de julho de 1923, que restringiu essa taxa á quinta parte (20 %) da colecta da contribuição industrial, e outro aperto do decreto n.º 18.391, de 28 de maio de 1930. Tempos mais asperos.

Até que chegou o dia de S. Martinho e poucas semanas depois o decreto n.º 19.180, de 30 de dezembro de 1930, acabando com esse limite para a Camara de Lisboa. Como a raposa e a cegonha: uma com o tacho das pepas e as outras com a almotolia.

Por ultimo, o codigo administrativo vigente estreitou de novo esse limite, que, para a Camara de Lisboa, não poderá exceder a colecta da contribuição industrial. Nos outros municipios só até 10 % e, tratando-se de sociedades anonimas, até 5 %. Em todo o caso, dada a enorme desproporção, é o que se pode ainda chamar, salvo o devido respeito, uma leizinha de funil, ou o velho criterio: catorze para mim e sete para ti.

Seja como fôr, á moderação do poder central tem correspondido, quasi por toda a parte, a imoderação das autarquias locais. Ou as autonomias não fôssem em geral mais liberais do que a mãe patria!

Nós, entretanto, com a velha pecha de olhar menos aos incidentes (sem que isto represente menos consideração pelas pessoas ou pelos seus legitimos interesses) e mais ás causas originarias, vamos sempre de preferencia á questão anterior, aquela que nos pode trazer a explicação do mal e a sua terapeutica. Tal qual o dentista que, ouvindo o queixoso e suspeitando pela percussão do dente da existencia dum tumor na raiz, tem de ir até lá extirpá-lo.

E sempre caminhando em bicos de pés, para não molestar ninguém, a-pesar-de não podermos impedir que até as pessoas mais prudentes, picadas dalguma comichãozita, concluam, por vezes, apressadamente, pressupondo-nos opiniões e atitudes, que nada autorizava a pressupôr — como sucedeu ainda com o nosso ultimo e inofensivo artigo. Aliás percalços de quem anda á chuva, sobretudo a que vem aos ziguezagues, que não ha capote que lhe resista.

Mas este artigo, embora curto para a avidez dos interessados, já vai longo para a paciencia dos indiferentes. Por isso, limitamos hoje a pôr a questão primacial: Quais devem ser as despesas e as receitas duma camara municipal? O que ensinam os tratadistas e a experiencia administrativa entre nós?

E ponderemos amigavelmente que encher, por um lado, os municipios de recreios e comodidades e mingua-los, por outro, com licenças e multas, é como tratar um doente, por um lado, com um bom reconstituente e, por outro, com uma dieta excessiva, o que leva irremediavelmente ao destino marcado pelo poeta:

«Aqui faz um homem rico
Nesta rica sepultura
Escapava da molestia
Se não morresse da cura».

DIAS FERREIRA

QUE nos deu o ano que hoje finda?

Surpresas, sacrificios, ameaças, bastantes sangue, e duvidas não esclerecidas no capitulo do mundo internacional — no quadro das relações dos povos entre si.

No interior do país, na vida publica portuguesa, e a despeito de não estarmos isolados no mundo, manteve-se a ordem e a paz dos anos anteriores.

1939 surge entre esperanças de muitos, e no meio da descrença dos cepticos e pessimistas.

O futuro é sempre o osso que o homem tem para roer, numa necessidade virtual tornada entretenimento pelo forçado hábito. Roemos nesse osso todas as hipoteses, todas as expectativas. Mas hemos de não abandonar a fé numa compensação relativa, mais ajustada aos esforços que cada um faz, para viver bem com Deus e com os homens, com a lei e com a sociedade, com a consciencia e com a razão.

* * *

O MINISTRO da Guerra do governo inglês, Hore Belisha, fez ha dias a seguinte declaração a um jornalista:

—Tudo vai bem em França; a França é a civilização. A linha Maginot é admiravel, uma cousa unica no mundo. O que é preciso agora é uma linha Daladier do ar.

No mesmo dia Chamberlain declarou que a Inglaterra está habilitada a não consentir a solução dos problemas pela força, e que dispõe de todos os meios, «se houvesse uma guerra», de auxiliar os seus aliados, defender o Imperio e defender-se a si propria.

Como Chamberlain é a negação da prosapia, as suas palavras, combinadas com as de Belisha, provocaram uma certa sensação.

Se é que ainda hoje é possível revestirem-se de sensação as declarações dos homens publicos.

Os factos passaram a um primeiro plano, e a sua eloquencia, em regra, não é de prologo mas de epilogo.

* * *

TENDO estado retido em casa, durante quatro semanas, por motivo de doença, voltou já ao seu gabinete da «Diário de Lisboa» o nosso prezado director sr. dr. Joaquim Manso a quem cumprimos pelas suas melhoras.

Fôram seus medicos assistentes os srs. drs. Ernesto Roma e João Ribeiro da Silva que não se pouparam a esforços, a-fim-de que recuperasse a saude perdida.

* * *

O «DIÁRIO de Lisboa» cumpre o grato dever de saudar os seus leitores, amigos e anunciantes, agradecendo a todos a colaboração que vêm dando ao nosso jornal, e desejando-lhes um Novo Ano prospero e feliz.

As comemorações do Ano Novo

Recital radiofonico do fim do ano

A sr.^a D. Luiza Maria Ferreira Cardoso de Moustier realiza amanhã, às 20 e 30, ao microfone da Emissora Nacional, um recital do fim do ano, com um fundo musical. Serão recitadas poesias de Alberto Diniz da Fonseca, Afonso Lopes Vieira, Antonio Boto, Jeronimo de Almeida e Afonso Lopes de Almeida.

No Belem Club

O Belem Club, fundado há cerca de 40 anos, que tem a sua sede na calçada da Ajuda, 76 a 80, no antigo Teatro Luiz de Camões, vai ser melhorado e renovado.

A nova direcção, presidida pelo sr. dr. José Ferreira Teles Diniz, com a coadjuvação valiosa dos socios, e da população de Belem e Ajuda, vai ajustar o Belem Club às exigencias actuais duma sociedade de recreio, preenchendo em absoluto, os fins para que hoje têm razão de existir tais colectividades.

Assim, o Club vai desenvolver a acção cultural, artistica, instrutiva, beneficente, desportiva, etc., a fim de se tornar, no genero o mais completo.

Inicia a direcção o novo com um bôdo, no dia de Ano Novo, às crianças pobres das freguesias de Belem e Ajuda, para o qual já se acham inscritas cerca de trezentas crianças, as quais serão distribuidos brinquedos e um lanche, de leite com cacau, ou leite com café, bolos, sandwiches, rebugados, roupas, etc.

Os paroquianos de Belem e de Ajuda, socios ou não socios, têm entrada livre, na sede do Club, no dia de Ano Novo, para assistirem ao lanche às crianças, que têm começo às 13 horas, a fim de abrilhantarem tão simpática festa.

Um «réveillon» no Royal

No Royal Cine haverá «réveillon», para o qual já estão inscritas numerosas pessoas. Esta interessante festa de fim do ano é dirigida e organizada pelo popular actor Antonio Gois, que ornamentou lindamente a sala.

Freguesia de Santa Isabel

A Junta da Freguesia de Santa Isabel veste e calça amanhã duzentas crianças, de ambos os sexos, escolhidas entre as mais necessitadas da freguesia. Em seguida, às 13 horas, ser-lhes-á oferecido um almoço na cantina do Liceu de Pedro Nunes, e haverá no salão de festas do mesmo liceu uma sessão de cinema infantil, variedades, canto coral por alunos e alunas do liceu e internados de instituições de beneficencia da freguesia e distribuição de brinquedos.

Associação Luis Braille

Amanhã, pelas 15 horas, realizar-se-á na sede da Associação de Beneficencia Luiz Braille a habitual sessão solene anual para distribuição de donativos a socios invisuais mais necessitados e vestuario a quarenta filhos dos mesmos, seguida duma merenda, para a qual foi convidado o chefe do distrito, bem como outras entidades.

MOBILIAS DA GRANJA

Modelos de incomparável beleza sempre por preços fora de toda a concorrência. Visite as Exposições. Em Lisboa: Calçada do Sacramento, 6 (ao Chiado). Em Coimbra: Av. Navarro, 41.

SOLAR DA ALEGRIA Telefone 2 4290

A MELHOR CASA DE FADOS DE LISBOA

Apresenta em Grandiosa «Soirée» — despedida do ANO VELHO — Natalia dos Anjos, Lucilla do Carmo, Carmen Santos, Frutuoso França e Mario José. GUITARRAS PELO GRUPO PRIVATIVO Grandioso baile privativo dos Ex.^{os} Espectadores, abrilhantado pela Orquestra Jazz Alegria. ENTRADA POR PESSOA 5\$00. Grande ceia opiparramente servida por 20\$00. NOITE DE ALEGRIA — NOITE DE FESTA — NOITE DE FADO. A orquestra tocará ininterruptamente depois das 9 horas.

Amanhã, 1.º DIA DE ANO NOVO — (Ambiente familiar) — Grandiosa «matinée» e «Soirée» com Maria Carmen, Maria Repromissa, Manuel Cascais e Manuel Caixto. Como na noite anterior. GRA. DIOSO BAILE. Os melhores programas são os do SOLAR DA ALEGRIA. Que ninguém falte nestas noites ao SOLAR.

Retiro da Severa

Telefone 2 5979

Hoje formidável espectáculo de Fados e Guitaradas.

GRANDE REVEILLON!!!

Baile abrilhantado por uma orquestra Jazz. Grande ceia de fim de ano. Oferta das tradicionais UVAS.

Brindes a todos os Ex.^{os} Clientes

Entrada por pessoa 5\$00

CONSUMO 2\$50

No RETIRO DA SEVERA!!!

CAFÉ MONDEGO — Tel. 2 5676

HOJE às 21: Maria Repromissa, Jaime Silva, Fernando Egreja e Antonio Santos, o dia a gargalhada. Amanhã: «matinée» das 15 às 18 e 30.

NUMEROS PREMIADOS NA LOTARIA DE HOJE

4619 1.000.000\$
4618
4620 Aprox. ao 1.º premio 2.700\$
9874 80.000\$
567 30.000\$

Premiados com 5.000\$00
2435 3652 6091 6102 6492 7722 9714
9842 11165 12330

Premiados com 2.000\$00
248 252 387 1008 2337 2662 2890
3426 3663 4099 4830 5539 5941 5965
6636 8094 8130 8139 8290 9050 9192
9472 9932 11068

Premiados com 1.000\$00
354 2036 2148 2516 2624 3368 3462
3472 3883 4498 4576 4954 5244 5851
5927 6508 6688 6815 6884 7153 7645
7686 7755 7923 7971 8575 8901 9371
9721 9957 10202 11357 11538 11548
12068 12215 12354

Premiados com 800\$00
DEZENA
11 42 94

CENTENA
101 108 145 153 174 229 258 268 273
276 324 344 360 376 415 448 451 470
508 510 558 621 627 693 639 647 670
681 718 721 723 727 731 732 746 763
853 897 902 905 917 927 932 933 980
981

MIL
1004 1006 1092 1093 1109 1128 1138
1151 1154 1185 1194 1215 1222 1243
1253 1263 1264 1297 1303 1322 1357
1379 1400 1402 1432 1438 1460 1478
1483 1485 1542 1550 1560 1574 1597
1617 1639 1642 1644 1654 1671 1698
1737 1743 1783 1785 1956

DOIS MIL
2008 2033 2059 2075 2089 2137 2143
2208 2239 2263 2269 2286 2335 2339
2346 2359 2394 2399 2421 2430 2439
2505 2527 2578 2646 2656 2674 2741
2749 2751 2768 2773 2784 2859 2862
2863 2869 2871 2933 2960 2967 2976
2985

TRES MIL
3011 3012 3042 3054 3121 3127 3254
3261 3308 3320 3335 3348 3360 3362
3383 3390 3409 3460 3524 3553 3575
3581 3596 3658 3681 3700 3709 3722
3725 3740 3741 3798 3799 3831 3851
3855 3876 3894 3928 3936 3957 3975

QUATRO MIL
4005 4009 4053 4080 4107 4108 4121
4143 4224 4231 4304 4308 4313 4325
4329 4353 4359 4370 4407 4421 4468
4502 4527 4548 4575 4582 4585 4594
4605 4607 4623 4629 4634 4646 4647
4652 4661 4668 4732 4748 4749 4760
4782 4791 4825 4832 4844 4864 4882
4900 4914 4921 4928 4944 4953 4995

CINCO MIL
5019 5031 5048 5061 5112 5183 5185
5198 5201 5265 5282 5299 5302 5327
5330 5352 5365 5367 5377 5397 5425

5439 5441 5474 5483 5484 5490 5496
5497 5520 5532 5534 5553 5604 5646
5661 5665 5730 5751 5794 5835 5837
5838 5846 5883 5885 5887 5946 5979

SEIS MIL
6019 6031 6047 6054 6061 6070 6085
6097 6100 6111 6124 6152 6155 6158
6172 6180 6194 6195 6204 6205 6210
6220 6247 6266 6282 6367 6371 6379
6418 6454 6457 6525 6548 6564 6570
6573 6581 6596 6618 6619 6683 6686
6695 6699 6705 6715 6729 6735 6755
6763 6826 6842 6858 6866 6888 6911
6911 6960 6990

SETE MIL
7009 7030 7077 7081 7108 7111 7123
7136 7160 7185 7239 7243 7298 7309
7315 7316 7325 7393 7398 7413 7419
7430 7439 7472 7516 7530 7536 7540
7551 7593 7599 7617 7635 7646 7663
7725 7775 7805 7809 7826 7832 7835
7896 7925 7928 7967 7986 7998

OITO MIL
8015 8033 8053 8055 8109 8118 8121
8152 8234 8248 8253 8264 8274 8321
8338 8344 8351 8365 8372 8389 8396
8439 8456 8463 8487 8504 8518 8556
8566 8589 8596 8600 8613 8634 8662
8674 8677 8695 8705 8707 8750 8758
8759 8770 8772 8787 8792 8793 8822
8832 8833 8847 8848 8857 8876 8914
8920 8949 8999

NOVE MIL
9031 9064 9072 9135 9212 9233 9263
9296 9317 9354 9382 9439 9440 9493
9504 9510 9525 9572 9588 9605 9628
9693 9694 9706 9736 9739 9762 9770
9808 9845 9850 9863 9894 9911 9924
9965 9976 9979

DEZ MIL
10003 10009 10015 10045 10116 10178
10211 10214 10269 10276 10281
10314 10395 10402 10475 10497
10510 10538 10572 10577 10635 10638
10642 10654 10675 10678 10690 10739
10765 10786 10809 10828 10833 10864
10865 10883 10895 10939 10949 10950
10960 10963 10986

ONZE MIL
11012 11020 11022 11028 11036 11054
11065 11069 11074 11137 11177 11186
11242 11251 11272 11284 11316 11329
11332 11338 11343 11366 11372 11389
11391 11393 11394 11395 11438 11441
11457 11481 11508 11511 11514 11533
11552 11562 11564 11581 11602 11670
11677 11704 11710 11714 11732 11748
11760 11816 11843 11850 11861 11877
11892 11935 11977 11980 11989

DOZE MIL
12071 12099 12101 12111 12120 12127
12167 12198 12222 12242 12258 12278
12282 12283 12285 12304 12311 12314
12332 12333 12357 12370 12399 12409
12420 12421 12432 12441 12446 12454
12460 12470 12478 12479

Os numeros cuja terminação seja em 8, 9 e 0 têm o premio de 400\$00, por corresponderem ao primeiro premio e suas aproximações.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 1.—Circuncisão.
Lausperene, está na igreja de Nossa Senhora do Socorro; às 9, missa de Paz; às 18, «Te-Deum», por musica.
S. Domingos, às 13, «Te-Deum».
Chagas de Cristo, às 11, «Te-Deum».
Sacramento, às 12 e 30, «Te-Deum».

DEPOIS DE AMANHÃ, 2.— Santíssimo Nome de Jesus.

Lausperene, sai da igreja de Nossa Senhora do Socorro para a de S. Cristovão.
Socorro, às 11 e 30, missa solene, procissão e bênção.

S. Cristovão, às 11, missa da recepção do Lausperene; às 18, Terço de benditos.

Gremio de Trás-os-Montes

Realiza-se hoje, às 22 horas, a festa de inauguração da nova sede do Gremio de Trás os Montes, na avenida Elias Garcia, 135, onde foi a legação da Belgica. A festa é gratis, havendo invulgaes atractivos.

CHIA CELESTE UMA DELICIA!

NOVIDADE LITERARIA

A LIVRARIA BERTRAND apresenta esta semana, como novidade literaria de 1938.

“DERRADEIROS VERSOS,”

de Albertina Paraíso

Livros a cobrança. Catálogos gratis.
R. GARRETT, 73 — LISBOA

TEM MAQUINA FOTOGRAFICA?

Empregue pelculas «Veritas» e evitara decepções.

Preços:

6,5 × 11..... 7\$50
6 × 9..... 6\$00
4 × 6,5..... 5\$30

Os rôlos, que vendemos, revelamos gratuitamente.

Enviem-se encomendas à cobrança.

FOTOGRAFIA ACHILES

Avenida Almirante Reis, 1.º do n.º 1

As andorinhas no Bolo Rei da Pastelaria Dália simbolizam a Paz e a Felicidade para 1939.



ANISSETTE — BANANA
BAUNILHA — CREME
MOKA — CREME DE CACAU
BITTER — FERNET, ETC., ETC.

São produtos Martini
São licores excelentes

A VENDA NAS MERCEARIAS, CAFÉS, BARS, ETC.

Prove-os, faz favor

ABADIA

Amanhã, 31, Grande Ceia de gala. Dia 1: Jantar grande, com Ementa especial-super.

Reservam-se mesas

Continúa na grande maré da sorte o feliz e popular

QUIOSQUE TIVOLI

E A

SUA SUCURSAL

da RUA DA PRATA, 171, vendendo hoje o

3.º PREMIO

567 com 30 contos

Numero certa desta casa e recebido da Casa Gouveia & Silva.

O 2.º Premio da Lotaria do Natal foi igualmente vendido nestas felizes Casas.

CAFÉ LISBOA

Ceia especial—ANO NOVO—«Reveillon»

Optimo serviço de Bar e Restaurante

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

O cinema português tem de ser essencialmente alegre, moço, livre de preconceitos, e, até, passe o paradoxo, revolucionário nos seus processos. Tem de corresponder à alegria da nossa gente, ao sol da nossa terra, ao sentimento da nossa raça. «Aldeia da Roupa Branca» corresponde a todos estes requisitos. Em vez duma história artificial da cidade, a cronica viva duma terrinha safoia, branca como a roupa das suas lavadeiras, com descantes e romarias, trigaes e levadas, um fiozinho romântico, entretecido de outro de intriga que, suavemente, emmanha a acção, ora fazendo-nos sorrir, ora, com doçura, chocar um pouco. A musica é da melhor que se tem gravado em película. O dialogo foi escrito por um mestre. Ramada Curto. Quanto a interpretação dizem-nos que é primorosa. Veremos agora qual é a recepção do publico. Vai ser, certamente simpática, porque a obra corresponde em absoluto à mais genuína expressão da alma portuguesa.

«Werther», no Eden

Pai Goethe, com o seu romantico «Werther» pela mão, ante o tribunal das gerações anteriores á nossa, por muitos estragos morais e físicos

cos haveria de responder. Quantas pistolas não foram disparadas pela propria mão que antes havia escrito a sua ultima carta, e muitos vezes folheado as cartas da novela dominante!

As modernas gerações, desportivas e positivistas, difficilmente compreenderão a influencia de «Werther», o romantico que á pequena cidade alemã de Wetzlar chegou um dia, com Rousseau na algebeira, o violino debaixo do braço e o amor no coração.

Carlota houvera hoje rôto o compromisso com juiz seu noivo, e se não rompesse, nem este tomaria tão a peito o idílio da mulher, nem «Werther» apontaria a pistola ao proprio peito.

Difficil se torna, portanto, contar á gente de hoje a historia dos tristes amores de Werther e Carlota, e justo é começar por reconhecer que o alemão Max Ophuls soube fazê-lo no cinema, dando o ambiente romantico necessario, sem pieguices hoje incompreensíveis, interessando todas as camadas, aquecendo ao calor amoroso até aquelas já mais geladas pela materialidade dos tempos presentes.

Abandonando a musica que Massenet escreveu, socorreu-se Max Ophuls da dos grandes compositores aproximadamente germanicos para compensar a impressão auditiva da lingua francesa já que para a visual dispôs apenas de actores franceses: Pierre Richard Willm, que nos deu um Werther compativel com a compreensão actual; Annie Vernay, uma Carlota realmente espiritual; Jean Galland, Jean Périet e outros bons actores. E, assim mesmo, conseguiu dar-nos o ambiente geral, e o da pequena cidade, com os serões musicais do presidente do

tribunal, os bailes, as tabernas e «cabarets» por onde Werther passeia a sua dôr, embriagando-a com vinho e mulheres, tudo com côres proprias, a partir da velha mala-posta em que o pobre romantico ali surge.

Além do exito cinematografico da estreia de «Werther», teve ontem o Eden o de dois magnificos documentarios: «Desportos na neve», o melhor que temos visto no genero, e disso temos visto muito, e «Roma», em technicolor, admiravel.

Muitos, e «Roma», em technicolor, admiravel. Os complementos-vivos do Eden, ontem representados por uma fantasia oriental em varios quadros bem explicados pela perfeita dicção de Sales Ribeiro, devem agradar quando, passada a impressão da estreia, tiver passado o nervosismo do seu realizador, Silva Sanches, assim impedido de cantar e bailar de modo a convencer a plateia.—Visor 37.

Atrás do reposteiro

—Começaram os preparativos para a «tournee» do proximo ano, ao Brasil, da companhia Beatriz Costa, organizada pela empresa José Loureiro.

—Na proxima terça-feira realiza-se, no Trindade, a recita dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses, e na quarta-feira a festa dos cronistas mundanos Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques.

—Varios artistas projectam constituir-se em grupos diferentes para a realização dos espectaculos do Carnaval, quer em diversos teatros da provincia, quer nos teatros e cinemas de Lisboa e Porto, para o que contam com o patrocínio do Sindicato dos Artistas Teatraes.

—Começam na proxima segunda-feira, sob a direcção do realizador Rosa Mateus, os ensaios da nova revista do Variedades, «Ehl Reall», que tem como primeira figura a actriz Beatriz Costa.

—O Sindicato Nacional dos Artistas Teatraes, por intermedio do seu presidente, significou ao sr. inspector dos Espectaculos o seu desagrado

(Ver continuação no 6.º pagina)

Hyde Park

NIGHT-CLUB

S. Pedro do Estoril

Fim do Ano — **Dancing**

Mesas giratorias
Serviço de bar
a preços moderados

As andorinhas no Bolo
Rei da Pastelaria Dália
simbolizam a Paz e a
Felicidade para 1939.

MARIA VITORIA

AMANHÃ 3 espectaculos

UM CONDE DE JONHESBURGO

«Matinée», ás 4 horas — Duas sessões
A's 8,45 e 11 horas

Palavras e Notícias de Cinema

Palavras dum grande critico

PALAVRAS de Paul Reboux sobre o grande filme «Idolos do Estadio», 1.ª jornada de «Olimpiadas», que se anuncia para breve:

«Devemos escrever: «Uma obra prima de tecnica e de arte? Ou, antes: «Uma obra prima de arte e de tecnica? Deve dar-se a prioridade ao extraordinario virtuosismo fotografico de que deram provas os operadores de Madame Léni Riefenstahl? Deve considerar-se o mérito da grande artista que escolheu estas vistas, que as ordenou com tanta inteligencia tacto e gosto?»

«Não vos falarei longamente deste filme. Ireis vê-lo. E' preciso vê-lo. E' impossivel não o ver. E' uma das maiores recordações cinematograficas da minha vida.

«Ah! Como é animador poder saudar enfim, após tantos anos de tentativas, realizações onde a arte dos cineastas se liberta e se caracteriza! «Até aqui, podia acreditar-se que o «écran» não passava de uma especie de illustração luminosa, animando qualquer coisa que participava da cronica, do drama ou da opereta.

«Soubemos, graças a «Branca de Neve», que as mágicas podiam ressuscitar. Acabamos de compreender, que magnifica força de evasão pode dar ao homem um filme como «Olimpiadas».

«Pensai que todo o tempo dos Jogos Olimpicos está resumido em duas horas de espectáculo! As emoções de um publico apaixonado, os feitos magnificos dos atletas do mundo inteiro, as corridas pedestres, os saltos, os jogos antigo—lançamento de disco e de dardo—tudo isso nos é apresentado em imagens engenhosas, impressionantes, perfeitas! Apaixonamo-nos por estas rivalidades. Segue-se sem um segundo de distração esta successão de feitos heroicos. E tem-se a impressão de que, graças a um filme como este, o homem se torna superior ao homem. O que um ser humano é incapaz de realizar, consegue-o esta obra.

«E' uma reportagem sublime!».

Mil vedetas num filme só

MIL vedetas e um milhão de figurantes, num só filme! Esta noticia que á primeira vispode parecer uma brincadeira atrevida, é, no entanto, a expressão exacta da verdade.

Em «Idolos do Estadio», o filme de Léni Riefenstahl sobre os Jogos Olimpicos, podem admirar-se os melhores atletas de todas as nações, a disputar provas com uma tenacidade, uma coragem e um encarniçamento que provocam a cada instante os aplausos dos espectadores; mil vedetas que foram o assunto de crónicas nos quatro cantos do mundo, quando das ultimas provas da mais formidável reunião atletica de todos os tempos; e para os ajudar, os encorajar, os empurrar para uma victoria ardentemente disputada, um milhão de espectadores comprimidos no imenso Estadio, onde os seus idolos evoluçionavam, um milhão de pessoas, arrebatadas pelo mesmo entusiasmo, gritando a sua alegria ou a sua decepção.

O filme de Léni Riefenstahl mostra-nos estes «figurantes» sob os aspectos mais imprevisos, mais inéditos; eles tomam parte na acção e, embora longe do recinto reservado aos jogos, lutam com todas as suas forças, animam com os seus gritos e os seus gestos, aqueles que desejam ver ganhar; admiráveis figurantes, que em impressionantes imagens nos provam com que paixão eram acompanhados os esforços da mais bela juventude do mundo. «Idolos do Estadio» permitem hoje, a todos os espectadores, viver duas horas na companhia daqueles que se classificaram entre os melhores atletas do universo: o magnifico Jesse Owens, o flexivel Johnson, o tenaz Meadows e muitos outros mais.

A estreia de «Idolos do Estadio»

A estreia de «Idolos do Estadio» realiza-se na proxima terça-feira, no «São Luiz», em recita de gala, organizada pelo Comité Olímpico Português e pelo Legação da Alemanha, com a assistência de sua Excelencia o sr. Presidente da Republica Membros do Governo e Corpo Diplomático.

Vai ser, sem duvida, o maior espectáculo de gala, organizado nos ultimos tempos.

A decoração da sala foi confiada ao illustre artista Baltazar Rodrigues. Da Alemanha vieram expressamente, para esse fim, bandeiras e insignias olimpicas.

Para este espectáculo, encontram-se desde já os bilhetes á venda. A estreia oficial do filme é no dia seguinte, quarta-feira, segundo nos informa a Empresa do «São Luiz». Os assinantes de estreia têm os seus bilhetes guardados para este dia.

TEATRO NACIONAL

HOJE — às 9 e 30 da noite — HOJE

A abrir o espectáculo, 1.ª representação nesta época, da peça em 1 acto do dr. Julio Dantas

ROSAS DE TODO O ANO
seguido-se a representação do monumental exito **A 3 H LENAS**
com Nascimento Fernandes

Am nh — A's 8 e 11 horas — Am nhã

«Matinée» A fantasia infantil em 3 actos e 12 quadros
O gran te exito **PIMPINELA**
As crianças até aos 10 anos, quando acompanhadas de suas familias, têm entrada gratuita. O teatro «stá sempre» aquec do

VARIEDADES

HOJE — A's 8,45 e 11 horas

A revista g'oriosa do Lisboa

Ó meu rico S. João!

com

BEATRIZ COSTA

Amanhã — Dia do Ano Novo
«Matinée» Beatriz Costa e Duas Sessões

APOLO A's 8 e 45 e 11 horas

A DANÇA DA LUTA

Amanhã: Dia do Ano Novo
«Matinée» e Duas Sessões

OLIMPIA CLUB

GRANDE «REVEILLON» COM ESMERADO SERVIÇO DE CEIAS

Noite de estonteante alegria com o concurso das artistas

HEIDE SISTERS **ELROY SISTERS**

Gentilissimas bailarinas alemãs Formosas bailarinas inglesas

a PASTELARIA DÁLIA

Cumprimenta os seus Ex.ºs Clientes e Amigos, desejando-lhes um feliz Ano Novo

PROGRAMAS DE HOJE



HOJE, às 21,30 — Telef. 27172

O Estudante de Oxford

com Robert Taylor, Maureen O'Sullivan e Lionel Barrymore

4. semana

3 raparigas modernas

com Deanna Durbin

CENTRAL
TEL. 24381

Telef. 24381 — A's 21 e 30

ODEON

A's 21 e 15

Telef. 2 6283

PALACIO

A's 21 e 30

Telef. 4 7163

TERRASSE

Telef. 2 0917

Super-produção historica italiana de extraordinaria grandesa

Direcção de Carmine Gallone com Annibale Ninchi, Camillo Pelatti, Iea Miranda e Francesca Braggiotti

Scipião, o africano

Revolta na Índia

Só vivemos uma vez

Revolta na Índia

Só vivemos uma vez

TIVOLI 60 anos de gloria

A's 21 e 15

TELEF. 5 0595

fime colorido com Anna Neagi e Anton Walbrook

POLITEAMA O Corsario Lafitte

com Frederic March, Franziska Gaal e Akim Tamiroff

A's 21 e 15

Telef. 26305

REX Quero sonhar contigo

Telef. 2 9656

A's 21 e 15

Demonios do mar

Preços especiais (de tarde e a noite) excepto domingos e feriados

LYS Revolta na Índia

Telef. 48560

Só vivemos uma vez

CASINO ESTORIL Não se realiza espectáculo de cinema por virtude das festas de Ano Novo

EDEN

A's 21 e 30

Telef. 2 0768

WERTHER

com Annie Vernay e Pierre Richard Willm (os protagonistas de Tarakanova)

COMPLEMENTOS VIVOS

CONDES

A's 21 e 30

Telef. 2 2523

Atribulações dum galucho

com Duvallès, Suzanne Dely, Felix Oudart e Marguerite Temple

CAPITOLIO

Telef. 2 7493 A's 21

Alerta no Mediterraneo

Festa Brava

Saudação ao Ano Novo com serpentinhas e uvas

PARIS

A's 20 e 45

O incendio de Chicago

A pequena Irlandesa

ROYAL

Telef. 45037

A's 21

ENTRE DUAS PAIXÕES

ESPERTALHONA

Balle até de madrugada com ceias

Opiniões da Imprensa

Sobre as construções navais alemãs

O «Jour-Echo de Paris» diz:

«O Reich não dá na sua nota, em que pede à Inglaterra a igualdade de tonelagem em submarinos, quaisquer explicações ou informações. Espera-se que os peritos alemães dêem como razão oficial o aumento do poder naval da U. R. S. S.»

Outros, porém, pensam que deve tratar-se de uma simples ameaça e que o Führer quer obrigar a Grã-Bretanha a mostrar-se mais conciliadora».

O «Excelsior» escreve:

«E' quasi certo que a Alemanha conseguirá o direito de construir submarinos até à tonelagem global britânica.»

A Inglaterra ver-se-á, por isso, na obrigação de modificar o seu programa de construções navais.

A declaração do rearmamento naval britânico só poderia conseguir-se modificando-se as relações actuais entre a administração da armada britânica e as sociedades construtoras.

Ora a verdade é que daqui até março, e talvez mesmo em seguida à reabertura do parlamento será criado um ministério do abastecimento para substituir o ministério da coordenação da defesa nacional. Será assim adoptado o projecto que foi posto de parte em outubro».

O «Figaro» afirma:

«A Inglaterra conhece o perigo alemão. Acaba de ser tocada no ponto sensível. O Reich, a pretexto de assegurar a sua defesa, pode agir mais livremente do lado de leste e, ao mesmo tempo, pensar em dominar o mar.»

A Inglaterra e o Imperio têm, de futuro, o III Reich como seu principal concorrente e eventual adversário.

Por isso já não receíamos as «travagens» de Londres sobre Paris e contamos, pelo contrario, com um prodigioso esforço britânico para assegurar a liberdade dos mares».

«L'Ordre» informa:

«A atitude alemã é a confirmação da política ambiciosa do Reich relativamente à Africa. Para executar essa política precisa ter uma poderosa frota submarina. Como é que os últimos pedidos alemães podem conciliar-se com a paz de Munique?»

A Alemanha mostra, mais uma vez, o que devemos pensar e esperar da sua política de aproximação».

Sobre as reivindicações italianas

O «Jour-Echo de Paris» declara:

«Devemos encerrar a eventualidade de um ataque italiano contra Djibuti. Por mais louca que pareça esta hipótese, temos que considerá-la.»

Nada deve ser descurado para indicarmos claramente à Italia que a nossa resposta seria, imediata e total, noutros pontos.

Talvez haja quem pense que este alarme é prematuro.

No mundo de hoje lamenta-se, porém, muitas vezes não fazer, a tempo, prova de firmeza».

«L'Ordre» escreve:

«Precisamos declarar intimamente que não ha qualquer litigio fundamentado, mas apenas pretensões gratuitas de que não podemos tomar conhecimento sob a ameaça de insultos».

A «Action Française» declara:

«A Italia desejava que Chamberlain inteirasse entre ela e a França como se fosse obrigação sua dar razão às teses italianas. A Inglaterra tem tanto interesse como a França em não ver a Italia instalada na Tunisia, na Somalia ou em Djibuti. De resto, se a Italia tem alguma coisa a dizer-nos, François Poncet encontra-se em Roma para esse efeito».

UMA HOMENAGEM

Levada a efeito pelo pessoal dos Serviços de Fiscalização de Pesos e Medidas, realiza-se hoje, pelas 17 e 30, naquele estabelecimento do Estado, uma homenagem ao inspector sr. engenheiro Alvaro de Almeida Cruz.

Ao acto assistirão o director geral da industria, sr. engenheiro Fausto Almeida de Alcantara Carreira, e os funcionarios da mesma direcção geral.

O ANO BOM NO «YORK BAR»

A mais alegre passagem do ano será no York Bar, (o mais elegante), R. Serpa Pinto (ao Chiado) Telef. 2 7793. Incontestavel serviço de mesa a preços fixos, «Jantares e Ceiás». O Barman Perelra oferece a todos os seus clientes o New Year's cocktail com votos de um ano feliz 1939.

ABERTO TODA A NOITE

O MOMENTO INTERNACIONAL

Realizaram-se hoje em Berlim

conversações anglo-alemãs

sobre os problemas navais

LONDRES, 31.—O Foreign Office comunica: «Realizou-se ontem de manhã uma reunião no ministério da Marinha alemão entre os delegados da Grã-Bretanha e o Reich para discutirem certas questões relativas ao acordo naval anglo-alemão de junho de 1935 e o de julho de 1937. As conversações decorreram numa atmosfera das mais amistosas. Os representantes dos dois governos exprimiram a sua opinião relativamente aos problemas em causa e o governo alemão dará dentro em pouco resposta definitiva por escrito».

Não obstante a falta de qualquer indicação oficial, ha motivo para crer que as conversações não modificaram sensivelmente a posição alemã no que respeita a submarinos, dando-se o mesmo com os cruzadores da categoria A.—(Havas).

ROMA, 31.—Perth, embaixador da Grã-Bretanha, conferenciou com o conde Ciano. Segundo os circulos bem informados, Perth teria posto o conde Ciano ao corrente das conversações de Berlim entre os peritos alemães e ingleses acerca do aumento da frota submarina alemã.—(Havas).

A proxima viagem do primeiro ministro britânico

ROMA, 31.—Como certos jornais tivessem anunciado que Chamberlain, por ocasião da sua viagem a Roma, tentaria obter do Duce a retirada dos combatentes italianos em Espanha, o correspondente em Berlim do «Piccolo» lembra que o governo italiano, quando da retirada dos 10.000 combatentes italianos, afirmou que aquele gesto unilateral não se seguiria mais nenhum e que a retirada dos combatentes estrangeiros devia ser plurilateral. «A Italia» escreve aquele jornal—precisa o caracter definitivo daquele gesto. Pode-se, pois, aguardar com serenidade perfeita e ironia a falencia da manobra à margem do proximo encontro de Roma».—(Havas).

As esperanças de Chamberlain

LONDRES, 31.—«O ano que termina foi um ano difícil para o mundo inteiro e podemos felicitarmo-nos de que a paz fosse preservada e que no fim do ano a Grã-Bretanha esteja mais forte a todos os respeito do que no principio deste ano»—declarou Chamberlain em mensagem telefonada de Swintonhall para uma reunião que se celebrava em Royal Hall, em Harrogate. «Entraremos imediatamente no Novo Ano»—disse. Tenho fé que seja não só um ano pacifico mas um ano feliz para todos e posso assegurar que o governo em cujo nome falo fará todo o possivel para que seja assim».—(Havas).

A industria aeronautica italiana

ROMA, 31.—Na inspecção das fabricas de aviação de Brindisi, o general Valle, sub-secretario de Estado da Aeronautica, declarou que o Duce decidiu dobrar a importancia destas fabricas assim como o pessoal especializadinho que empregam».—(Havas).

Envio de tropas senegalesas para a Somalia francesa

MARSELHA, 31.—A multidão aclamou esta manhã as tropas senegalesas que vieram de Toulon e que vão embarcar para Jibuti. Um destacamento de caçadores alpinos prestou as honras, desfilando os senegaleses perante o general Orly, comandante da 15.ª região, e as autoridades civis e militares. Aquellas tropas coloniais embarcaram nos vapores «Sphynx» e «Chantilly», cuja partida está prevista para o meio dia.—(Havas).

O «DIARIO DE LISBOA» NA FRENTE

«A guerra pôde durar um pior dos casos, no verão esta afirmou-nos o heroico gener

TERUEL, 11. (Atrasado).—E' um ponto qualquer da frente de Teruel, cuja linha abrange cerca de trezentos quilómetros, e na qual estão empenhadas nove divisões, comandadas pelo general Varela. O vencedor de Toledo, o homem que chegou ás portas de Madrid, e repeliu o inimigo no Jarama, libertando mais tarde esta velha cidade aragonesa, recebe o «viriato» Botelho Moniz e o jornalista, afectuosamente. Almoçamos no quartel general, num ambiente calmo, duma discreta elegancia feminina. Varela preside, Sorri menos, mas nada perdeu da sua simpatia electrizante, que galvaniza os soldados, atirando-os para a vitoria, na hora em que ela parece mais tremula ou distante. Ainda usa a mesma caçadora de camurça, de Talavera, mas, a mais, duas lindas «laureadas» de brilhantes, que fulguram no seu peito heroico. E' o unico general espanhol que reúne aquelas condecorações. A seu lado direito senta-se «madame» Botelho Moniz e, nos outros lugares, indistintamente, as duas irmãs do general, o jornalista, o comandante Arana, novo e elegante, o tenente-coronel Garcia de Vega, official rigido, a quem os jornalistas portugueses, um dia alcunharam de Mustafá Kemal, tão flagrante é a sua semelhança com o famoso jovem turco, e o coronel Infante, chefe do Estado Maior, em cuja face se pode estudar em pormenor a topografia duma agitada existencia militar, que já leva, seguramente, meio século. O almoço, animado duma charla de viva simpatia, decorre rapido como uma operação de guerra. Se a irmã mais velha do general, que ficou á nossa direita, conseguiu colocar no meio da mesa, um ramo de flores, em homenagem á senhora portuguesa, ele, decerto, ordenou ao criado um serviço instantaneo, como numa cozinha rolante de campanha. Varela come sobriamente. Varias vezes interroga Botelho Moniz sobre Portugal, com uma nuance de simpatia. O valoroso «viriato» desponde, desenhando a nossa terra em grande relevo. Leva-o ás colonias, passeia-o pelo Brasil, e cita as ultimas estatisticas demograficas. Varela está encantado!

Durante algum tempo sou, apenas, um sofrego convidado, almoçando ás quatro horas da tarde, não por culpa do amavel anfitrião, mas dum automovel, que, em plena carretera, entre Vila Franca e Sintra, já na zona da vanguarda, resolveu immobilizar-se com grossa avaria no motor. Quando chega o café, Varela, que até então nada inquirira de mim, absorvido pela conversa de Botelho Moniz, dispara-me á queima-roupa:

—Portela, quando é que publica outro livro?

—Talvez agora, se o sr. general me der as duas primeiras paginas duma entrevista!

Esta resposta merece-lhe um sorriso. As senhoras já, então, se tinham levantado. Queriam ver Teruel, templo de ruínas, que devíamos enxergar numa noite dramatica, estremeando de horror. Varela pôe-se de pé, e nós seguimo-lo, atravessando varias salas, recobertas de grandes mapas, com varios teatros de operações, de escala gigantesca, iluminados como se fossem ribaltas. Num, a linha nacionalista está demarcada com uma fita de seda, com as duas cores nacionais, e a vermelha, a cordão azul, com flechas, circulos, triangulos e quinconcios, numa geometria deveras abstrusa.

—Pregunte o que quiser—diz Varela ao chegar ao seu gabinete, prendendo o olhar azul na minha pupila investigadora, enquanto se senta, tranquilamente, num «maple» baixo e profundo. Este homem enche-me d admiração. Não tem medo dos jornalistas, como não tem medo das balas. As duas «laureadas» refulgem-lhe no peito, um pouco mais abaixo do sitio onde foi ferido, na Casa de Campo, por um «tank» russo, a oitocentos metros de distancia. Segundo projectil da mesma maquina de guerra: o braço terceiro projectil: a prena. Continuou com o Zeiss, sorrindo, e só quando entrou no automovel, avisou os officiais:

—Estou ferido!



GENERAL VARELA

Foram vinte dias em Grignon, e quando saiu, ainda sem alta, foi comandar a batalha do Jarama. Isto não é ele quem conta, mas o comandante Arana, no automovel, através da noite lugubre de Aragão, sem luzes na terra, nem estrelas no céu.

—O que quer saber?

—Meu general: quando acaba a guerra? E' uma pergunta que trago de longe de Portugal. Não é uma banalidade, não, uma necessidade sabê-lo.

Rapido, rebrilhando o olhar como a lâmina leal duma espada, que se tira da bainha por um motivo de honra:

—Pode terminar num mês!

Não me espanto. Varela foi sempre optimista, acusado até disso, mas admirável optimismo que tem forjado a vitoria, mesmo antes de ser uma realidade. A vitoria das almas, que é tão definitiva nos campos de batalha!

—Isso significa que está para muito breve uma ofensiva?

—Naturalmente, e que pode ter efeitos decisivos. Suponha que a rotura se dá na frente da Catalunha, e que a nossa vitoria corresponde a que de Barcelona? O que sucede? Ficamos com vinte divisões livres, que empregaremos nas operações do centro.

—Madrid primeiro que Valencia?

—Não, o contrario. E' preciso seccionar essa via de comunicação com o mar, que alimenta a capital.

—Desculpe, sr. general, mas eu,—opinio d epaisano—acho que Madrid tem mais importancia que a Catalunha...

—Não creia isso! Barcelona está em comunicação com o estrangeiro. Recebe dali muita coisa, tem fabricas, centros militares importantes. Abatê-la será apressar o fecho da guerra.

—Acredita que se dê na retaguarda vermelha um desmoronamento?...

—Não contamos com ele! A nossa vitoria será obtida nos campos de batalha.

—O reconhecimento da beligerancia aos nacionalistas seria dum grande alcance?

—Sem duvida, m asalcance puramente moral. Os dirigentes vermelhos especulam com o apoio da França e da Inglaterra para obter reacções favoraveis da sua opinio publica. Se ele não vier, continuamos contando, apenas, com as nações amigas.

—Qual o efeito da ofensiva vermelha no Ebro?

—Retardou a marcha sobre Valencia. Antes havia rompido três vezes a frente, numa grande extensão, e três vezes o céu foi contra mim, desfazendo-se em temporais.

—E se agora fizerem outra ofensiva?

—E' possivel que a façam, e retardem a execução do nosso plano. Ha que contar com isso!

—Teruel é uma frente estabilizada?

—Não! Sarrión, por exemplo, foi uma

A CATALUNHA

**mes. Mas, no
terminada!»**

Varela

poisa seria. Duas divisões romperam as linhas e passaram. Situação gravíssima! Uma maior profundidade no ataque, e Teruel seria de novo envolvida. Então, em San Sebastian. No mesmo dia do ataque vermelho, cheguei à frente, era meia noite. Mandei atacar pela retaguarda do inimigo. Falaram-me nos flancos. Mas a guerra, sabe, não é, apenas, uma ciência. Se o fosse toda a gente sabia fazê-la. É uma arte de criação, de improvisação. Flancos?... Se o inimigo pensar também em assegurar-se, nunca se travarão batalhas. Pois ataquei-os pela retaguarda...

Junta os punhos, nervosamente, rápido, como se cortasse a manobra dum exercito inimigo.

—Vinte e quatro horas depois a situação estava restabelecida. Voltávamos às linhas que, anteriormente, tínhamos ocupado. Havia milhares de prisioneiros.

—E agora?

—Pensaram antecipar a nossa ofensiva, fazendo um ataque sobre as minhas tropas. Mas desistiram. Tiveram medo! Eu estou aqui! Sei até que retiraram forças desta zona para as levar para outro lado... Pergunte mais, ande!

—O sr. general conserva-se aqui?

—Por agora, sim!

—E Valencia?

—Espero que serei eu quem a tome!

—Diga-me, em numeros concretos, quais os efectivos dos vermelhos?

—Um cento e quarenta divisões: entre setecentos a oitocentos homens.

—Mas não os acha agora mais aguerri-

dos, com maior poder militar?

—Sem duvida! O soldado espanhol é sempre bom, esteja onde estiver. Conseguiram formar oficiais no estrangeiro, e chamar para Espanha, mestres franceses de tactica, que em leccionado numerosos cursos. Mas não importa: o nosso «mando» é melhor que o deles. A mesma superioridade na infantaria, aviação e artilharia. Ficam-lhes as armas automaticas!

—A sua opinião sobre Mijas?

—Não vale nada! É um *viejo flaco*, figura meramente representativa, a quem os estrangeiros «assepram» os planos.

—E Rojo?

—Muito inteligente, mas sem coração. Duma frieza deshumana. Conheço-o muito bem!

—General, e se a guerra não terminar num mês, se a ofensiva prevista corresponder uma contra-offensiva, cuja hemorragia tem de ser, imediatamente, estancada?

Varela, agudo no sorriso:

—Terminará no proximo verão!

A ultima pergunta:

—Porque não entraram as suas tropas em Madrid, em novembro de 1936?

O seu olhar azul, que não se desvia, acompanha as palavras. Está ali um homem, *todo um hombre*.

—Foi uma cartada que se jogou cedo demais! Tinha, apenas, cinco mil homens, e eles duas brigadas internacionais, que entravam frescas, além de milhares de milicianos. Entrava em Madrid, decerto, mas as minhas tropas seriam dizimadas nas ruas, em combates de traição, entre as esquinas e os telhados. Não era já uma questão de inteligencia, porque essa fôra resolvida, mas de força. Apenas de força!

Falou o general dos exercitos de Castela, como sempre, resolutivo e audacioso. É certo que nem sempre reproduzimos as suas palavras, mas, propositadamente, porque entendemos que o jornalismo também tem os seus limites. Os acontecimentos, porém, podem infringi-los. Aguardamos, porque não teremos muito que esperar.

ARTUR PORTELA

EXPERIMENTE

CHA BUDDHA

DECK - BAR

nas Arcadas do Parque do Estoril

GRANDE REVEILLON NO DIA 31

Marque a sua mesa pelo telefone Est. 366

Aberto toda a noite

A LOTARIA DO ANO NOVO

OS MIL CONTOS

couberam ao n.º 4619

e foram para o Porto e Braga

A lotaria do Ano Novo, apesar de cair sobre a do Natal, esgotou-se. Hoje não havia uma cautela nos cambistas. E poucos eram os numerosos apregoados nas ruas!

Pode dizer-se que jogaram todos aqueles que a lotaria anterior contemplou com alguma quantia. E também os que ainda não desesperaram de ser ricos. De resto, os 2.730 contos—total dos prémios—exercem um poder de sugestão a que é difícil fugir.

Os esperançados em que a sorte se lembrasse deles compareceram esta tarde na Misericórdia. O seu numero era tão grande que cá fora, no largo, ainda ficou uma grande multidão. Foram ali com o proposito de ver como aquilo era. A sala da extracção encheu-se por completo. Uma senhora vestida de negro, rosto macerado, que estava na galeria, amarrota nervosamente entre as brancas mãos, um decimo, e conferia o numero com todos os numeros que saíam... Foi a ultima pessoa a sair, após um derradeiro olhar para as esferas cor de oiro!

Preside á extracção o sr. Sebastião Alfredo da Silva. E' representante da autoridade o sr. dr. Manuel Dias Ferreira. Secretários: Manuel Maria Anjos e Artur Paiva. Pregoeiros: Joaquim Granecho e José da Rocha. Representantes do povo: Pedro Amado e João Dias.

12 horas. Começam a rolar, compassadamente, as esferas. Os numeros enchem o espaço lançados pela voz forte dos pregoeiros. De numero para numero paira na sala um silencio angustioso. Espregam-se os 1.000 contos.

4594 e 9225 são as primeiras bolas que saem. Premios inferiores. Outros se seguem. E, ás 13 e 5, cabe ao numero 9.874, o 2.º premio, 80 contos. Ninguém se acuse. A sorte foi para longe, para o norte, desde Porto a Braga.

Prossegue o movimento pendular das esferas, agora, mais ligeiras, com um peso de contos inferior. Saem apenas os premios pequenos—aqueles que, em ultimo recurso, já contentam quem joga...

Às 14 horas, ha uma pausa. Os pregoeiros estão roucos e os assistentes cansados. Pouco depois, os srs. Mano Moreira da Silva e Manuel Afonso, continuam a faina, cantando o primeiro os numeros, replicando o outro os premios.

Saem alguns premios de um, dois e cinco contos. A «taluda» não tem pressa—gosta de fazer sofrer...

Finalmente, ás 14 e 25, o pregoeiro Moreira da Silva anuncia naturalmente o 4.619, mas o seu companheiro Manuel Afonso responde, num tremor de voz, 1.000 contos.

O barulho é de ensurdecer, por momentos. Breve, a calma volta. Mas a extracção deixou já de oferecer interesse. Sabe-se que esse numero foi para uma casa do Porto e de Braga—tal como o 2.º premio—e que um vendedor côxo, do norte, vendera metade do bilhete a uma pessoa que não sabe quem é, e o restante a varios desconhecidos que o adquiriram, hoje, quasi á hora das esferas iniciarem o seu movimento de fortuna.

Pouca gente ficou na sala. O 3.º premio, o 567, apenas saiu ás 15 horas. Cinco minutos depois acabava a extracção—venturosa para poucos, desoladora para muitos!

Importante burla

A proposito dum caso de falsificação de assinaturas e passagem de cheques sem cobertura que esse deu em Alcaer do Sal, escreve-nos o sr. Joaquim Antonio Correia Junior para nos informar que a questão está affecta aos tribunais, onde se deve esclarecer. O sr. Correia Junior propõe-se demonstrar que tanto os factos como a sua natureza e significação moral e juridica surgiram deturpados e pede aos seus amigos que aguardem a decisão do tribunal para formarem o seu juizo.

Viajantes

Chegou hoje do estrangeiro o architecto sr. João Faria da Costa, a quem os seus amigos prestaram uma bela recepção.

FESTAS DO FIM DO ANO

O presidente

da Camara Municipal
assistiu ao festival realizado
no quartel de Sapadores Bombeiros

Na estação de Sapadores Bombeiros da avenida Presidente Wilson realizou-se esta tarde uma festa dedicada aos filhos dos bombeiros, por contributo destes, pelo que a festa teve acentuado cunho de solidariedade.

No terreiro da Estação estava armada uma Arvore de Natal, com brinquedos, e distribuidos, por mesas, pratinhos de arroz doce e pacotes de bôlos, vendo-se sentados em volta as familias dos bombeiros.

Às 16 horas, compareceu ali o presidente da Camara Municipal, sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho, acompanhado do director dos Serviços Tecnicos Especiais, engenheiro Judá Ruah, aos quais foi prestada guarda de honra, sendo recebidos pelo comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros, capitão Gomes Marques; 2.º comandante, capitão Ribeiro Viana; e pelo adjunto tecnico, tenente Firmino da Silva.

Procedeu-se depois á distribuição de brinquedos e de volumes de roupa e, entre a alegria da petizada, foi-lhes servido o arroz doce, que comeram com os bôlos. Contentes e lambuzados das gulodices, divertiram-se os meudos, e divertiram as suas familias, neles se revendo os pais, contemplando as vidas das suas vidas, não esquecendo a divisa heroica e abnegada do Batalhão: «Vida por vida».

A simpática festa foi ainda animada pela Banda de Sapadores Bombeiros, que executou as mais alegres peças do seu repertorio.

Na Companhia Nacional de Navegação

A administração da Companhia Nacional de Navegação realizou hoje, no refeitório do pessoal, no Cais da Fundição, uma linda festa para os filhos dos operarios, que constou de distribuição de agasalhos, brinquedos e dum lanche aos pequenitos de 3 a 10 anos. Ao centro do refeitório encontrava-se uma linda arvore, vistosamente ornamentada com brinquedos. Foram contempladas duzentas e cinquenta crianças.

Depois, realizou-se um jantar oferecido aos empregados da Companhia. Assistiram á distribuição dos brinquedos todos os membros da direcção e funcionarios superiores da Companhia.

Trabalhador afogado

FIGUEIRA DA FOZ 30.—Hoje, pelas 18 horas, quando os jornaleiros Antonio da Silva Gomes, da Figueira, de 24 anos, saltava para um dos barcos que fazem serviço nas obras do Porto e Barra desta cidade, onde era trabalhador, caiu á agua, morrendo afogado, apesar das tentativas feitas para o salvar.

Coite Encarnado

Telefone 2 168

HOJE: Grande noite de fim de ano. Cenas. Cantam DEONILDE GOUVEA, ALEINA FERREIRA, FRANCISCO DOS SANTOS, o «de» da gargalhada, e JULIO DUARTE e 4 gentis «girls» em ballados regionais. AMANHA: «Matinée» e «soirée». Fados e Variedades.

Sorte Grande e Imediata

4619 1.000 contos
9874 80 contos

Vendidas na feliz

Casa da Sorte de Braga

e na sua SUCURSAL do Porto, rua

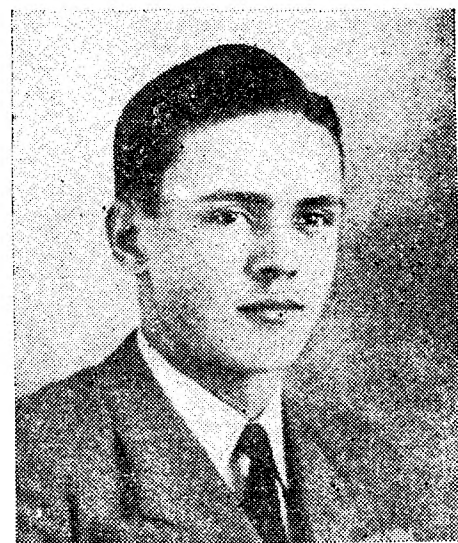
Sampaio Bruno, 37.

UMA CENA DE SANGUE

FOI AGREDIDO A TIRO

ficando gravemente ferido

um neto do conde de Mesquita



Henrique Sousa Macedo

Esta manhã, pouco depois das 10 horas, deu-se uma cena de sangue na escada do prédio n.º 15 da rua da Escola do Exército, que pôs em alvoroço todos os moradores da referida rua. Muitos destes chegaram ás janelas, atraídos por quatro tiros de pistola disparados com pequenos intervalos. E outros correram para a escada, enquanto esta era invadida por diversos populares que foram encontrar, á entrada, um rapaz estendido e banhado em sangue.

Tratava-se do estudante sr. Henrique Maria Moreira de Carvalho Costa Sousa Macedo, de 17 anos, filho do sr. Luiz Antonio de Sousa Macedo e da sr.ª D. Sara da Costa de Sousa Macedo, e neto do sr. conde de Mesquita, que mora no terceiro andar esquerdo do referido prédio.

O agressor, sr. João Herculano de Moura, residia no terceiro andar direito. E nada fazia prever a cena de hoje, porque eram ambos amigos e visitavam-se.

Pelas declarações das testemunhas da cena, o caso passou-se assim:

O estudante descia a escada despreocupadamente, na companhia do seu amigo e vizinho sr. José Antonio Andrade Pinto Ferreira Passos, com quem combinára dar um passeio a cavallo. De repente, foram surpreendidos por 4 tiros, disparados pelo seu vizinho sr. João de Moura. Uma das balas entrou pelo pescoço do sr. Henrique de Sousa Macedo, saindo-lhe pela face; outra alojou-se-lhe no peito e uma outra nas costas. A quarta bala feriu, de raspão, no braço direito, o sr. Ferreira Passos.

O sr. Sousa Macedo foi imediatamente conduzido ao hospital de S. José, onde os medicos de serviço empregam todos os esforços para o salvar.

O agressor, após o seu acto, entregou-se á prisão.

Furto de 60 contos

FARO, 30. Da pagadoria da Direcção Hidráulica do Guadiana desapareceram misteriosamente 60 contos em notas do Banco de Portugal, sem que se saiba como o furto se deu.

O pagador sr. Fundado apresentou queixa á P. L. C., prevendo-se a requisição dum agente da Polícia de investigação Criminal.

Automovel Club de Portugal

Comunica-se aos Ex.ªs Sócios que a partir do dia 1 de Janeiro de 1939, a unica Estação de Serviço e Garage oficial do Club, na Capital, será a Lisboa-Garagem, Limitada, na Rua Rodrigues Sampaio, n.ºs 142 a 152.

Chamamos a atenção de todos os sócios para a leitura do aviso que sobre o assunto, será publicado no proximo numero da Revista «A. C. P.».

A DIRECÇÃO

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa do Cartaxo (D. Maria), condessa de Campo Belo, D. Sara da Mota Vieira Marques, D. Mary Andresen de Bregaro, D. Adalgiza Pinto Letie Salusse, D. Maria da Madre de Deus de Melo e Castro Faro, D. Beatriz Consiglieri Pedroso de Pina, D. Adelina Pinto Leite da Fonseca, D. Maria das Dores Pais de Sande e Castro, D. Maria Julia Martins Cotelin e Carvalhosa, e D. Beatriz Rebelo Correia.

E depois de amanhã as senhoras:

Condessa de São Miguel, D. Francisca Pereira da Silva (Bertiandos), D. Maria Henriqueta Infante da Camara Taborda, D. Sstela Jardim Hintze Ribeiro, D. Julieta Sofia Cerqueira de Vasconcelos Ribeiro de Meneses, D. Maria Eliza dos Santos Leitão, D. Julia Pereira de Lima Caiola e D. Maria de Sales da Camara Berquó.

RECITA ELEGANTE

No Trindade

Prossegue amanhã e segunda-feira, das 16 às 19 horas, no atirio do teatro da Trindade, a troca dos cartões provisórios pelos bilhetes definitivos para a recita elegante que na noite de quarta-feira proxima, se efectua nesse teatro, dedicada aos cronistas mundanos e nossos colegas de redacção Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, na qual se representará pela ultima vez a peça «Um homem fatal».

NA COSTA DO SOL

Festas mundanas

Hoje á noite, realiza-se no salão do restaurante do Casino Estoril, a tradicional «Ceia do Fim do Ano», para a qual estão tomadas quasi todas as mesas. Amanhã de manhã, a nossa primeira sociedade, tanto de Cascais e Estoril como de Lisboa, dará ponto de reunião, depois da missa, no Tamariz, onde tomará o costumeado aperitivo para o almoço, na esplanada ou no novo «bar» do balneario. A tarde e á noite, respectivamente reunir-se-á no salão do restaurante do Casino Estoril, á hora do «chá dançante» e do «cantar de gala», seguido de baile.

CASAMENTOS

Celebrou-se na paróquia de São Mamede, o casamento da sr.^a D. Ludovina Almeida e Silva, gentil filha da sr.^a D. Ludovina Brito Almeida e do sr. Antonio José da Silva, já falecido, com o sr. Manuel Correia Marques, funcionario do Credito Predial Português, filho da sr.^a D. Ana Maxima Correia Marques e do sr. Francisco Marques. Foram padrinho, por parte da noiva, o sr. José Viegas, socio gerente da Sociedade de Produtos Farmaceuticos e sua esposa, e por parte do noivo a sr.^a D. Madalena Colares Pereira Iglezias de Oliveira e o distinto engenheiro sr. Fernando Iglezias de Oliveira.

Finda a cerimonia foi servido um finissimo lanche, na elegante residencia da mãe da noiva. Os noivos, a quem foi oferecido grande numero de artisticas prendas, seguiram para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

DOENTES

Foi operada pelo cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves a menina Maria Margarida Brandão.

Acabo com as sardas, usando produtos «DORLAN» — Berlin. AGENCIA «DORLAN» — Rua da Prata, n.º 198, 2.º. Telefone 2 0956.

Não fará frente
À CHUVA

de florite na mão...



A única forma de eficazmente se defender da chuva é adquirir uma boa gabardine CONTINENTAL. Pelo seu corte distinto e elegante dá aos homens que a usam um aspecto desportivo, decidido, moderno. Protege dos aguaceiros sem causar demasiado calor e evita que os fatos se manchem, deformem e inutilizem. Pela alta qualidade do tecido impermeabilizado e da firmeza das cores não há melhores gabardines que as

Gabardines CONTINENTAL

Depositários e Distribuidores Gerais:
GABARDINES CONTINENTAL, LIMITADA
Rua da Assunção, 99, 2.º, Esq. — LISBOA
Telefone 2 2377

Graças ao brinde do fôrro desmontável em pura lã, os compradores de **GABARDINES CONTINENTAL** dispensarão o sobretudo.

DE LUTO

Antonio de Oliveira Serra

PONTE DO SOR, 30. — Faleceu ontem á noite, repentinamente, o proprietario, desta vila, sr. Antonio Pita de Oliveira Serra, que contava 77 anos de idade. Era viuvo e natural de Alcaravela, e ha muitos anos que residia nesta vila, onde possuia propriedades.

O seu funeral, realizado hoje, foi muito concorrido.

O extinto, que gozava de gerais simpatias, era pai da sr.^a D. Arminda Pita Pais Branco, casada com o sr. Antonio Pais Branco, tambem proprietario nesta vila.

BRINDES E CALENDARIOS

Dos srs. Alfredo Alves & C.^a (Filhos) recebemos dois artisticos calendarios, que agradecemos.

A Moreninha CAFÉS E CHÁS

R. dos Fanqueiros, 348

A todos os seus clientes e amigos deseja as melhores BOAS FESTAS.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

Espectaculos

(Continuação da 3.ª pagina)

por vêr anunciados dois espectaculos de fado para o teatro Avenida, nas noites de hoje e amanhã.

—Seguiu hoje para o Porto o director-gerente do Sá da Bandeira, Mario Pedro, que veio tratar de futuros espectaculos neste teatro.

—Em três espectaculos, «matinée» e duas sessões, representa-se amanhã, no Maria Vitoria, a opereta de José David e Cesar de Mendonça, «Um conde de Johannesburgo», parodia a «O conde de Luxemburgo», de Franz Lehar.

—Na grande festa do Ano Novo que hoje se realiza no Olimpia Club tomam parte as formosas artistas Heide Sisters, bailarinas alemãs, e Elroy Sisters, bailarinas inglesas.

—No espectáculo de hoje no Capitólio colaboram os populares artistas Hortense Luz e Carlos Alves.

—A entrada do ano é festejada no Coliseu, amanhã, com a imponente «matinée» do Ano Novo, em que se distribuirão brindes ás crianças e em que têm entrada gratuita as que forem acompanhadas por suas familias e não excederem a idade de 10 anos.

O «Reveillon», hoje, no Trindade

O «Reveillon» elegante de Lisboa realiza-se hoje, no Trindade, com a consagrada comédia «O homem fatal» realizada pelos artistas Irene Isidro, Erico Braga, Abilio Alves, Ribeirinho e Alberto Ghira nos principais papeis. A meia noite, na passagem do ano de 1938 para 1939, com todos os artistas da companhia, em cena aberta far-se-á a evocação do Carnaval e «The Happy Crysmas», proferido pelo primeiro actor Erico Braga. Amanhã, festejando o primeiro dia do ano de 1939, ás 21 horas e 45, realiza-se a ultima representação de «O homem fatal», para reunião das primeiras familias de Lisboa.

A Embaixada do Fado no Avenida

O elenco completo da Embaixada do Fado que hoje se estreia, em duas sessões, no Avenida, é o seguinte: citadeiras, Berta Cardoso, Maria do Carmo Torres, Arminda Vidal, Rosa Maria, Adelina Ramos e Leonilde Gouveia; cantadores, Alberto Costa, Alberto Ribeiro, Julio Proença, José Porfírio, Domingos Silva, Modesto Maia (o Fadista marinho), Francisco dos Santos (Humorista) e Xavier Pinto (o Rouxinol do Minho); bailarinos fadistas, Mariluzia, e Ramos Lino e uma orquestra de guitarras com os «ases» Armandinho, José Marques e Abel Negrão. Amanhã, a «Embaixada do Fado» apresenta-se em «matinée» e duas sessões.

A penultima noite de circo, hoje, no Coliseu, e amanhã, a «matinée» do Ano Novo e, á noite, a despedida da companhia

Graças aos seus numeros de invulgar merito artistico e em que ha interessantissimas surpresas, a companhia de circo do Coliseu, que é a ultima da temporada, mantem até á sua despedida o successo alcançado nos primeiros espectaculos. Hoje é a penultima noite. Amanhã: ultimo dia, com a imponente «matinée» do Ano Novo, em que se distribuem lindos brindes ás crianças; e, á noite, despedida da companhia. Preços populares. Bilhetes á venda.



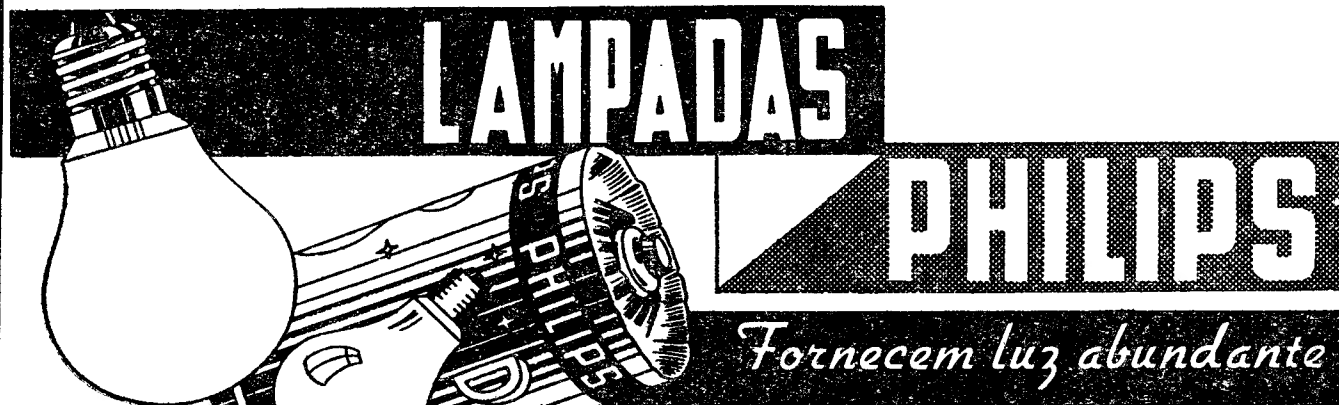
Emilia de Jesus Formigal

FALECEU

R. I. P.

Maria Emilia Formigal Alves Pimenta, marido e filhos, Amelia Rosa de Jesus Formigal Moraes e filhas, Fernando Rodrigues Formigal e filhos, Manuel Rodrigues Formigal e filhos, Julia Virginia Formigal, Antonio Maria Rodrigues Formigal, sua mulher e filhos, José Maria Rodrigues Formigal, sua mulher e irmãos, Ana Formigal Luzes, seu marido e filhos, e mais familia, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua extremecida e saudosa mãe, sogra, avó, irmã, cunhada e tia, cujo funeral se realiza amanhã, domingo, ás 11 horas, da rua da Lapa, 110, para o cemiterio dos Prazeres.

P. N. A. M.



LAMPADAS PHILIPS

Fornecem luz abundante

São economicas e duradoiras

A lampada **PHILIPS** é aquela que o publico português prefere; e, por ser a que melhor o serve, ele não pede uma lampada... qualquer,

pede uma **PHILIPS**

Mercedes

A MELHOR

J. Gonçalves L^{da}

R. do Amparo, 66-3 — tel. 14786



ESTRANGEIRO

Depois da com da tome
CANA IMPERIAL
aromática envelhecida em
cascos
Depositar: A. L. Simões & Pina, L^{da}
Rua das Flores, 22 LISBOA

De ontem para hoje

Em Lisboa

- Entre o sr. Presidente da Republica e o Rei Jorge VI foram trocados calorosos telegramas de saudação.
- Realizaram-se, em varios pontos, cerimoniaes comemorativas do Natal e do Ano Novo.

Na provincia

- No Porto morreu um operario e ficou ferida uma rapariga por se ter desmoroado a parede de um deposito de carvão.

No estrangeiro

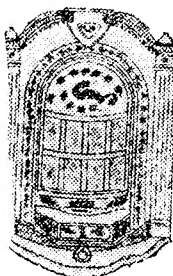
- Afirma-se que o general japonês Doihana foi encarregado de negociar as condições de paz com Wang-King-Wei.
- O Fuchrer dos alemães de Memel convidou estes a empenharem-se na luta pela libertação do territorio.
- Foi preso na Dinamarca, como contrabandista, o secretario do consulado da Romenia em Antuerpia.
- Foi criada mais uma região militar em França.
- Sobre Granadella foram derrubados treze aviões marxistas.

Noticias de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 31. — A Camara Municipal desta cidade está estudando a criação de um corpo de sapadores bombeiros em substituição do corpo de salvação publica, criado em 1911.

Pretende-se que o novo organismo seja devidamente apetrechado e constituído por individuos seleccionados, cujas funções se não limitem apenas à extinção de incendios, mas estejam também aptos a prestar todos os serviços resultantes dum estado de guerra. — (S. P. N.).

Salamandras e fogões de sala para aquecimento de:



Casas de habitação, escritórios, casas de campo, hospitais, etc.
Podendo queimar combustiveis baratos.
Lindos modelos. Boa ornamentação.

FABRICAS VULCANO e COLARES

Carlos Alfredo da Silva, L^{da}

Largo Conde Barão, 13

a 17 — LISBOA

Telefones 60131-6132



NAS BÓAS RELOJOARIAS E OURIVESARIAS

Restaurante Timpanas

RUA DO SAUTRE, 16-18

Telefone 4 3256

Nova gerencia. Almoços e Jantares a 6\$00 com menus à escolha. Aceitam-se comensais. Dia de Ano B m jantar especial da casa 8\$00. Manda-se ao domicilio

A Hungria e a Checo-Eslovquia

BUDAPESTE, 31. — A agencia telegraphica hungara anuncia que os naturais checos de todas as raças que poderiam ser condenados pelos tribunais militares ou civis por delitos politicos ou deserção, espionagem, etc., recebem individualmente uma nota autografa do Regente, amnistiando-os. Entram no mesmo caso os processos por delitos ou crimes semelhantes que estejam ainda correndo. Esta decisão foi tomada em applicação da convenção de amnistia concluida entre a Hungria e a Checo no dia 23 do corrente. — (Havas).

A SITUAÇÃO EM FRANÇA

A lei de finanças

PARIS, 31. — No estudo dos artigos adicionais á lei de finanças a comissão de finanças da Camara dos Deputados aceitou o texto que permite á administração conceder remissões ou moderações relativamente ao principio dos impostos directos. Aprovou diversas medidas que interessam aos cultivadores e adiantamentos ás comunas. Admitiu a modificação das taxas do visto dos passaportes. — (H.).

Goebbels fala hoje

BERLIM, 31. — Por motivo do Novo Ano o dr. Goebbels pronunciará hoje das 19 ás 19 e 15 uma allocução ao povo alemão, que será radiodifundida por todos os postos alemães. — (Havas).

A odisseia dos judeus

BERLIM, 31. — O governo alemão impõe novas restrições aos judeus residentes na Alemanha, proibindo-lhes que se dediquem ao cultivo de jardins no Reich. — (United Press).

Novidades cinematograficas

«Mamá Colibri»

Foi a illustre actriz Palmira Bastos quem fez em Portugal o principal papel de «Mamá Colibri», estreando-se nele em 22 de dezembro de 1922.

O «Tromp» chega no dia 3

Deve chegar ao Fejo, no dia 13 de janeiro, o cruzador da marinha de guerra holandesa «Tromp».

1.ª Edição de «OS LUSIADAS»

Lello & Irmão, Editores, rua das Carmelitas, 144 — PORTO e Allaud & Lellos, L^{da}, Litvirois, rua do Carmo, 80 a 84 — LISBOA

Declaram:

Que necessitam urgentemente conhecer o numero exacto de exemplares que terão de imprimir das preciosas edições deste famoso livro.

Que não sera nenhum exemplar posto a venda, mas sim todos eles gentilmente oferecidos aos nossos presados clientes em conformidade com as condições ja do conhecimento publico.

Que pelas razões acima expostas, a tiragem sendo limitada a essas pessoas, deve a mesma coincidir com o seu numero, motivo pelo qual somos obrigados a fixar definitivamente uma data.

Que toda a caderneta que não dê entrada nos nossos escritorios até 15 de Janeiro proximo, perde todos os direitos ás referidas edições.

Que até a 15 de Janeiro prox mo fica ampliada a distribuição dos selos para as mesmas. Que todos os nossos estimados clientes da nova modalidade de vendas N. T. N. F. V., assim como do Lello Universal, receberão a tempo os selos correspondentes aos seus ultimos pagamentos.

As relações comerciais

germano-sovieticas

BERLIM, 31. — Parece que este ano as relações comerciais germano-sovieticas atingiram o «record» do marasmo. Segundo os calculos do gerente da repartição russa de Berlim, o major Tschumme, as exportações alemãs para a Russia, de janeiro a setembro de 1938, atingiram 21 milhões de marcos e as exportações russas para a Alemanha 34.700.000 marcos. Para todo o ano de 1937, as exportações atingiram 117 milhões e as importações 65 milhões de marcos. Além de razões politicas, o major Tschumme atribue as causas de tal marasmo ás grandes demoras de entrega da industria alemã, á baixa das dividas externas russas e a conjunturas favoravel do seu commercio externo. «E manifestou—declarou aquele funcionario—que devido ás fracas possibilidades de fazer encomendas no Reich, os sovietes têm pouco interesse este ano em entregar materias primas ao Reich». — (Havas).

As finanças inglesas

LONDRES, 31. — A Tesouraria anuncia que no dia 30 de setembro de 1938 o Fundo de regularização de cambios tinha 21.684 mil onças de ouro e o Serviço de emissões do Banco de Inglaterra 76.844 mil, ou seja um total de 98.528 mil onças no valor aproximado de 690 de libras. — (Havas).

A gripe na Polonia

VARSOVIA, 31. — Declarou-se na Polonia uma epidemia de gripe derivada do frio e das mudanças bruscas de temperatura. Em Varsovia a molestia atacou 130.000 pessoas. — (Havas).

O trafico dos estupefacientes

WASHINGTON, 31. — Os agentes do Tesouro de Savannah (Georgia) apreenderam a bordo do navio italiano «Arsa» 5 quilos de estupefacientes, no valor de 100.000 dolares. — (H.).

OS QUE MORREM

Baudry de Saulnier

PARIS, 31. — Faleceu a noite passada nesta cidade Baudry de Saulnier, redactor-chefe da revista «Touring Club de Franco». — (Havas).

No Extremo Oriente

A declaração de Wang-King-Wei

CHANGAI, 31. — A declaração de Wang-King-Wei causou viva emoção entre os observadores estrangeiros e chineses que emitem as seguintes hipóteses: 1.ª—Que a referida declaração coloca Wang-King-Wei na situação de chefe da opposição ao Kuomintang com um programa essencialmente ant-comunista e que comporta, nomeadamente, a conclusão da paz com o Japão e a orientação politica da China, no sentido dos países totalitarios; 2.ª—Que certos circulos, especialmente os niponicos, entendem que Wang-King-Wei, e Chang-Kai-Chek estão de acordo e que a declaração não passa dum balão de ensaio com vista a negociações a favor da paz.

Numerosos chineses, porém, contradizem esta ultima hipótese e sublinham a firmeza da declaração de Chang-Kai-Chek, de 26 do corrente mês. Os jornais—que reproduzem a declaração do Wang-King-Wei, sob forma sensacional—declaram que ele cometeu uma verdadeira traição. O jornal «Xin-Xun-Pao» escreve a proposito: «Wang-King-Wei separou-se da comunidade nacional». Outros jornais, pensam que aquele politico chinês poderia eventualmente chefiar o novo governo chinês que se organizasse depois da suspensão das hostilidades. — (Havas).

Os Estados Unidos repelem a politica de acção unilateral do Japão

WASHINGTON, 31. — O Departamento do Estado anuncia que Grew, embaixador americano em Toquio, entregou nova nota ao governo japonês que representa «uma recusa categorica em reconhecer os esforços do Japão para estabelecer uma nova ordem «numa China dilacerada pela guerra». A referida nota—que foi preparada minuciosamente durante um mês pelo Departamento do Estado—é considerada nos circulos politicos como uma resposta definitiva, mas não belicosa, á nota japonesa de 18 de novembro relativa ao encerramento da «porta aberta» na China. Segundo a nota americana, confirma-se que o governo dos Estados Unidos não pode aceitar a revogação de tratados se não fór pela via de acordos internacionais e que, por consequencia, não pode deixar de repellar inteiramente a politica de acção unilateral do Japão. — (H.).

1938

A melhor lembrança do ano que vai findar é uma maquina fotografica.

Para fotografias á noite use películas paucromaticas Perutz e magnésio sem fumo.

ROIZ, LD. A

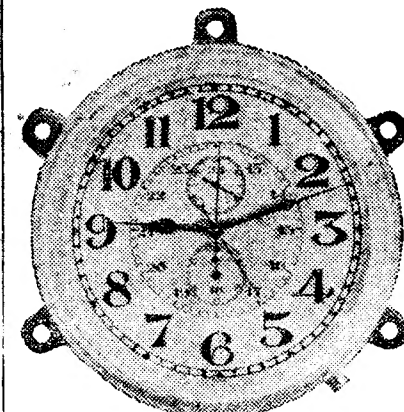
82, Rua Nova do Almada, 84 — LISBOA

Telef. 2 4670

Solas e Saltos

A grande marca para calçado de luxo

A venda em todos os armazens de Solas e Cabedais



LONGINES

10 Grandes Premios
506 Premios de Observatorios

Super som

RADIO

Ouçam! Examinem! e Confrontem
O melhor receptor de T. S. F.Rua da Conceição, 35, 1.º
LISBOA

ULTIMAS NOTICIAS



A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Prossegue o avanço das tropas nacionalistas no sector de Balaguer, na frente da Catalunha

SARAGOÇA, 31.—As informações oficiais chegadas a esta cidade até às 13 horas anunciam que as tropas do generalissimo Franco prosseguiram esta manhã o seu vitorioso avanço por todos os sectores da frente da Catalunha e que até às 11 horas haviam sido conquistadas importantes povoações e diversas posições de grande valor militar. Até essa hora o castigo causado ao inimigo era duríssimo e haviam sido feitos já mais de 400 prisioneiros.

As mesmas notícias informavam que as forças nacionalistas estavam já muito próximas da importante povoação de Borja Blancas. —(United Press).

A vitória de hoje

BURGOS, 31.—Anuncia-se que os nacionalistas tomaram Pueblo de Cubell, na testa da ponte de Balaguer. —(Havas).

Os vermelhos confessam os avanços nacionalistas

SAINT JEAN DE LUZ, 31.—O comunicado hispano-soviético confessa os progressos das tropas nacionalistas nos sectores de Tremp, Balaguer e Lerida e acrescenta que a aviação vermelha atacou, em vôo baixo, as linhas adversárias e abateu vários aviões inimigos. Num outro combate aéreo os vermelhos abateram três aviões de caça nacionalistas e perderam apenas um aparelho. Durante a noite passada a artilharia inimiga bombardeou intensamente a cidade de Madrid. A aviação nacionalista também bombardeou o porto de Valencia. —(D. N. B.).

A dura luta em Madrid

AVILA, 31.—Radio-Nacional «A Z», instalado na frente de Madrid, anunciou que na madrugada de hoje as baterias de artilharia de Burgos bombardearam energeticamente, durante mais de três horas, os objectivos militares de Madrid. São grandes os destroços e incêndios, que mais tarde puderam ser verificados pelos aviadores nacionalistas que voaram sobre a cidade em operação de reconhecimento. A artilharia «vermelha» replicou com violência durante a primeira hora de bombardeamento, mas depois foi obrigada a calar-se, devido à decidida intervenção de duas esquadrilhas de aparelhos de Burgos, que localizaram as baterias inimigas.

Na Cidade Universitária continuou esta manhã com a maior violência o combate ontem iniciado pelos «vermelhos». E' intensíssimo o duelo de artilharia e das metralhadoras. Próximo do Instituto de Agronomia, os «vermelhos» tentaram, pouco depois das 5 horas de hoje, um golpe de surpresa contra as posições nacionalistas. Foram repellidos com rajadas de metralhadora e bombas de mão.

Na Cidade Universitária explodiram, também, duas minas, que não causaram baixas nas fileiras nacionalistas por a sua acção destruidora ter sido anulada pelo serviço de contra-minas de Burgos.

Durante os combates registados na Cidade Universitária passaram-se para as fileiras nacionalistas um tenente e 39 milicianos «vermelhos», com todo o seu armamento. —(United Press).

MADRID, 31.—Segundo as informações oficiais obtidas até agora, verifica-se que o violento bombardeamento a que esta cidade esteve submetida causou 47 mortos e 109 feridos, dos

quais muitos se encontram em estado grave. Nos diferentes bairros de Madrid ficaram destruídas varias casas. —(United Press).

Os bombardeamentos aéreos

MADRID, 31.—Prosseguindo o bombardeamento das aldeias da retaguarda da frente da Extremadura, a aviação nacionalista bombardeou Villanueva del Duque a 12 quilómetros a oeste de Pozoblanco. Bombardeou igualmente Pozoblanco, fazendo vítimas na população civil. Foram destruídas casas. —(Havas).

O ultimo «raid» a Cartagena

BURGOS, 31.—Anuncia-se, oficialmente, que os aviadores nacionalistas que anteontem tomaram parte na incursão aérea contra o porto de Cartagena afirmam que a bordo dos dois cruzadores de Barcelona, ancorados naquele porto, se registaram violentas explosões, depois de terem sido atingidos próximo da meia nau. Estas duas unidades de guerra adornaram e, passado algum tempo, ficaram meio submersas nas águas, pelo que, além de terem sido seriamente atingidas, devem ter sofrido grandes rombos no costado.

O contra-torpedeiro de Barcelona que, também, foi atingido na popa por duas potentes bombas sofreu grandes avarias e parece que a bordo se manifestou um violento incêndio, pois os aviadores nacionalistas verificaram que daquela unidade se elevaram nos ares grandes róis de fumo negro.

As baterias anti-aéreas de Cartagena fizeram um intenso fogo sobre a esquadrilha nacionalista que realizou o ataque, mas nenhum dos seus projecteis atingiu o alvo. Uma das baterias vermelhas foi posta fora de combate, em consequência de ter sido atingida em cheio por uma bomba de 250 quilos. —(United Press).

O combate naval no estreito de Gibraltar encheu de regozijo a Espanha nacionalista

BURGOS, 31.—Toda a Espanha nacionalista acolheu com alegria a destruição do «José Luiz Díez». O general Franco acaba de felicitar por telegrama o comandante do «Vulcano» e de o condecorar com a medalha militar. A tripulação do «Vulcano» foi condecorada, em conjunto, com a medalha militar. O almirante Bastarache entregará brevemente aos valentes marinheiros as medalhas com que foram agraciados. —(D. N. B.).

SALAMANCA, 31.—A Radio Nacional desmente energeticamente a informação hispano-soviética reproduzida por uma agência inglesa, segundo a qual o «José Luiz Díez» teria afundado o lança-minas nacionalista «Júpiter» durante o encontro em frente de Gibraltar. O «Júpiter» —assim acrescenta a Radio Nacional— não tomou parte no combate. O lança-minas «Vulcano» foi o que bateu o navio bolchevista e o pôs em fuga com grandes estragos. —(D. N. B.).

Cerimonia em Algeciras

ALGECIRAS, 31.—Chegou a esta cidade o comandante-chefe das forças navais nacionalistas, almirante Bastarache, que recebeu do generalissimo Franco a incumbência especial de condecorar, pessoalmente, com a Medalha Militar o comandante do lança-minas «Vulcano», D. Fernando Abarzola e com a medalha Militar colectiva toda a tripulação da mesma unidade de guerra nacionalista, pela maneira heroica com pôs fora de combate o contra-torpedeiro vermelho «José Luiz Díez» no combate que sustentou com esta unidade inimiga fora do estreito de Gibraltar.

A imponente cerimonia, que se efec-

tuou ás primeiras horas da tarde de hoje, revestiu-se de grande solenidade. Tomaram parte nela milhares de pessoas e a industria e o comércio encerraram as suas portas. —(United Press).

Repatriamento de voluntarios

PARIS, 31.—Chegaram esta manhã a Paris 100 voluntarios provenientes de Espanha, que vão, ser repatriados nas condições habituais. —(Havas).

Resposta de Franco a uma nota inglesa

LONDRES, 31.—Os meios informados britânicos dizem que o general Franco declara na sua resposta que nunca esteve nas intenções do governo nacionalista o pagamento de compensações pelos estragos produzidos em navios ingleses. A resposta declara todavia que se no bombardeamento de objectivos militares navios britânicos foram atingidos, estes não foram objecto de ataques deliberados. —(H.).

LONDRES, 31.—As autoridades britânicas notam a ambiguidade da resposta de Franco à última nota inglesa sobre a nomeação da comissão destinada a inquirir sobre os bombardeamentos de navios britânicos e fixar as eventuais indemnizações. Com efeito a nota de Franco chegada ontem à noite declara-se «em principio» de acordo para aceitar a formação de tal comissão e finalmente rejeita o plano, que classifica de inútil. Tem-se a impressão de que esta contradição é propositada e que o governo de Burgos quis indicar que estava pronto a fazer um gesto que marcasse «a sua boa vontade», mas que se reservou em seguida o direito de fazer o gesto unicamente se a Grã-Bretanha fizesse um gesto reciprocamente, isto é, dará satisfação a Londres, se obtiver o reconhecimento do direito de beligerancia. Proclamando também que nunca se tratou até aqui de indemnizar os armadores britânicos, o governo de Burgos deixa entrever que a questão poderá ser examinada em certas condições. Na ausencia do Primeiro Ministro e Halifax, os circulos autorizados abstêm-se naturalmente, de comentar a resposta, mas não ha ilusões sobre a significação desta na proximidade da partida de Chamberlain para Roma e da importancia que deve tomar a questão espanhola nas discussões anglo-italianas. —(Havas).

NOITE DO FIM DO ANO
Café Madrid RUA 1.º DE DEZEMBRO
O melhor café a \$60
Grande «REVEILLON», com esmerado serviço de restaurante
Serviço à carta

Centenaria

Com a bonita idade de 109 anos, e com toda a actividade e perfeição, continua fabricando os melhores doces, bolo Rei, broas e muitas mais especialidades desta época centenaria. E' extraordinário que as melhores docarias sejam confeccionadas por quem já passou ao segundo século da sua existência, mas é absolutamente verdade. Acaba de completar 109 anos a Confeitaria Nacional, de Baltazar Castanheiro, na Rua da Betesga, a mais antiga e acreditada casa, não só de Lisboa como de todo o país.

Sucursal do CAFE' TAVARES

(Tavares Pobre)—Tel. 2 9687

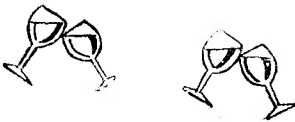
Dia 31 — Ceia completa com vinho branco e tinto. Espumoso Natural Borges e Porto Borges.

Dia 1 — Jantar especial com Porto Borges.



NOITE DE S
SILVESTRE

Logo, ao dar da MEIA
NOITE, brinde com
"porto"—pela sua felicidade no ANO NOVO.
E será feliz!



Como de costume nos
anos anteriores, não se
publica amanhã o

Diário de Lisboa
encontrando-se
fechados os nossos
escritórios e oficinas

LINITA

E' o unico colchão de arame que
tem condições proprias para evitar a
aderencia de parasitas. R. D. Pedro
V., 75. Telefone 2 5448.

REVEILLON
No JARDIM-CINEMA
CEIAS E BAILE

A mais brilhante e animada festa da passagem
do ano

HOJE — Grande REVEILLON com 2 orquestras a portuguesa ALMEIDA CRUZ e a ARGENTINA de CARLOS FLORES.

As melhores atracções.

AMANHÃ, DOMINGO — CHA' DANSANTE com as duas orquestras.
Jantar concerto com ementa especial.

ARCADIA

Voltas que o mundo dá...

1939 -- Ano de cometas e planetas

Que surpresa agradável ou desagradável nos trará este novo ano que vai nascer ali em baixo, no Rossio, logo, à meia-noite, por entre a gritaria da garotada e as buzinas dos automóveis?

A paz ou a guerra? A felicidade ou a desgraça? O fim do velho mundo ou a aurora de mais uma civilização?

E também é muito possível que afinal o novo ano nada nos traga de novo...

Mas não nos percamos em locubrações inúteis; ouçamos antes aqueles que por artes boas ou más logram vislumbrar o futuro através desse pequenissimo buraco de fechadura a que lamentavelmente se limita o presente fugaz de cada instante, de cada hora.

Em Portugal, porém, não há pitonisas, nem magos—senão à margem da lei. Temos assim que os procurar fora de Portugal—em Londres, em Paris, em Berlim, em Viena...

Uma pitonisa de Viena, a senhora Silbiger, anuncia para 1939 o início duma guerra terrível que só terminará em 1942.

Um astrólogo de Paris, o professor «Fatum», declara, em compensação, que ao longo do próximo ano não haverá novas guerras. E ainda segundo o professor «Fatum», que é dum transbordante e soberbo optimismo, não ultrapassará 1939 as duas guerras que actualmente existem. A guerra espanhola acabará sem que haja vencedores e vencidos. A guerra sino-japonesa dará a vitória ao Japão; mas será uma vitória à maneira de Piro—tão dispendiosa e tão sangrenta como uma derrota.

Um faquir que da Índia misteriosa veio para Londres abrir consultório a uma libra a consulta acha que 1939 não se mostrará propício aos que amam a guerra: a China esmagará o Japão; os judeus expulsarão da Palestina os árabes; na Abissínia reventarão revoltas contra os italianos—e a monarquia será restaurada em três países da Europa. Quais? Calcula o faquir que sejam a Rússia, a Alemanha e a Espanha...

Um astrónomo alemão, o dr. Kurt Wilhelm, bate todos os records do pessimismo, calculando que um cometa, visível desde Janeiro ou Fevereiro, avançará sobre a terra com uma velocidade vertiginosa e nos últimos meses de 1939 se chocará conosco, desfazendo-nos em poeira cósmica!

Uma bruxa de Barcelona proclama para 1939 a derrota dos nacionalistas em Espanha, a revolução social em França—e uma guerra entre Portugal

o Japão e a U. R. S. S. auxiliada pelos Estados Unidos!

Uma escritora francesa, Lise Garment, iniciada nos altos segredos do pitagorismo ou aritmomancia, prevê para 1939 o termo da guerra sino-japonesa—mas admite a continuação da guerra espanhola.

Outra escritora, Maryse Choisy, apaixonada pela astrologia como o nosso Mario Saa, coloca 1939 sob o signo de Venus—«planeta que pede colonias». Além disso nomeia Agosto como o mês em que a Alemanha romperá com a Itália—e Dezembro como o mês em que a paz será restabelecida na martirizada Espanha.

De tudo quanto se anuncia—duas coisas, sobretudo, se nos afiguram aterradoras: o cometa que nos vai desfazer—e o planeta, que nos vem pedir colonias.

A nossa inquietação ganhou, ao que parece, o proprio firmamento: já os cometas nos declaram guerra; já os planetas nos reclamam um lugar ao sol.

Mas ainda o que mais custa é que seja precisamente Venus, e não Marte, o brutal, ou Saturno, o ricoço, quem, dentre os planetas, primeiro nos exija territórios na África, na Ásia ou na Oceania...

Sim. Porque a Marte poderíamos responder com a eficácia das nossas armas; a Saturno com o desprezo pelos seus anéis. A Venus, todavia, nada se recusa—nem sequer colonias.

DUTRA FARIA

Na Inglaterra escasseiam os burros

O burro, segundo noticia o «New-York Times Magazine», está-se tornando na Inglaterra um animal de dia para dia mais raro—e portanto mais precioso.

Havia em Londres, até há poucos anos, uma feitoria onde se encontrava leite de burro—muito preconizado para a cura e para a convalescença de certas doenças. Mas um medico, que recentemente precisou do benefico leite para uma criança que estava tratando, teve que pedi-lo, em apêlos sucessivos, pela T. S. F.

Nos arredores de Londres realiza-se anualmente uma feira de burros. Em 1910 ainda apareceram lá venda 150 simpáticos orelhudos; este ano, porém, apenas apareceram 23—que atingiram altos preços.

Aqui deixamos a informação para uso e lucro de exportadores ousados. Sim. Porque—muito a sério—a exportação de burros pode vir a ser de futuro uma boa fonte de receita para Portugal

A Torre Eiffel

Paris tem um grande orgulho na sua Torre Eiffel. Compreende-se, de resto, que assim seja. A Torre Eiffel é quasi o mais alto monumento do mundo—como se vê pela seguinte estatística:

O «Empire State Building» em Nova York, tem de altura	310m
A Torre Eiffel	300m
O obelisco de Washington	196m
As torres da catedral de Colonia	159m
A flecha da catedral de Estrasburgo	150m
A flecha da catedral de Rouen	150m
A mais alta das pirâmides do Egipto	146m
A grande chaminé de Glasgow	140m
A cupula de S. Pedro de Roma	132m
A catedral de Metz	121m
A flecha da catedral de Antuerpia	120m
O «Duomo» de Milão	109m
Os «Invalidos» de Paris	105m
A «Giralda» de Sevilha	97m
O «Panteão» de Paris	83m
A estatua da Liberdade em Nova York	81m
A catedral de Westminster	75m
A catedral de Santa Sofia	57m
A torre inclinada de Pisa	56m
O Arco de Triunfo em Paris	49m
O obelisco de Luxor	27m

Para se levantar a Torre Eiffel empregaram-se sete milhões de quilos de metal; gastaram-se sete milhões e oitocentos mil francos; empregaram-se quarenta desenhadores que durante dois anos fizeram quinze mil desenhos, isto é, um desenho para cada peça das quinze mil que compõem a torre, ligadas umas às outras por dois milhões e quinhentos mil parafusos e pregos.

A Torre Eiffel tem actualmente cinquenta anos.

Na época em que foi construída—ainda em Nova York uma casa de dez andares era considerada um edificio altíssimo.

A Torre Eiffel é, pois, entre os arranha-céus, historicamente o primeiro.

Nova oração do povo de Israel

«Senhor, há três mil anos já que nós somos o teu Povo Eleito... Não querras tu agora escolher outro?»

Como se desenvolve uma capital

Foi em 1868 que por iniciativa do imperador Meiji a capital do Japão se transferiu de Kyoto para Toquio.

O primeiro recenseamento, realizado dez anos depois, isto é, em 1878, deu uma população de 815.400 habitantes. Cinquenta anos mais tarde a população era de 2.294.000 habitantes—a que havia ainda que juntar a população dos arredores: 1.700.000 habitantes.

Actualmente a capital do imperio nipónico forma uma aglomeração de 5.400.000 habitantes.

O inventor do telefone

Dum jornal belga:

«O verdadeiro inventor do telefone não foi, como se julga, Edison, mas sim um modesto empregado dos Correios, Telegrafos e Telefones Franceses, Charles Bourseul, que não conseguiu demonstrar aos seus chefes toda a importância e toda a utilidade da sua descoberta».

Se o jornal belga não exagera—foi, portanto, um empregado dos telefones quem inventou o telefone!

Esforços mal empregados

Doutro jornal—este francês:

«Sobre a via ferrea encontrou-se um corpo cortado em dois. Os esforços dos medicos resultaram inuteis».

Argucia infantil

Os dois pequenos folheavam um dicionario... A certa altura um deles—o mais velho—preguntou:

—Papá: que quer dizer «Diderot-1713-84».

E logo o mais novo dos pequenos:

—Idiota: então não vês que é o numero do telefone?

O bife escondido

O bife era pequenissimo. E ainda por cima o dono do restaurante teve a petulancia de vir perguntar no fim do almoço:

—Como achou o meu bife?

O freguês respondeu-lhe:

—Com a maior facilidade. Foi só levantar uma batatinha frita...

Numeros

A Alemanha e a Italia reúnem actualmente 121 milhões de habitantes.

A França e a Inglaterra reúnem sómente 89 milhões.

A superioridade do eixo Roma-Berlim sobre

o eixo Londres-Paris é assim de 36 por cento—e de 188 por cento sobre a França.

Vinho especial

Um rico vinicultor convidara alguns amigos para um jantar—e num dado momento pediu a um deles, enchendo-lhe o copo:

—Diga-me depois o que pensa deste vinho.

O amigo provou, deu um estalo com a lingua, tornou a provar—e disse:

—Bom; mesmo muito bom. Mas eu já o tinha provado.

—Onde? Quando?

—Há pouco. Na salada.

A psicologia dos povos

Em França lê-se nos carros electricos:

«Pede-se aos srs. passageiros o favor de não falarem com o condutor».

Em Inglaterra:

«Evitai de falar com o condutor».

Na Alemanha:

«E' proibido falar com o condutor».

Finalmente em Jerusalem:

«Que interesse tem você em falar com o condutor?».

Os aviões da paz

E' costume na Inglaterra mandar ás pessoas amigas, por altura do Natal, os «Christmas Cards». São bilhetes postais de maior ou menor bom gosto que ostentam uma fotografia ou um desenho.

Pois bem. Os «Christmas Cards» dos esposos Chamberlain ostentam este ano a fotografia dum avião: a fotografia do avião que salvou a paz. Encantadora ideia.

* * *

Nem sempre os aviões—mesmo os de bombardeamento—servem exclusivamente para a guerra. Todos os anos, pelo Natal, o capitão W. H. Wincapow vai no seu avião de bombardeamento sobrevoar os guardas-costas que por entre brumas e tempestades guardam o litoral americano desde Boston Harbor até ao Canadá. E quando o avião passa por cima de cada um desses guarda-costas—deixa cair, não uma bomba, mas um embrulho de brinde.

Saber ler e saber nadar

Um marinheiro e um professor encontravam-se no mar alto a bordo duma pequena canoa.

—Sabe ler?—preguntou o professor.

—Não. Não sei.

—Nesse caso você perdeu já metade da sua vida.

Dai a pouco a canoa principiou a afundar-se.

—Sabe nadar?—preguntou então o marinheiro.

—Não. Não sei.

—Nesse caso você vai perder num instante a sua vida inteira.

Uma obra formidável

Os japoneses meditam agora—segundo parece—uma obra formidável: nada mais e nada menos do que um tunel de cento e vinte quilometros que reuna as ilhas nipónicas ao continente asiático. Partindo de Shimonoski—esse tunel desembocaria em Fusan, na parte mais meridional da Coreia, e nele circularia o expresso ultra-rápido Toquio-Pequim.

Robinsons voluntarios

Há dois ilheus de S. Paulo: um no Oceano Atlantico, que juntamente com o seu companheiro S. Pedro, tanto deu que falar de si quando do extraordinario araid Gago Coutinho-Sacadura Falcão; o outro no Oceano Indico, que bastante dá que falar de si, agora, porque nele se instalaram, em demanda dos prazeres e das emoções da vida primitiva, alguns franceses de ambos os sexos. No ilheu, porém, não havia agua, nem havia caça—e os novos Robinsons—que não se tinham esquecido de levar para o ilheu um posto emissor de T. S. F.—comunicam ao mundo que estão cheios de fome e de sede...

A vida primitiva também tem os seus espinhos, os seus «contras».

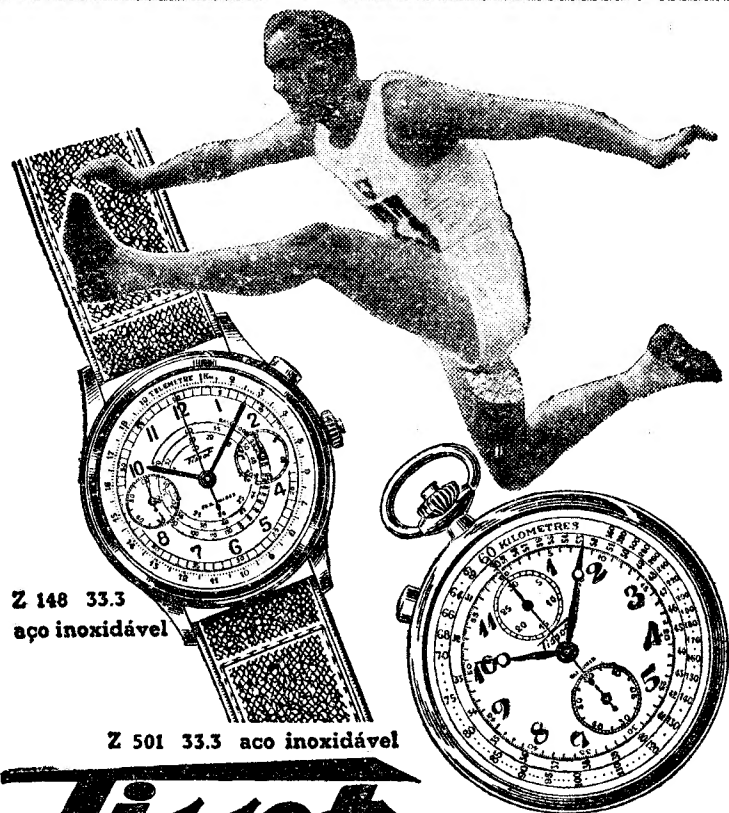
Arco-iris

O officio de profeta, sempre difficil, é-o agora mais do que nunca.—General Weygand.

em relojoaria

MOVADO
Maury

dois nomes—duas garantias
202-RUA AUREA-204



Tissot anti-magnetico

Um cronografo de confiança absoluta para controlar as provas mais exigentes e indispensavel a todos os homens modernos

TEMAS DE ARTE

CINEMA DE AMADORES

O cinema de amadores é uma indiscutível realidade. Todavia as dificuldades são múltiplas, sobretudo no que respeita a filmes de entrecabo. Sempre que um amador mais exigente resolve fazer uma produção de mais larga envergadura, esbarra com uma série de contrariedades que quasi sempre o levam a desistir do seu intento.

E é por esse motivo que Portugal com cerca de 3.000 amadores de cinema nunca apresenta filmes com enredo nos formatos amadores.

De ha tantos anos que o cinema se encontra instalado em Portugal, os amadores, até á data, se não estão em erro apenas apresentaram 4 filmes de enredo, «O Amor vence a Ciência», «Superstição», «Contrabando» e «Sonho Infantil», este último premiado num concurso internacional.

Mas qual será então o motivo deste marasmo?

A falta de um clube que reunisse todos os amadores de cinema numa sede apropriada com um estúdio proprio, laboratório, sala de projecção, enfim, com todos os requisitos necessários.

No seu trabalho de propaganda caberá ainda ao Cine Clube estabelecer relações entre os amadores, apresentando-os mutuamente, promovendo a permuta de filmes, a compra, venda e troca de material, auxiliando os amadores nas suas relações com os fabricantes e depositários e esforçando-se por conseguir destes melhores preços.

Mas não se julgue que o Cine Clube seja apenas para os técnicos. Não! O Cine Clube deverá agregar a si todos aqueles que se interessam por cinema, pois dele, mais tarde, devem sair os grandes artistas da tela portuguesa.

Queixam-se os nossos técnicos profissionais da falta de bons artistas, e nós notamos isso (salvo raras excepções) quando da apresentação de um filme nacional.

Verifica-se a falta de experiência e percebe-se na sua interpretação a voz do realizador a querer manejá-la. Isto é desolador. Com um Clube já tal não seria fácil de acontecer, porque o amador que desejasse ser técnico ou artista, encontra no Cine Clube uma autentica escola de arte. Não digo na teoria, mas sim, na pratica, porque o Cine Clube ha de fazer produções e então aí nas filmagens o artista habituá-se á camera, á luz, e aos comandos da realização, etc.

Portanto, como se vê, é de absoluta necessidade a organização de um Cine Clube.

Presentemente encontra-se tratando desse assunto um grupo de amadores e, segundo creio, dentro de pouco tempo o Cine Clube será uma agradável realidade.

JOÃO MENDES

Espumante natural
BORGES

"COLOQUIO INTIMO"

O FITA AZUL: —Sou um Espumante Natural preparado meticulosamente com vinhos recolhidos na região de Lamego; Você já me conhece?

A QUALIDADE: —Pudéra, como não hei-de conhecer se estou integrada em si...

ARTISTAS PORTUGUESES

Lourenço Chaves de Almeida

que trabalha o ferro
como se fosse renda



Lourenço Chaves de Almeida ao torno

Num dos mais lindos recantos que grandes de montagem complicada cercam Coimbra, a formosa,—para as bandas do nascente, exactamente a meio da risonha estrada dos Tovins, de e ingrato, se transformava numa que liga Santo Antonio dos Olivais á grandiosa perspectiva do Picoto,—abrem-se de par em par as portas duma oficina de serralharia.

Nada é banal nessa harmoniosa estrada, e muito menos essa oficina, e as obras que nela se forjam. Um homem alto, nobre na attitude, no olhar, na palavra sempre verdadeira, assoma por vezes ao limiar, se ouve um timbre de voz conhecido na estrada. Um belo sorriso generoso, e a mão honrada estendida acolher os visitantes...

Estamos em frente de Lourenço Chaves de Almeida, o artista a quem se deve o Lampadario ao Soldado Desconhecido, onde arde a Chama da Patria, na Batalha.

Quem descreve de todas as virtudes, que devem timbrar uma humanidade resgatada, é porque não conhece, ou não merece conhecer, esse homem que nunca fala complicado, e gastou o melhor da sua vida, do seu magnifico talento, do seu grande saber, para resuscitar em Portugal a arte viril do ferro forjado.

No mês de maio deste ano, que está agora quasi a voltar a sua pagina, esteve aberta no Palacio das Belas Artes uma exposição que reunia alguns trabalhos de Mestre Lourenço Chaves de Almeida, em varias fases e varios aspectos da sua actividade. Tanto alguns objectos muito pequenos como peças

grandes de montagem complicada testemunhavam da pericia do artista. Em todas, o duro ferro, tido por rebelde e ingrato, se transformava numa linguagem palpitante de vido, ora cheia de graça, ora cheia de força, ora cheia de ternura, ora cheia de dor.

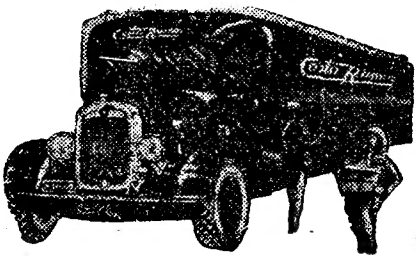
Salvo raras excepções, todas as obras expostas já tinham dono. Alguns nomes de quem a fama já tomou conta estão intimamente ligados á obra já vasta do artista.

A exposição encerrou-se, depois de ter sido admirada por mentalidades de formação bem diferentes. E assim a missão da verdadeira obra de arte, que fala por igual, (uma igualdade feita de equivalencias, neste caso), ao religioso, ao livre pensador, ao ceptico, ao ingenho e ao erudito, Lourenço Chaves de Almeida voltou á sua forja e á sua bigorna lá na sua oficina da estrada dos Tovins, o mesmo homem de grande dignidade, grande probidade, grande isenção.

Este homem, hoje no periodo mais pleno de consciencia e poder de realização, não merecia,—ou para melhor dizer, não mereciamos nós que obras suas figurassem em edificios da capital, onde decorre a vida representativa do país, e onde vão desenrolar-se dentro de alguns meses as solenes festas do duplo Centenario?

Os argumentos que respondem são directos: é a obra de Lourenço Chaves de Almeida, e a idoneidade dos homens illustres que a têm enaltecido.

FRANCINE BENOIT



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

PORTO

LISBOA

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. Julião, 34, 36

Telef. 15061-15062

Telef. 27200

ALVITRE SIMPATICO

Chamberlain

e os nossos pobres

Razão tínhamos nós em acreditar no bondoso coração e generosidade de Chamberlain, quando ha dias, a proposito de um eco publicado neste jornal, diziamos que aquele illustre homem publico, não aceitaria homenagens das mãos agradecidas, por ter evitado a guerra, e mostraria antes desejos de que aquele dinheiro fosse destinado a minorar a desgraça de tanto desafortunado lar.

Na verdade, acabo de ter conhecimento de que a Imprensa francesa publica uma carta autografa daquele primeiro ministro inglês em que manifesta o seu agradecimento á comissão organizadora da homenagem que aquela nação—sempre sentimentalista como nós—desejaria prestar-lhe pela sua oportuna e criteriosa intervenção, pedindo ao mesmo tempo que o produto dessa subscrição fosse destinado ás famílias pobres dos combatentes franceses.

Simpatica ideia que, certamente, devia ter enchido de satisfação aquele illustre ministro, que nunca talvez tivesse sentido por si as agruras que a grande guerra trouxe a tantos lares que perderam a tranquillidade, a alegria e o seu bem estar, mas que, nesta quadra do ano, em que todos nós mais sentimos as necessidades dos pobres, quis mostrar-se generoso e nunca esquecido das desgraças originadas por aquela horrivel guerra em que se envolveu quasi o mundo inteiro.

Lembrou-se dos combatentes, das suas familias, dos seus descendentes. E, na verdade, a ninguém melhor do que eles o seu reconhecimento poderia ser manifestado, porque, se a ultima guerra, terminada ha apenas 22 anos, fez verter tantas lagrimas nos lares que ainda hoje sentem a miséria que ela lhes trouxe, roubando-lhes os entes queridos e os seus haveres, Chamberlain, tendo evitado uma nova hecatombe—quanto a mim apenas num compasso de espera—não fez aumentar, por enquanto, o numero dessas victimas; e, desejando que o dinheiro a despendar em qualquer homenagem á sua pessoa, vá mitigar a fome e o frio aos que mais sentiram a sua dureza, irá receber da nação inteira os seus agradecimentos e reconhecimento por esse tão nobre gesto.

SALGUEIRO REGO

Os olhos de Hedy Lamarr

dão que falar ás mulheres do mundo inteiro

Os olhos de Hedy Lamarr, fazem-nos voltar doze anos atraz quando se terminou o filme «It», segundo Max Factor Jr.

Se nos lembrarmos do que se passou em 1926, vemos que a maior parte da correspondência recebida no estúdio do «maquillage» do celebre Max Factor, se compunha de perguntas de mulheres de todas as partes do mundo que desejavam saber como poderiam obter o efeito de olhos e sobrancelhas de Clara Bow com os artificios do «maquillage».

Hoje as perguntas neste genero são as preponderantes na correspondência dos artistas de «maquillage» de Hollywood, mas a admiração e o estímulo são provocados pela nova estrela Hedy Lamarr.

Max Factor Jr. oferece para a imitação a chegarem em tão grandes quantidades, são a prova do interesse especial sempre crescente pelo cinema.

Max Factor Jr. oferece para a imitação a mais aproximada das famosas orbitas Lamarr: desenhar um traço leve com um lapis de sobrancelhas, directamente sobre as pestanas da palpebra inferior para dar aos olhos uma apparencia maior; sombrear a palpebra superior com sombra indicada ao tom dos olhos; finalmente, se as pestanas não são tão compridas como as de Hedy Lamarr, e são-no raramente, aplicar as pestanas postiças que, como as unhas postiças, estão hoje em voga.

BEBAM

Vinho Aguiçua
(CONDE DE AGUEDA)

HISTORIA, LITERATURA E PITORESCO

Os «Passos» das «Peregrinações»

da obra de Norberto de Araujo e Martins Barata

Faz agora precisamente um ano que Norberto de Araujo, escritor e jornalista de bons pergaminhos, e nosso camarada de redacção, anunciou que ia publicar uma obra, de certa projecção e vulto, sobre Lisboa, de sentido divulgador mas de fundo erudito.

A despeito da falta de tempo de que dispunha, sobretudo se considerarmos a regularidade que os volumes exigem na sua saída, o autor das «Peregrinações em Lisboa» estava seguro de que levaria a obra a cabo. A um ano de distancia, ela vai em meio, pois está por dias o livro VII (de 15 annunciados na 1.ª série). Martins Barata, ilustre colaborador de Norberto de Araujo, tem em mãos o livro XI, e os restantes têm todo o texto ordenado.

Do mérito desta utilíssima e erudita publicação tem falado toda a Imprensa, e a própria Academia das Ciências teve ocasião de se referir largamente, e honrosamente, ás «Peregrinações em Lisboa».

Menos como homenagem ao autor, que dela não carece, do que como testemunho de apreço pela obra, publicamos uns trechos dos «Porticos» dos 7 livros, o que se pode chamar os «Passos» destas «Peregrinações».

Toda a Lisboa culta ou simplesmente curiosa deve ler, e possuir para consulta e regalo constante, este admirável trabalho de divulgação e erudição que o nosso querido camarada Norberto de Araujo e o culto desenhador Martins Barata realizaram, e que a Parceria António Maria Pereira edita, com grande bom gosto.

E não se julgue haver nesta afirmação elogio ditado pela camaradagem, amizade e admiração que nos merece Norberto de Araujo.

Depois de no livro I ter feito uma regressão histórica, seguindo todos os passos da evolução de Lisboa do século XII á actualidade, o autor das «Peregrinações» orienta da maneira que se segue os seus passos.

LIVRO II

Nossos passos vão hoje pela aba Sul do Castelo; pelo Caldas e Madalena; pelas Pedras Negras, dos altos eirados floridos e das ruas em esquadria, e que não são já como eram dantes;

Por Santo Antonio, para quem os rapazes pediam cinco-reisinhos, e que é sempre um trono de barro e já foi de ouro;

Por S. Crispim, que teve sua festa no dia da Tomada de Lisboa, e tem um sino de um palmo debruçado nas escadilhas, a reunir ainda a irmandade dos Sapateiros;

Pela Sé de pedras acavaladas como livros em livrarias que foram de muitos donos, e que tem na frente duas torres sempre a olharem para o mar, a ver se chegam naus da Índia e mercadores para a Rua Nova;

E pelo Patio do Carrasco onde a humidade escorre como roupa que se lavou em tanque de agua das chuvas;

E por S. Tiago, onde houve casas fidalgas, em Paço de uma Rainha Leonor, que ao certo não se sabe bem onde foi, e um convento de frades, embocados de azul-lóio, que deram o nome aos Lóios;

E por Santa Luzia, com um mirante suspenso, que tem flores e tem a Alfama agachada aos pés, encolhida de ruas, como se sofresse saudades do sol;

E pela Porta do Sol, que quedou cá em cima com a sua muralha e torre que não quiseram cair, á espera do Váli de Alcáçova que ficou de voltar, e não voltou.

De tudo um fugaz apontamento, um sorriso de pitoresco, quatro pinceladas de historia breve — nada de enfados e de sapiencia; um cunhal, um eirado, um edificio acabadinho de construir, a noticia nova sobre o fundo marfim do passado...

LIVRO III

Nossos passos vão agora pelo Arco de Santo André, que já não ha, e pela Costa do Castelo, que é uma fita branca, de cingir ao pescoço, e de onde pende a Cruz de S. Lourenço;

E pela Porta de S. Jorge, por baixo de cuja verga passava o Santo de ferro, e mais a sua charamela, ingenuos como lendas de cancioneiros;

E pela freguesia do Castelo civil, onde nas ruas a poesia bairrista se perpetua em disticos, que são badaladas que não se sabe quem as compôs;

E pelo recinto militar povoado de sombras e de fantasmas, mouros de brancos albornós e de matizadas babuchas que espelham cá para baixo num feito que lhes ficou;

E pela Alcáçova Real, que não está em parte nenhuma, e foi aqui;

E pelos beatinhos de S. Cristovão, da Achada e das Farinhas, com os seus becos das flores e os seus casebres de dois palmos;

E pela Mouraria aristocratica que se insere, amavelmente, na Mouraria popular do Capelão, da Apêndiceira, do Jasmim, do João do Outeiro, ruelas por onde passam ainda sombras dos padres do Coleginho e das rameiras sem nome na literatura;

E pelos sitios da procissão do Ferrolho, e dos Passos da Graça, e da Senhora da Saúde, que todas tinham que passar forçosamente na Mouraria;

E pelo Marquês do Alegrete com seu portal armoriado, que espera remoção para um museu de evocações alfaias, e com seu Arco que já se esqueceu que foi porta de S. Vicente, aonde chegava o mar;

E pela Guia, e pelo Borratem, onde se arrastou a lóba de João das Regras, e onde já não ha a ermida de S. Mateus;

E — do Castelo — pelo ultimo fiapo da ultima fimbria da roda da saia.

LIVRO IV

Nossos passos vão hoje pela lombada que do Rossio de Valverde subia a Sant'Ana, cortando betesgas e calçadas novas, foreiras do Rei Venturoso;

E pelos sitios onde houve um Arco da Graça e um Arco de Sant'Ana, e hoje só ha a Graça na memoria dos nomes;

E pela encosta onde, ao sol da sua propria epopeia, passeou a sombra vacillante de um homem de génio, chamado Luiz de Camões;

E pelo Campo de Sant'Ana, hoje campo de estudantes, e que foi um Rossio de fidalgos, de toureiros, deromeiros, de ciganos, de ferro-velhos, e que já não tem um nome assim;

E pelo Paço da Rainha onde um Rei e um Infante jogaram as cristas; enquanto não chegou o coche apaziguador do sr. embaixador da França;

E pela Alameda, e Capuchos, e Carreira dos Cavalos, nos quais houve tantas ermidinhas que até parecia um rosario, com a cruz na Cruz do Taboado;

Hotel Universo

Rua do Carmo, 102

Serve-se no dia do ano novo um esplendido banquete com Champanhe, preço 16\$00.

E' favor mandar reservar mäsas.

O melhor Bolo Rei

A Pastelaria Ferrari, da rua Nova do Almada, 93, é, sem duvida, a casa que melhor confecciona o Bolo Rei, mantendo, assim, a sua velha tradição.

Restaurante Clementina

V. Ex.ª coia na passagem do ano? Reserve mesa nesta casa de cozinha á Portuguesa. (Vinho especial)

Rua Jardim do Regedor, 37. 1.º — Telefone 24669

E por Santa Barbara, mai-la a sua má fama de «campo da força» e a sua balada das Fontainhas, com as suas barracas a cairem de velhas e a sua poesia nos registos de azulejo;

E por Arroios, que ainda sussura no nome, e onde houve um Cruzeiro, que acabou por se esconder dentro de uma igreja, por ninguém se ajoelhar a seus pés;

E pela área toda a poente da Cabeça de Alperche, de S. Gens, da Graça, e do Castelo — que é de onde a Lisboa vem todo o sol, coado pelo vitral das idades.

LIVRO V

Nossos passos nesta jornada vão pelas Portas de Santa Catarina, que é o Largo do Chiado de hoje, onde houve uma porta entre dois lanços de muralha velha, e depois existiu um chafariz — e já não ha senão a memoria do romantismo de Garrett;

E pelo Loreto — da Rua Direita — e pelo Camões, que leva meio século, e pelo Calhariz, onde há uns palacios bonitos que não têm senão tudo quanto lhes falta;

E pela calçada do Combro, que corta a meio a herdade quinhentista de Santa Catarina, que não é a Santa Catarina dos Livreiros, na qual hoje ha um Ato e já não ha uma Cruz de Pau que os mareantes viam do mar;

E pela Rua Formosa dos mortos palacios pombalinos, mais a sua meia laranja, o seu chafariz de redoma, a sua igrejainha das Mercês, e a ressonancia de Pombal;

E pelo Alto do Longo, tão «nem alto nem longo», presépio de humilde de um pitoresco muito pobrezinho;

E pela Patriarcal Queimada, onde houve um palacio, uma patriarcal, a fantasia de um Erário Novo, a designação poetica da «Cotovia», e onde hoje há um repuxo, um cedro, duas arau-cárias, e a ingenuidade infinita de Lisboa;

E por D. Pedro V, onde cantaram Moínhos de Vento, e por S. Pedro de Alcantara dos arrabidos do Marquês de Marialva — ninho de crianças — e pelo panorama espanioso, que dá, ao fundo, o relábulo todo de Lisboa, sempre da Renascença;

E por S. Roque, com o seu Largo, o sitio dos seus palacios, a sua Casa professa, a sua Igreja Museu, da qual saem ainda sombras de apóstolos e capas de perallas;

E por toda a Costa do Castelo do Bairro Alto, nascido Vila Nova de Andrade, e de cujo fundo plebeu chegam até á orla desdenhosa do transito a frescura das roupas estendidas e a respiração da alma encantadora das ruas...

LIVRO VI

E nossos passos, vão assim aos zig-zagues por travessas e ruazinhas

Rebuçados há muitos!...

Contra a tosse e peitorais:

SÓ DO DR. CENTAZI

EM TODA A PARTE

Tapetes Portuguezes

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais — Arte e Ménage — Alecrim, 71. 1.º — Telefone 20711

V. Ex.ª NÃO SABE? DÓMÚZ É O REI DO ANIZ

Chales

E mantas de viagem

Armazem, R. Douradores, 150. 2.º

PNEUS Continental R. DO COMERCIO 8-4º - TELEF. 28634

do Bairro Alto, onde há sempre roupa estendida e uma cantiga que nunca chega á janela;

E pelo Conde de Soure, onde houve um Palacio, um Pátio no qual passou o coche da Rainha D. Catarina, e onde se representaram comédias que os padres de S. Roque iam esperar, absolvendo-se na penitencia das cómicas;

E pelo Cunhal das Bolas, da Academia dos Condes da Ericeira, e onde já não ha nem condes, nem Academia, e ficou apenas o Cunhal;

E pelos Inglezinhos, e pelos Castanholos, e pelos Fieis de Deus, tudo nomes do Bairro Alto velho, institutos de devoção de que restam aos pares, pelas ruas — os inglezinhos;

E pelas Mercês, que mudou para Jesus, e pelo Poço da Cidade, que não se sabe ao certo onde é, e diz-se «que foi ali», e pela Alalaia, que é uma Avenida de pitoresco, e pela Rosa das Partilhas, cujas partilhas acabaram, sem nunca se chegar a saber quem foi a Rosa;

E pela Rua Larga, que foi de S. Roque, que foi do Mundo, e é da Misericórdia, com seus cafés-restaurantes, seu viveiro de jornais que já não cabem no coração do bairro, e a saudade de uma procissão de violetas;

E pela Trindade rumorosa, onde já não soam as trindades, e nem sequer retine, ds noites, a campainha electrica de dois Teatros — porque foi proibido retinir;

E pelo Carmo, com o seu chafariz, as suas pombas, o equilibrio dos seus arcos, e as suas ruínas engrinaldadas de arbustos — e do sol de Aljubarrota.

LIVRO VII

Nossos passos vão neste passeio assim por Santos-o-Velho, onde persiste a evocação de um Paço Real, tornado casa de nobres, e, depois, pousio de diplomatas;

E pela Esperança que nasceu da Boa Vista, melancolica de canções marinheiras, e que depois se fixou nas cantigas ovarinas com qualquer causa nascida fatalmente do mar;

E pela Madrugada de ruas estreitas, com o seu Castelo Picão, a sua Travessa das Izabelis, a sua Rua das Madres, de pregões gárrulos e dissonantes, de rapazio que não acaba mais, com a sombra do casarão das Bernardas e o encanto difuso dos rirões do Norte e da Caninha Verde;

E pela Lapa popular mai-la a sua Rua do Meio, a sua Rua de Sant'Ana, a sua Rua dos Remedios, e o seu patio da miseria, presépio triste do século XVIII;

E pela Lapa dos ingleses e dos diplomatas e dos negociantes, com seus «cottages» impenetraveis, os seus palacetes mudos, os seus jardins escondidos nos quais nunca se chega a saber onde esta manhã estava a cantar um rouxinol;

E pelo Olival dos registos de azulejos, e pela Pampulha das naus seiscentistas nas pedras sobrepostas dos portais em equilibrio;

E pela Rocha do Conde de Obidos, e pelo Jardim que foi das Albertas, e pelo cenário do rio coalhado de velas e de penachos de fumo, no seu verde-azul, em esmalte, filelado de prata fósca;

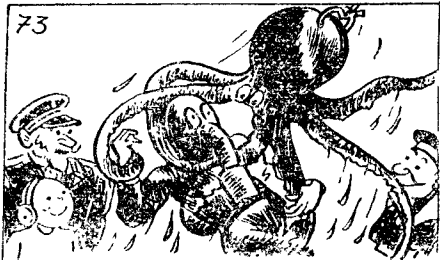
E pelas Janelas Verdes com as janelas verdes do seu palacio-museu, com o seu Chafariz onde Neptuno foi substituido por um Amor, que não usa os olhos vendados;

E pelo tronco esvelto, e pela cintura airosa, e pela roda da saia, e pelos pezinhos calçados de setim, e pelos pezinhos descalços de um bairro que se desdobra em três ou quatro, a cavaleiro do rio, e que de toda a parte onde está — está com os olhos n'água.

PAGINA INFANTIL

AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANÉCAS NA SÍRIA

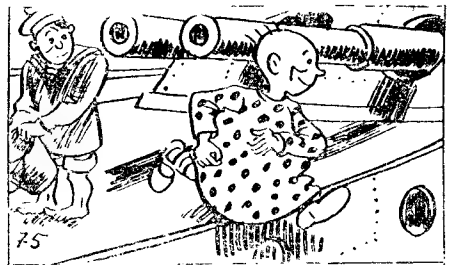
(Continuação)



LXXIII—O bandido é pescado, por meio do enorme polvo, com grande gaudío do capitão do cruzador e da sua tripulação.



LXXIV—Interrogado pelo Manécas, o bandido diz que colocou uma bomba no casco do cruzador e que dentro duma hora o navio saltará.



LXXV—Manécas, ao ouvir isto, corre pela borda fóra e...



LXXVI—... consegue tirar a bomba, que está agarrada ao casco, por meio de duas ventosas.



LXXVII—Quando Manécas larga a bomba, um enorme tubarão aparece e engole-a.



LXXVIII—Manécas conta o que se passou ao Almirante, e combinam todos ir para a gávea ver o espectáculo.

(Continua)

O castigo de duas ambiciosas

No tempo em que havia fadas, um dia, vieram ter com uma delas, duas rapariguinhas.

Uma, muito bem posta e a outra pobremente vestida.

—O que querem de mim?—preguntou-lhes a fada, com o seu melhor sorriso.

—Eu vinha pedir-lhe se me podia fazer igual à Firmina—disse a rapariguinha rica, apontando a pobre.

—Essa agora! Não estás contente com a tua sorte?! Parece-me que nada te falta!—exclamou a fada admiradíssima.

—Falta-me a liberdade que a Firmina tem. Ela sai quando quer, sobe às árvores e come a fruta ali mesmo. Leva a vaca ao pasto, o cavalo à água, apanha erva para os coelhos, porque é filha dos meus caseiros, e eu só estudo, fechada em casa, o que é tão aborrecido!

—E eu, então, gostava tanto de estudar!—exclamou a Firmina, com ar invejoso. E apanho tanto frio e não como petiscos! Deve ser tão bom comer as cousas que a cozinheira aqui da menina Guilhermina faz todos os dias para os patrões!

—Ah! Tu também não estás satisfeita com a tua vida?!

—Se lhe parece!... Estou farta de tanta pobreza!... Quem me dera ser rica!—disse a ambiciosa Firmina.

—Ah! Ele é isso?—exclamou, com um ar um tanto rabino, a senhora fada. —Pois terão o que querem.

—Não andem arreliadas Afritas e zangadas. Mudá-las-ei, de repente, pois vejo que é caso urgente, a Guilhermina em Firmina, a Firmina em Guilhermina.

Foi daí que as pequenas passaram a viver a vida que haviam ambicionado. De madrugada, morta de sono, a Guilhermina enfiava, à pressa, a camisa grosseira e o vestido de chita e começava a sua faina. Ia à fonte buscar água, ao campo apanhar erva, ao rio ensaboar roupa, ao mato partir lenha...

Nunca imaginara o custo de tudo aquilo!

Dobrada como um vime, trazia os fardos às costas, a pesada bilha à cabeça...

Não tinha forças para lavar a roupa e a mãe ralhava: —Mas que bicho te mordeu?! —Antigamente, fazias o serviço que era uma perfeição! E agora não tens jeito para nada!

E logo a tornava a mandar para o rio, carregada, outra vez, com a trouxa!

A pequena chorava lágrimas amargas, por ter tido a maldita ideia de desejar vida tão tormentosa!

Enjoava-a a comida, sofria muito frio, dormia mal, em cama tão dura, e não se habituava aos modos ordinários da nova família... Finalmente, sentia-se infelicíssima.

Bem tratada, aconchegada, comendo em mesa rica, dormindo em cama fofa, a pobre Firmina, transformada em Guilhermina, também não nadava er felicidade e dava ao demo a danada ambição que a fizera cubicar semelhante vida.

Sempre em casa, tinha falta de ar, achava as iguarias temperadas demais, detestava a boa cama e os hábitos daquela gente, que parecia pedir licença a um pé para mexer o outro!

Depois, faltava-lhe a Malhadinha, a vaca leiteira que ia mungir todos os dias, mais os coelhos, os bichos da capoeira, o porco do chiqueiro, o cão que nunca a largava...

Como gostaria de voltar a apanhar frio, chuva e vento, entre gente da sua igualha, comer couves e bróia, amoras da silva e fruta meio verde.

Assim, as duas desoladas, cada vez se entendiam menos com as suas novas existências.

Então, a fada, ao sabê-las tão tristes, teve pena delas e uma noite, quando as duas dormiam, apareceram-lhes em sonho, dizendo:

—Já passaram tanto mal, nesse vai-vem sem igual, que aceitarão vossa sorte, toda a vida até à morte, muito felizes, contentes, pois, agora, estão cientes, que é tolice rematada, meter-nos em embrulhada, de tanto ambicionar, fora do nosso lugar.

De manhã, quando as duas rapariguinhas se levantaram, tinham voltado à antiga ambição.

Não imaginam como a antiga Guilhermina, daí por diante, estudou com vontade, como achava a sua casa confortável, a cama esplendida, e como saboreava, deliciada, os doces de fruta, lembrada das dores de estomago que lhe fazia a fruta verde...

Tudo o que, antigamente, a aborrecia era, agora, a sua felicidade.

Por seu lado, a Firmina compreendeu também, que só podia viver contente no seu casebre, trabalhando no campo e lidando com os animais, como estava habituada.

Por isso, enquanto trabalhava, ia sempre cantarolando:

—Voltei a ser pobrezinha e estou na minha casinha, onde tenho muita lida, mas já não quero outra vida!... E a menina Guilhermina, essa, também, já se fina, por estar em casa fechada, sem apanhar a geada, estudando a sua lição, como tem obrigação. Agora, é que nós sabemos, á nossa custa aprendemos, como é parva a tentação: de mudar de condição.

VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

Pensão Liège

200\$00 e 236\$00

Diária 8\$00 — Almoço 4\$00 — Jantar 4\$50

Comer até satisfazer

Rua Bica Duarte Belo, 72 — Telefone 25806



«Uma Maquillage Exagerada é Péssima Para a Pele»

— diz um especialista

Que é Preciso Fazer



Por mais surpreendente que isto possa parecer, a Ciência provou que uma "maquillage", praticada constantemente, durante alguns anos, marca no rosto os estigmas da idade. É procedimento pernicioso à beleza natural de um rosto de rapariga. Mas quando se restitui à pele muito simplesmente, um elemento vital e rejuvenescedor, chamado "Biocel", ela readquire rapidamente a sua cor clara, a frescura e a beleza.

Este precioso Biocel, obtido de animais muito novos segundo o processo especial do Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena, está agora contido no Creme Tokalon, Cór de Rosa.

A venda em todas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, pode escrever para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende o mais depressa possível,

Ano Velho... Ano Novo...

Na escuridão daquela última noite de dezembro, perto da meia noite, quando a neve começava a cair em pedacinhos semelhantes ao algodão, caminhavam lentamente, de braço dado, um velho e um menino.

As barbas brancas do primeiro chegavam à cabecita da criança, que escutava atentamente os conselhos do velhote. Este, aconchegando a si o pequenito, que tremia de frio, disse-lhe: Vou-te entregar o mundo que me deram há um ano para eu brincar. Era então como tu, pequenino e alegre. E quando vi, entre as minhas mãos, só para mim, aquele mundo maravilhoso, cheio de música e de luzes, tratei logo de o escangalhar, como fazem todas as crianças quando lhes dão um brinquedo bonito. Comecei por brincar às guerras. Pus os soldados a combater uns com os outros, os paizes zangados, por toda a parte se ouvia tiros e se viam mortos e feridos. Depois, fiz abater casas, descarrilar comboios, afundar navios, cair aviões, e eu contente a assistir a toda a minha obra de destruição. Levei nisto um ano. E assim envelheci. E assim espalhei lágrimas e luto, só para me distrair.

Hoje, que a experiência me fez compreender todo o mal que pratiquei, estou arrependido, mas já nada posso remediar. Queria ao menos que tu não fizesses o mesmo. Brinca com o mundo que daqui a bocado te vou entregar, mas não faças mal. Não destruas, não cries ódios entre os homens, não brinques às guerras nem aos desastres. Há tanta coisa bonita com que te poderás entreter!! A todas as crianças que ficaram sem pai por minha causa leva tu a esperança e a bondade! E verás que te has-de divertir muito mais em fazeres rir, do que eu me distraí em fazer chorar!

Chegará assim às portas do mundo, justamente quando as primeiras badaladas da meia noite começaram a bater. Entregando-o ao menino, o velhinho desapareceu para sempre na escuridão da noite, alquebrado pelo remorso.

O menino 1939 ficou só diante do mundo, abriu os bracitos, sorriu e entrou!

Nos seus olhos claros e luminosos leva ele uma promessa de paz e ternura!

Bemvindo seja, pois, o menino — 1939. — M. C. P.

Benvenuto sei, pois, o menino — 1939. — M. C. P.

ESTUDOS HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICOS E ARTÍSTICOS

A CAPELA DO FUNDADOR NO MOSTEIRO DA BATALHA

Quando em 18 de julho de 1415 faleceu a ilustre rainha D. Filipa ainda esta capela não estava planeada.

Para lhe servir provisoriamente de sepultura, teve de acabar-se talvez á pressa, a capela-mór, visto que só em 15 de outubro do ano imediato para ali veio a ser trasladada, como referem as crónicas.

Por algum tempo nos quis parecer que, antes de ser definitivamente escolhida esta capela para depósito temporário das cinzas da gloriosa mãe dos «Altos Infantes» talvez se houvesse pensado também na última absidiola do Evangelho, em cuja abóbada no fecho do tramo poligonal se ostenta, no meio de duas grinaldas de flores dispostas concentricamente, um busto feminino coroado, mostrando representar uma rainha.

A figura, que é muito cuidada e tem incontestavelmente um certo ar de retrato, oferece bastante semelhança com a da estatua jacente de D. Filipa.

A escultura apresenta a rainha de frente e não de perfil, como, certamente por lapso, descreve o ilustre arqueólogo sr. dr. Pedro Vitorino, que foi honra lhe seja, quem primeiro que ninguém a identificou.

Se efectivamente representa esta rainha, deve talvez datar desse tempo e constituir, pelo menos, uma sentida homenagem de veneração e de respeito prestada á sua memória.

Entre as duas capelas foi justificadamente preferida a ábside principal, como de facto competia a tam elevada personagem.

A ideia de uma capela privativa para jazigo do Fundador e de sua «Inclita geração» á sombra do mosteiro, segundo o costume do tempo, é provável que já tivesse lembrado ao glorioso monarca muitos anos antes da morte de sua esposa, mas só então se resolveu toma-la como resolução imediata.

A esta ideia não deve ter sido estranha a antiga galilé do mosteiro de Alcobaça. A disposição da capela relativamente á igreja é, a bem dizer, a mesma, apenas com a diferença de se encontrar do lado oposto ao que o velho panteão de Alcobaça ocupava, visto que o claustro real, já então existente, não a permitia desse lado.

E' mais uma circunstancia, além de tantas outras, a mostrar-nos a grande semelhança que existe entre estes dois monumentos, cujas plantas parecem coincidir tam permenorizadamente.

A obra foi planeada junto da fachada principal, encostando-se á nave da Epistola no espaço correspondente aos três primeiros tramos.

A esse tempo ainda as paredes do corpo da igreja não tinham atingido (desse lado) toda a sua altura e as respectivas naves ainda se achavam, por consequencia, a céu aberto. Apenas as capelas absidais e o transepto estariam já abobadados.

Os acabamentos da capela-mór, de que acima falamos, deviam restringir-se apenas aos trabalhos de cinzel nos capitéis das colunas e nos fechos das abóbadas, os quais nesse tempo (como ainda hoje em alguns casos) era costume esculpturar depois de asentes nos seus respectivos lugares.

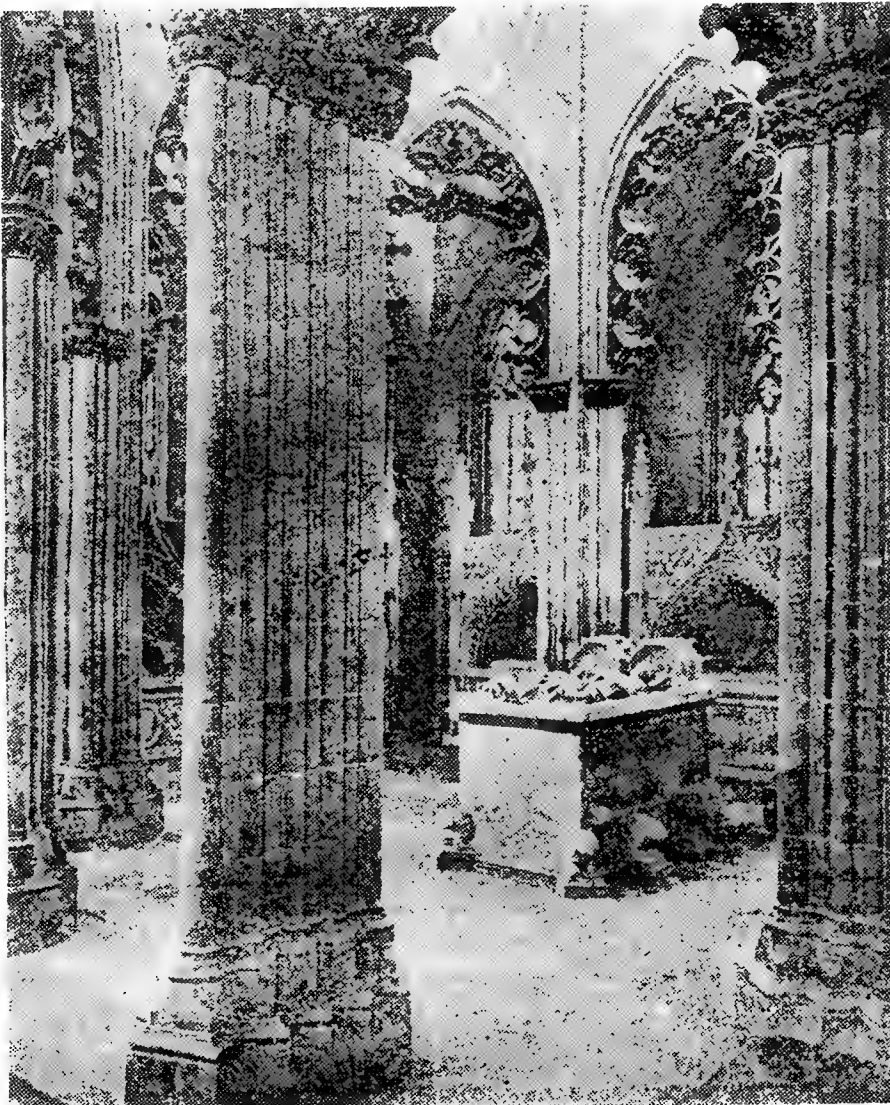
O cortejo fúnebre da virtuosa esposa de El-Rei D. João I deu entrada na igreja pela porta travessa, perto da qual e em frente da primeira absidiola está uma inscrição latina, comemorando este facto, como afirma Fr. Luiz de Sousa.

Infelizmente já não pode ler-se.

O douto vardeal D. Fr. Francisco de S. Luiz ainda tentou interpretá-la, mas debalde, porque estava já muito «despedaçada e lascada» pelo fogo que os franceses lançaram junto da parede em 1811, quando queimaram varios paramentos ricos, para lhes rouba-rem os metais preciosos de que eram tecidos e bordados.

A maravilhosa capela real deve pois, sem duvida, ter sido ordenada definitivamente logo depois da morte da ilustre rainha.

Que não fazia parte da primitiva planta geral já nós relatámos, visto que o quinto botareu do templo a contar do transepto, foi incorporado



Capela do Fundador, aspecto interior

na parede do nascente da capela e os outros dois que se lhe seguiram desapareceram, para darem lugar aos pilares parietais, onde se estribam os arranques das abobadas do lado do norte.

Ainda se notam muitos vestígios desta modificação no endentado da silharia na face desta parede, do lado da capela.

Nela se conserva ainda um dos antigos cordões exteriores, que ali se não justifica, senão pela circunstancia de já então haver existido, visto que as outras paredes na face interior, como as do templo, são completamente nuas, tendo apenas á altura dos capitéis dos pilares parietais e dos que molduram o portico, um simples friso (imposta) que lhes contorna os ábacos e se estende horizontalmente em volta da sala (com raras interrupções) constituindo, pois, todo o seu unico e modesto ornamento.

Em alguns pontos da parede do sul já este friso não existe.

Seria inverosímil atribuir ao notavel architecto, que delineou a formosa capela, uma falta tam imperdoavel. Logicamente só poderemos imputá-la ás restaurações subsequentes que não deverão ter sido poucas, a avaliar das que se efectuaram mais tarde no sec. XVIII, nos reinados de D. João V e D. José.

Muito conviria que estas faltas, que amesquinham um tanto a esplendorosa capela, fossem devidamente reparadas tanto mais que esse trabalho, materialmente, apenas representa uma despesa insignificante, para não dizer irrisoria.

Na construção desta capela vamos notar duas fases absolutamente distintas, tanto no traçado da planta, como no seguimento das obras.

Na primeira fase rompeu-se a parede da igreja, para se lhe adaptar o formoso portico, que lhe dá communicação, e delimitou-se a capela em todo o seu perimetro, havendo o cuidado de deixar uma entrada provisoria para serviço das obras em cada uma das três paredes livres, onde se notam ainda as respectivas aduelas e saímels.

Estruturalmente, a capela, como se sabe, é constituída por um octógono

no regular correspondente á lanterna inscrito noutro, formando o deambulatório, o qual se adapta ao quadrado, sendo os angulos tomados por trompas como no Capitulo. Aqui o architecto, ao marcar os pilares parietais, teve o cuidado de deixar em cada uma das paredes da quadra os intervalos centrais mais espaçosos, de modo que esses lados do octogono ficassem precisamente iguais aos que correspondem ás trompas.

As paredes pouco subiram dessa vez. Apenas uma terça parte da que fica ao poente foi construída em toda a sua altura com a primeira janela, junto da fachada principal da igreja, talvez pela necessidade de a ir contrafortando e ainda pela conveniencia de se tecerem as paredes juntamente com a da nave, para que mais solidamente se pudessem travar.

Depois destes trabalhos, todos os cuidados se voltaram para as obras da igreja que então, como referimos, estavam bastante atrasadas.

Ainda estão bem visiveis junto do portico da capela alguns sinais indicativos da altura que a parede da nave, nesse ponto, havia então atingido.

Concluida a igreja nas partes mais essenciais da sua estrutura geral, prosseguiram então com toda a actividade as obras da Capela Real, depois de um longo intervalo de cerca de onze annos.

A data do inicio da segunda fase destas obras não deve afastar-se muito daquella em que o glorioso Fundador firmou o seu testamento (1426). Fazendo ali as ultimas disposições a respeito do seu jazigo, diz: «Item mandamos que o nosso corpo se lance no mosteiro de Santa Maria da Vitoria, que nós mandamos fazer, com a Rainha D. Felippa minha mulher (.....) e esto seja na Capella mór, assim como ella ora jas, ou na outra que nós ore mandamos fazer, depois que for acabada».

A planta desta capela sofreu nesta altura algumas modificações que bastante alteraram o seu traçado primitivo.

Determinou-se dar ao pavimento um nivel muito superior ao que já estava marcado e iniciado.

Esta circumstancia obrigou a fazer subir os peitoris das janelas, para que se pudessem manter os arcos solhos ogivais que estavam destinados a sepulturas de «filhos e netos de reis».

Tudo isto está plenamente comprovado pela disposição dos pintos dos pilares adossados ás paredes, que se encontram soterrados até aos chanfros angulares.

O primitivo pavimento devia ficar á altura do primeiro degrau do portico e a diferença entre os dois pisos foi tomada pelos dois degraus que estão da parte de dentro dos cancelos.

A janela junto da fachada da igreja, já existente desde a primeira fase das obras, foi respeitada. Como se vê é muito mais alta do que as outras, descendo o peitoril cerca de 0m,50 abaixo da linha dos restantes. Esta diferença não se afasta muito da que se verifica entre o piso actual e o que primitivamente havia sido planeado. Por esta razão a edícula tumular, que está sob esta janela e cujo vão foi utilizado para serventia das obras, durante a sua construção, teve de ficar de volta inteira por não haver espaço para o arco ogival, igual aos outros arcos solhos que se escavam em volta nas três paredes da capela.

Assim fica plenamente explicada esta estranha anomalia que só pôde justificar-se por uma forte razão de conveniencia ou talvez até de necessidade, para poder evitar-se o excesso de humidade devida ao alteamento das terras que, movidas pelas enxurradas, se iam acumulando em volta das paredes, durante o longo periodo de cerca de onze annos.

Esta hypothese está claramente confirmada pelo grande desnivelamento que, desde seculos, se tem verificado no pavimento da capela.

Para se encobrir este desastre tratou-se de lançar um novo piso, na altura de um degrau, abainhando todo o octogono central delimitado pelos pilares que sustentam a lanterna.

Este ultimo pavimento que uma decisão feliz e absolutamente criteriosa da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais fez ha annos dali desaparecer nada mais servia do que para atestar a sua humilde função de triste remendo. No enatito houve quem ralhasse, talvez pela circumstancia de se haverem desbastado, superficialmente, os muros subterraneos que se ligam em toda a volta com os alicerces dos pilares. Mas nada mais injusto. Abateu o pavimento e não os muros dos alicerces. Quando se tratou de restituir o antigo piso, houve necessidade de se desbastarem os taes muros subterraneos, nuns dois ou três centímetros, para se poder assentar convenientemente o seu lagamento, disfarçando, tanto quanto possível, os effeitos do seu enorme e antiquissimo desnivelamento.

E' justo que aqui sejam tributados os devidos louvores a quem tam dignamente os soube merecer.

O desaparecimento deste piso e o de um comprido estrado de pedra que, do lado do nascente, se encostava á parede, em quasi toda a sua extensão, junto dos altares privativos dos Infantes, além de beneficiar extraordinariamente esta admiravel estancia, sob o ponto de vista de reintegração, veio ainda revelar-nos novos elementos para a sua historia.

Sobre o referido estrado estavam os quatro supedaneos pertencentes aos antigos altares, que devem ser aqueles «estrados» a que se referem os «Elementos de informação» lidos na Assembleia Nacional em 9 de abril de 1935.

A ordem para a remoção dos altares medievais que «impropriamente obstruem os vãos dos arcos situados á esquerda de quem entra» foi dada pelo engenheiro Camara Manuel, quando superintendente nos trabalhos da Batalha, como director das Obras Publicas do Distrito de Leiria.

Nessa ordem determina que «as cantarias dos supra ditos altares deverão ser levadas para o claustro de D. Afonso IV, a fim de serem convenientemente aproveitadas...». Isto vai sem comentarios.

(Ver continuação na página seguinte)

ESTUDOS HISTORICO-ARQUEOLOGICOS E ARTISTICOS

A CAPELA DO FUNDADOR NO MOSTEIRO DA BATALHA

(Continuação da página anterior)

O herculeo escritor Ramalho Ortigão—herculeo de corpo e de espirito—já castigou severamente este e outros desacatos. Com o seu habitual desprendimento pelos respeitos humanos, sempre que se tratava da applicação da sua inexorável justiça, escreveu no seu notavel trabalho «O culto da Arte em Portugal»:—«Se fosse meu proposito enumerar os erros cometidos nas restaurações da Batalha, teria de referir-me ás vis deturpações por que está passando a capela do fundador...».

Mas a-pesar-de tudo—estranho paradoxo!—é a este funcionario que o Mosteiro da Batalha deve um dos mais assinalados serviços que lhe têm prestado! Tam relevante e valioso se nos afigura que sem ele seria impossivel escrever-se hoje a história deste monumento com o metodo, consciencia e rigor que tanto merece. Foi ele que fundou em 29 de dezembro de 1880 o precioso Museu do Mosteiro, cujo valor nunca será de mais encaixado. Graças, pois, á sua memoria por esta redentora compensação.

Sobre o segundo pavimento erguem-se os pilares que dividem o deambulatório do octogono central e sustentam a formosissima cupula estrelada, sob a qual se levanta o tumulo do Fundador e de sua esposa.

No seu testamento determina este monarca: «Item mandamos e encomendamos ao dito Infante (o seu successor) e a outro qualquer que por Rey destes reynos que nom consinta que ninguem se lance nem soterre dentro no jazigo que nós mandamos fazer em a nossa capella em alto, nem no cham, salvo se for Rey destes reynos, e mandamos que pellos jazigos das paredes da capella todas em quadra asi como som feitas se possam lançar filhos, e netos de Reys, e outros nom...».

Depois de regulamentar a partilha dos bens que os principes, que ali viessem a ser tumulados, deixassem ao mosteiro, determina: «e de outra guisa se nom possa nenhum lançar nos jazigos da dita nossa capella, assim nos de cima que apropriamos para os Reys, como dos outros da redor della que apropriamos aos filhos e netos de Reys...».

Destas passagens se depreende que D. João I havia ordenado, nessa altura, que os reis deviam sepultar-se em tumulos especiais «em alto» cercados de sepulturas baixas em redor, especificando claramente a sua disposição e o seu destino: «os de cima para os Reys» e os «do cham» que devem ser os «das paredes da capella todos em quadra» para os filhos e netos de reis.

Os jazigos das paredes lá estão bem patentes quasi rente «do cham», fazendo lembrar os que se encontram na abside da igreja do castelo de Leiria, que o illustre professor sr. dr. José Saraiva descreveu no seu valioso trabalho sobre aquele notabilissimo monumento.

Mas a ideia do monarca veio com o tempo a modificar-se.

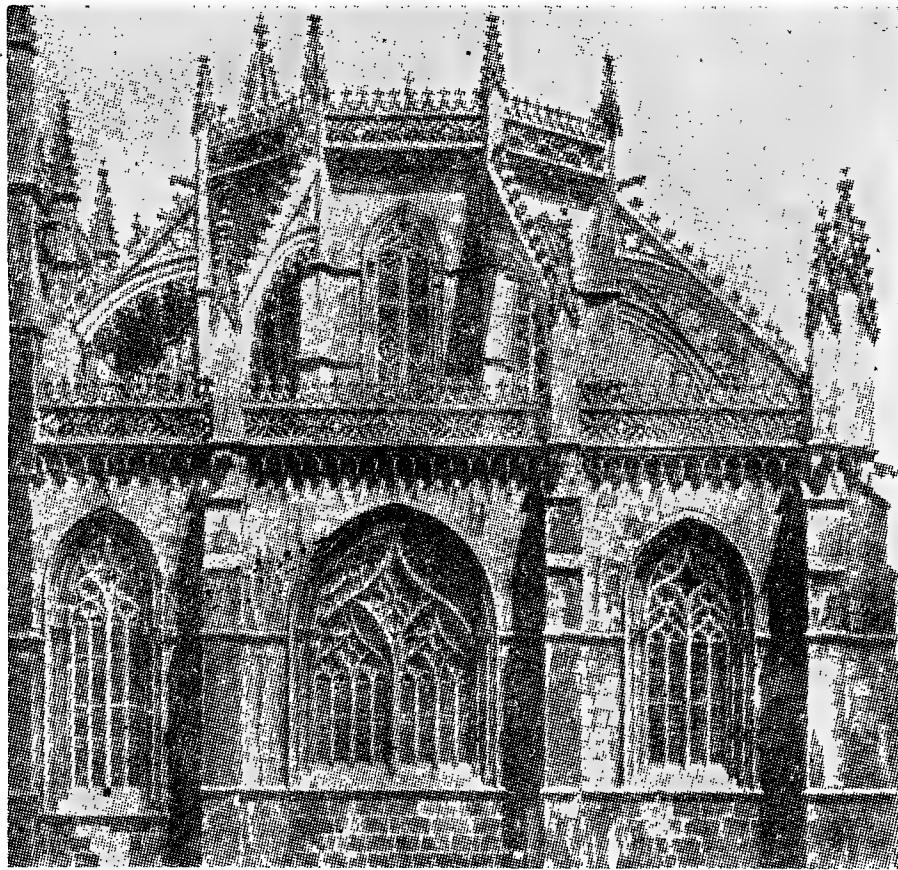
Quando ali foi sepultado em 1434, já novas resoluções a este respeito, haviam por ele sido tomadas.

O primeiro de seus filhos que ali veio a sepultar-se foi o Infante D. João, falecido em 1442.

Sobre o seu tumulo estão escavados na parede dois interessantes baixos relevos, representando as bolsas simbolicas da ordem de S. Tiago, de que fôra Mestre, tendo sobre as palas as vireas e o moto de que usava—jái bié reso.

As bolsas estão ornados de espigas ou palmas de flores da familia das liliaceas, dispostas em leque pela parte superior, tendo inferiormente as respectivas hastas com a mesma disposição.

Estas curiosas composições, que incontestavelmente dizem respeito a este principe, talvez ali fossem lavradas na ideia de marcar o lugar que seu pai lhe havia destinado, se é que não representam apenas um mero capricho de artista, executado durante a construção do seu tumulo.



Capela do Fundador, lado poente

A primeira hipótese pode levar-nos a conjecturar que a esse tempo ainda o tumulo não estava construido.

Em 1451 chegaram as primeiras Relíquias de D. Fernando, o Infante Santo.

E' no seu testamento escrito por Fernão Lopes em 1437, quatro dias antes do embarque para o seu duro cativo, que vamos encontrar as mais valiosas noticias que dizem respeito á historia desta admiravel capella.

Designando para sua sepultura o Mosteiro de Santa Maria da Victoria, diz: «... aly me ponhão na capella de El-Rey meu Senhor e Padre no derradeiro arco, e o outro arco na outra parede que está junto com elle por altar, e seja posto em hum muymento de pedra alto e chão sem nenhum lavor, nem pintura salvo com hum escudo de minhas armas...».

Este importantissimo documento offerece-nos quatro preciosas informações:

1.ª—que, a essa data, ainda não estavam construidos os jazigos dos Infantes;

2.ª—que a ideia dos tumulos baixos de que fala o testamento de D. João I estava já posta de parte, visto o Infante ordenar «hum moymento de pedra alto e chão (modesto);

3.ª—que os arcos solios das paredes do nascente e poente deixaram de ser destinados a sepulturas;

4.ª—que todas estas importantes resoluções nunca poderiam ser levadas a efeito, se não houvessem previamente sido ordenadas por D. João I.

Um outro documento datado de 1449, que encontramos na chancelaria de D. Afonso V vem corroborar e ampliar estas conclusões. Diz ele: «... damos lugar e lecença ao Ifante Dom Henryque meu muyto pzado e amado tyi q ell posa aver hun altar e hun jazzygoo p.ª sseu corpo na capella de El-Rey Dom Joham meu avco q Ds. aja qe he no mt.º da vetorea juto com ho outo do Ifante Dom p.º e o altar junto com o outo altar seu e o jazzygoo p esa gisa e porem mandamos a quaaes q a q o conhecimento deste ptencer q os nom acupem com outras cousaas...».

Este documento não é menos valioso, porque, referindo-se tambem ao jazigo de D. Pedro no proprio ano de sua desgraçada morte em Alfaroibeira, D. Afonso V não lhe nega a sua posse, o que prova o muito respeito que tinha pelas determinações de seu illustre avô.

Não se pense pela maneira como ele está redigido que só então o glo-

rioso Infante D. Henrique alcançara permissão par li «aver hum altar e hun jazzygoo».

Não devemos deixar de transcrever para aqui algumas passagens de uma carta de 30 de setembro de 1460, em que este Infante ordena certas missas na sua capella da Batalha. Neste documento diz ele: «esguardando eu como El-Rey meu sr. e padre ordenou seu jazigo e da Rainha dona fillipa sua molher minha sñora e madre cujas almas ds aja no mosteiro de santa Maria da victoria e lhes proveu q. na capella onde elles jazem fosse ordenado meu jazigo, o que lhe tive em grande mercê por assi como eu em sua vida delle, a Deus louvores, fui a seu prazer o meu corpo fosse lançado naquella capella onde o seu jaz em seu acompanhamento como seu f.º e servidor».

De todos estes documentos se apura com indiscutivel segurança que El-Rei D. João I marcou na sua capella funeraria o lugar para a sepultura de cada um dos Infantes seus filhos, acomodando-os meticulosamente por ordem de seus nascimentos.

Quando tão consciencioso se mostrou com todos estes filhos como pôde admitir-se que ele esquecesse o mais velho, aquele que lhe havia de succeder no trono e a quem ao principio destinara sepultura «alta a par da sua?»

A razão está bem clara: é que o glorioso monarca concedera ao seu successor autorização para construir uma nova capella, neste mosteiro, para si e para os seus descendentes.

A obra das capellas Imperfeitas, não é pois, como por muito tempo se pensou, o resultado de uma vontade caprichosa e arbitraria, mas sim a realização de um trabalho cuidadosamente estudado, sabiamente architectado e ponderadamente ordenado por quem bem o podia ordenar, que foi o seu glorioso Fundador.

Essa incomparavel joia architectonica foi, pois, maravilhosamente idealizada e conscientemente executada pelo seu genial architecto, para servir de corôa e remate a todo este esplendoroso monumento.

Como é sabido o corpo octogonal que se ergue no centro da capella do Fundador era coroadado por um grande coruchéu primorosamente lavrado e vazado, cujas dimensões nos offerece o elegante cronista Fr. Luiz de Sousa.

O architecto Murphy tentou fazer um estudo para a sua reconstituição, servindo-se de alguns elementos colhidos nos vitrais.

Depois de sofrer varias derrocadas motivadas por alguns terramotos, desapareceu em 1755, para nunca mais se reconstruir.

O penultimo desastre que suportou foi no reinado de D. João V, que «o mandou á sua custa reedificar».

Diz o referido architecto inglês a proposito da grande ruina que soffreu em 1755: «but fortunately, in its fall, did not hurt any part of the inside». Isto não é exacto, porque os frades aterrados com tamanha ruina até se negaram a celebrar ali os officios divinos.

Mas deixemos falar os Dominicanos: «cahindo com o terramoto todo o zimbório q. lhe servia de corôa não só lhe despedaçou todos os seus ornatos mas tambem caíndo-lhe todo aquelle peso sobre as abóbadas ficaram estas destroçadas e estremecidas de sorte que a cada paço estão caíndo pedaços de pedra dentro da m.ª capp.ª, motivo por que preocupados os Religiosos de temor não vão a ella satisfazer os sufragios que os ditos Srs. (D. João I e os Infantes) deixaram ordenados e o fazem no Capitulo».

Os tumulos com a sua historia a sua heráldica e o seu simbolismo terão de ficar para a outra vez.

Ao terminar este artigo, devemos fazer aqui uma elucidação, visto ela nos ser pedida.

Os descoloridos e despreziosos artigos que se têm aqui publicado sobre o Mosteiro da Batalha, não têm a honra de ser firmados pela pena brilhante do nosso illustre homónimo e muito querido amigo, sr. dr. Rafael Salinas Calado, benemerito organizador e antigo director do Museu e Biblioteca de Torres Vedras e seu prestigioso «Cidadão Honorario», actualmente dignissimo chefe de secretaria na Boa Hora.

Os nossos diplomatas artisticos e literarios são mais modestos porque são apenas autorizados pela Graça de Deus e nada mais.

Temos, é certo, recorrido a algumas notaveis sumidades tecnicas e científicas, sempre que a sua consulta se nos tornou necessaria para elucidação de alguns pontos que respeitam a suas especialidades, no entanto as afirmações apresentadas nestes estudos inteira e unica responsabilidade.

Um dos mais cintilantes e delicados poetas da Nossa Terra, o eminente Diplomata sr. dr. Alberto de Oliveira, ha muitos anos, talvez tocado da nostalgia da paisagem provinciana e dos doces encantos que a vida rustica nos oferece (quando não são excessivos...) escreveu no seu formosissimo livro «Palavras loucas»:—«a athmosfera mais banal e deprimente que se respira neste povo, é, sem duvida, Lisboa... Desde que eu me convencesse de que Portugal era Lisboa, o meu estimulo de fazer arte extinguir-se-ia como uma estrela num sumidoiro».

Depois aconselha a Geração Nova ao convívio da provincia e incita os escultores, os pintores, os romancistas, os dramaturgos, os musicos e os poetas a fazerem as malas, distribuindo-os por esse país fóra conforme as suas predilecções e os seus temperamentos.

«Enfim, aos architectos (escreve ainda o primoroso estilista) não restava senão um dever bem grato de cumprir: fazerem voto de frade no mosteiro da Batalha».

Não sei se algum acudiu ao seu apelo. Pois bem. Nós embora tarde e sem a gloria de sermos architecto, não quisemos faltar ao chamamento.

Ninguém, por certo, nos deve querer mal por isso. Nem tam pouco nos deve contestar esta honra que tomamos como um dever e até mesmo como um direito. Nas «comunidades» tambem ha lugar para os «leigos» e é nesta modesta categoria—como humilde irmão leigo—que nós procuramos professar a bendita Religião da Arte, sem nos esquecermos de que, assim, não deixamos de bem servir a de Deus nem ainda a da Patria.

Juncal (Porto de Moz). Dezembro de 1938.

RAFAEL BARREIROS CALADO

RECANTOS PRIVILEGIADOS DA TERRA PORTUGUESA

A serra da Arrabida, escola de energia física e moral

EXCURSÕES ESCOLARES — FREI AGOSTINHO DA CRUZ — HOMENAGEM A PRESTAR AO CANTOR LIRICO DA SERRA — O PORTINHO DA ARRABIDA TRANSFORMADO NA PRIMEIRA ESTANCIA DE INVERNO DA PENINSULA — UM SONHO A REALIZAR EM 1940 — EXORTAÇÃO A' MOCIDADE PORTUGUESA

Quem da banda de Azeitão pretender admirar o espectáculo mais emotivo do torrão português, o qual se disfruta do alto da Serra da Arrabida, terá de a galgar transversalmente, aproveitando um barranco modelado pela acção erosiva das águas torrenciais, em que a linha de maior altitude se abaixa entre a Cabeça Gorda (430 m.) e o P. Coto (385 m.), formando para o homem um passo natural que lhe permite a comunicação entre as duas vertentes.

E' este, na verdade, o trajecto mais curto e, por isso, o que maior esforço exige, mas tem a compensação de uma ascensão toda cheia de imprevistos, á medida que se vai trepando.

A serra da Arrabida é constituída principalmente por terrenos jurássicos, e as rochas que compõem o seu solo são calcárias e dolomíticas ou detriticas, compactas, e mais ou menos resistentes. Nela se explora a «Brecha da Arrabida» que é um conglomerado dum lindo efeito decorativo pela variedade de cor, forma e calibre dos calhaus que a constituem, frequentemente empregada nos monumentos do sul, como na fachada lateral da igreja de Jesus, em Setúbal, considerada monumento nacional, e que possui um lindo portal, tdo ele lavrado no polícromico «marmore da Arrabida», impropriamente chamado, e que, pela facilidade de esboçar, se encontra muito deteriorado.

Velho pioneiro da Arrabida, muitas excursões aí tenho realizado com alunos dos liceus, e não conheço melhor meio para desenvolver na mocidade escolar as qualidades de coragem, actividade e fé no esforço próprio e de confiança no dia de amanhã.

A primavera é a melhor época para se realizarem estas excursões, e, então, após o trajecto rápido, em camião, de Cacilhas a Azeitão, e, de lá, os rapazes, em franca alegria, junto do estabelecimento do Gama, aguardando que os farnéis se acomodem nos grupelhos das alimárias, libertos de toda a indumentaria incomoda—capas, batinas, abafos—que lhes possa estorvar os movimentos.

E a caravana, esfusiante de mocidade, inicia a sua primeira marcha, deixando, em breve, para trás, a casaria do arrabalde, e internando-se nas suas colinas pre-arrabidas, em direcção ao Paineal das Almas (143 m.) e S. Caetano (100 m.), primeiro em caminho quasi plano, descendo em seguida ao Vale do Picheleiro, e subindo depois até o Pinheiro da Velha (109 m.), lugarejo que deve o nome a um formoso pinheiro manso, junto do casal do Candido Martins—paragem obrigada da caravana para uns momentos de descanso, tiragem de fotografias, e, ás vezes, para prova desse precioso nectar das cepas moscateis das afamadas colinas de Azeitão, que o Martins, pessoa em cujo peito se albergam as mais belas qualidades morais da gente serra, generosamente põe á disposição dos turistas.

Em todo esse percurso se encontram oliveiras, arvores que nascem espontaneamente dos terrenos calcários, pinheiros bravos e mansos, a que andam associados tratos de charneira com tojo e estevas, de grande flores brancas, e giestas doiradas que embalsamam o ar com os seus perfumes activos. A maior parte do solo dos vales e colinas encontra-se arroteada e aproveitada para a cultura dos vinhedos, searas de pão e arvores de fruto. Após breve descanso, depressa alcançamos as faldas da serra, e, agora, a um de fundo, por veredas sinuosas, começa-se a escalar a encosta norte da montanha, constituída por calcários brancos, compactos, mostrando uma acção erosiva muito intensa, com grande desenvolvimento de arbustos rasteiros pelas fendas das rochas lapiezadas.

Observa-se, á direita, o Castelo dos Mouros (319 m.), mole calcaria de pro-

porções gigantes, e, á esquerda, uma elevação de terreno de estratificação muito nitida.

Na altura a que a caravana se encontra (149 m.), é já majestoso o panorama que á vista se desenrola, vendo-se ao norte a região fértil e viçosa de Azeitão, esboçando-se, ao longe, Lisboa e Sintra, alongando-se a vista para oeste até a Lagoa de Albufeira.

E depois de curto repouso, a escalada continua, para em breve se embrenhar na Mata do Lobo (309 m.), em terreno quasi plano, cujo piso se transforma como por encanto; o «humus» forma um tapete macio, a vegetação é frondosa com soberbos exemplares de carvalhos, medronheiros e adornos que ensombram por completo o caminho; a temperatura é agradável, proporcionando a vida aos rainuculos e a outras pequeninas plantas herbáceas que demandam calor e humidade.

Para quem sobe a vertente setentrional, aspera, frágosa e desnudada, esta mata é um verdadeiro oásis, a luz coada através do arvoredor pujante, o silencio religioso, só de quando em quando perturbado pelos estalidos secos dos ramos carcomidos...

Tanta quietude convida o espirito á meditação e, naturalmente, evocamos a memoria do mavioso cantor lirico da Serra da Arrabida—Frei Agostinho da Cruz, no seculo Agostinho Pimenta—que durante 14 anos (1605-1619) ali viveu uma vida ascética de humildade, alma de verdadeiro crente, só á vida contemplativa entregue...

As suas poesias líricas são repassadas de tanta sinceridade e embebedadas num sentimento tão cheio de verdade e naturalidade que impressionam profundamente; são versos, como diz Mendes dos Remedios, que «têm alma e fazem sonhar, alcandorando-nos até onde se sente o rugir da fera humana».

E ha de ser a mocidade das escolas que fará soar a hora da justiça devda ao solitario da Arrabida, erguendo em 1940, quando do duplo centenário da Fundação e da Restauração de Portugal, com o auxilio já prometido da ex.^{ma} Casa Palmela, lá na:

«Alta serra, deserta, donde vejo
As aguas do oceano duma banda,
E doutra, já sagradas, as do Tejo».

uma cruz tósca, em brecha da Arrabida, a afirmar ás gerações que passam que os novos aspiram a uma vida mais pura, mais alta, com outro ideal além do circunscrito nos horizontes desta vida tão dolorosa na época actual.

Vamos deixar a Mata do Lobo, e o

declive torna-se cada vez mais acentuado, o piso mais incomodo, até que entramos em plena «Confeitaria», assim designada esta parte do trajecto, tantos os pequenos calhaus que rolam sob os nossos pés e tornam a marcha penosa. Mas os rapazes não esmorecem, mais um arranque através de um corredor apertado, e entra-se numa clareira onde a luz abunda; aproxima-se o fim da vertente norte, transpira-se por todos os poros, até que se atinge a curva do espinhaço (370 m.).

E, então, por bem empregado se dá todo este esforço, durante cerca de hora e meia, para admirar o espectáculo mais emocionante que se pode imaginar. Dum lado o estuario do Tejo, do outro o Oceano e o estuario do Sado; e esta imensidade de horizonte como que nos aniquila, acentuando a nossa pequenez, a nossa humildade perante a obra grandiosa da Natureza.

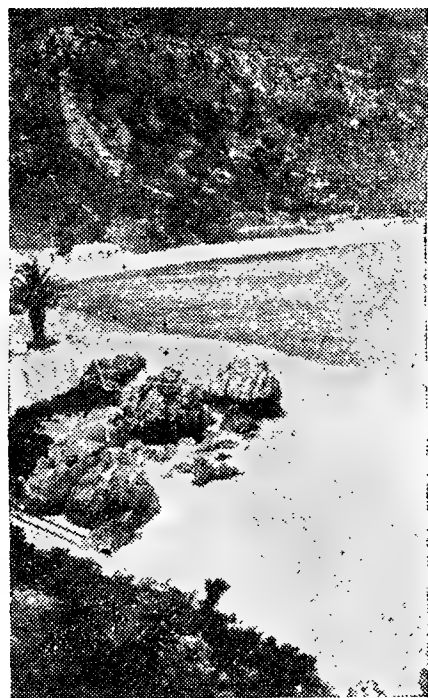
Do ponto onde estamos, que não é ainda o de mais elevada cota, pode-se atingir o marco geodesico do Formosinho, a 499 metros de altitude, caminhando umas centenas de metros á direita, e trepando sobre as rochas esburacadas de lapiaz, que se assemelham a vertebrae de grandes cetáceos.

E' este o ponto culminante de toda a serra; o panorama redobra de amplitude, a imensidade esmaga e assombra o nosso espirito, quando a vista em redor percorre, ao norte, as colinas de Azeitão, o anfiteatro de Lisboa, debruçada sobre o seu estuario, a Serra de Monsanto, a de Sintra e os montes da Estremadura; ao sul, a ponta de Sines e de S. Vicente; a leste, Evora e o Alentejo; a oeste, o Cabo Espichel e o mar imenso; e todo este grandioso espectáculo cansa pela sua vastidão, perturba os nossos sentidos e faz-nos murmurar baixinho com o poeta:

«Daqui mais saudoso o sol se parte;
«Daqui muito mais claro, mais dourado
«Pelos montes, nascendo, se reparte.
.....
«Assim, com coisas mudas conversando,
«Com mais quietação delas aprendo
«Que outros que ha, ensinar querem falando».

Da penultima vez que atngimos a lombada da serra (9 de maio de 1936) sentimos uma certa tristeza que em breve se dissipou,—vendo que o velho caminho dos pioneiros da Arrabida se encontrava cortado pela abertura da projectada estrada que liga a do Calhariz á do Outão.

Invasão do progresso, mas bem-vinda seja ele, pois que aquela perola ignora-



O Portinho da Arrabida

da quasi por completo de nacionais e estrangeiros, vai ser, enfim, conhecida e admirada.

E, na verdade, esta estrada, depois de asfaltada, será a primeira via de turismo de Portugal, e o Portinho da Arrabida a estância de inverno preferida pela suavidade do seu clima que, na opinião do sabio geografo, já falecido, dr. Silva Teles, «é das melhores, se não a melhor do territorio português».

Atravessada a estrada, percorremos mais uma centena de metros, pelo velho carreiro, passando junto dum dos varios montes de pedra—conhecidos por «Fleis de Deus» e pelos proprios viandantes construidos, pois, segundo diz a tradição, cada viandante lançava para o monte uma pedra, rezando baixinho um Padre-Nosso.

Assim entramos no planalto de S. João do Deserto, onde descansamos em plena serra, para almoçar.

O panorama que deste planalto lapiezado se observa junto das arribas alcantiladas do litoral, com altitudes á roda de 50 metros, cortadas quasi a pique, é dum encanto harmonioso; o horizonte torna-se mais limitado, aparecem as pequeninas praias, sobressaindo de entre elas a do Portinho da Arrabida, em forma de concha graciosa, abrigada do vento norte pelas arribas, com a sua encantadora baía, onde a pedra da Anicha parece vogar e as aguas tranquilas apresentam todos os cambiantes, desde o azul marinho ferrete, passando pelo azul celeste até o tom esmeralda, junto á areia muito branca.

Uma maravilha de cor e luz, que só tem paralelo, confirmado pelos proprios estrangeiros, nas praias mediterraneas da «Côte d'Azur»...

No dia em que as empresas de turismo, auxiliadas pelo Estado e em pleno entendimento com a illustre e mui nobre Casa Palmela, tomem a peito o desenvolvimento deste recanto de sonho, sem rival na península, construindo hotéis com todos os requisitos modernos, casinos e parques de jogos, que atraiam os turistas, o Portinho da Arrabida será a primeira estância de inverno de todo o país. A natureza ali é prodiga; na vertente sul da Serra encontra-se uma verdadeira floresta virgem, duma vegetação luxuriante, que, segundo o botânico suico—Chodat—é «le plus surprenant maquis qu'il soit possible de voir en Europe»; e a costa do litoral é toda recortada de pequenas farnas ou grutas marinhas, sobrelevando todas, em beleza e encanto, a Lapa de Santa Margarida, verdadeira catedral marinha, com as suas formosas estalactites e estalagmites seculares que se reúnem em elegantes colunas, lembrando palmeiras petrificadas, magicamente construidas pelos agentes epigénicos, que a Natureza, no seu labor constante de transformação, faz actuar sobre a Terra!

A meia encosta encontra-se situado o convento dos Frades Arrabidos, da Ordem de S. Francisco—tambem chamados «Capuchinhos»,—pelo capuz que usavam, e «Barbadinhos», pela longa barba crescida, frades contemplativos que faziam voto de pobreza, andavam



O planalto de S. João do Deserto na serra da Arrabida. Em baixo, a praia do Portinho e a Pedra da Anicha

(Ver continuação na 19.ª pag.)



MARÇO DE 1938—As primeiras tropas alemãs que entraram na Austria marcaram assim o final da independência austriaca. A entrada dessas tropas fez-se um pouco precipitadamente, motivo por que se assinalaram algumas deficiências de organização

Balanço de doze meses inquietos

O ano de 1938 foi vivido sob o signo de Chamberlain. O chefe do governo inglês ocupou o primeiro plano da cena mundial e dominou, da altura das suas intenções, todas as outras personalidades que se agitaram no ambiente das relações internacionais.

Durante 10 dos 12 meses que acabam de decorrer, fez-se uma experiência que teve o seu ponto culminante na Conferência de Munich. E' cedo para tirar dela qualquer conclusão definitiva. Mas os sintomas revelados não se mostram animadores.

A política de força impôs-se. Embora ela se não tenha traduzido pela guerra, a não ser num ou noutro ponto, a humanidade viveu sob a ameaça permanente de uma luta que seria o termo da nossa civilização.

Morreu uma Europa e uma Europa nasceu. No extremo oriental avançou a passos de gigante a empresa exclusivista e xenofoba que o Japão iniciara com a conquista da Manchuria. No extremo ocidente, os americanos mobilizam a sua indústria colossal no sentido da guerra e fazem a preparação moral e psicológica que ha de permitir a sua entrada na luta.

O homem e o universo transformaram-se. As palavras perderam o significado e o sentido. Os acontecimentos sucederam-se a um ritmo de loucura. No meio da catástrofe em que se afundaram tantos símbolos e tantos valores consagrados, alguns pastores de boa vontade fazem um apelo á lucidez. Com que resultado?

A Inglaterra repartida entre o seu destino imperial e as suas preocupações continentais, oscila nos fundamentos de uma grandeza que não conhece par. O pacifismo, «marotte» dos homens de Estado britânicos, faz figura de uma criança raquítica deitada aos pés da mãe moribunda. A cena passa-se em Genebra.

O Imperio inglês, que adoptara o pensamento wilsoniano da segurança colectiva, repudiou-o. A França, que inscrevera a segurança no primeiro plano das preocupações nacionais, fez tudo para a aniquilar. Deixou invadir a Renânia, anexar a Austria e desmembrar a Checo-Eslovaquia. Constatou que o valor da sua assinatura fôsse posto em duvida e que a sinceridade das suas intenções se tornasse objecto de polémicas.

Em Italia e na Alemanha o espirito totalitário, no interior, e a ambição imperial, no exterior, encheram o pensamento dos seus chefes. As duas nações procuram impor as suas concepções da vida e do destino a um mundo que consideram decadente. Até agora, apenas uma voz se ergueu para contestar o primado do politico sobre a essência imortal dos grandes conceitos espirituais: a voz de Pio XI.

A Europa acordou a Asia de um sonho milenar. Impôs-lhe, com uma civilização mecânica, o horror sagrado pela meditação. Não tem que admirar-se agora de que o destino lhe aplique a punição, bem merecida, pelos seus erros imperdoáveis. Os brancos, confi-

nados nas concessões das grandes cidades chinesas, tentam salvar do naufragio o conteúdo de envolveros que ha muito estão vazios. Esforço vão.

Os povos de cor sugaram na Europa o conceito do nacionalismo integral e foram á America beber as noções desoladoras do progresso tecnico que não conhece freio. Da amalgama resultou essa espantosa ressurreição do asiaticismo que os japoneses interpretam com um mixto de cinismo e de virilidade.

Os traços de farsa misturam-se, por vezes, a esta tragedia espantosa. A banca de Londres acaba de emprestar quinhentas mil libras aos chineses para que estes oponham uma barreira á força das armas do Mikado e á penetração espiritual do niponismo.

A Europa exercia na Asia um mandato intelectual que perdeu. Nada o poderá já substituir. O ano de 1938, assinalado pela entrada dos japoneses em Cantão e pela formação do eixo Roma-Berlim-Toquio, ficará marcando os episodios mais dolorosos no declínio do ocidente.

Os Estados Unidos procuraram fazer uma cura de bom senso. Aos conceitos excêntricos e desmoralizadores esforçaram-se por substituir as noções justas do real e do possível. Passadas as horas delirantes da prosperidade, do credito ilimitado e da tecnocracia, canalizam o seu dinamismo e regulam a sua exuberancia no sentido de uma aplicação prática e salutar.

Perdidas as grandes ilusões criadas pelo «trust» dos cerebros e dissipados os fumos da proibição, desfeita ao sopro da maioridade sul-americana a doutrina de Monroe, os Estados Unidos refugiam-se na esperança duma colaboração que, sobre a base do idealismo anglo-saxonio, facilite a resolução dos problemas que afligem o mundo.

O consulado de Roosevelt trouxe, mais do que uma transformação económica, uma revolução moral. A civilização materialista dos norte-americanos começa a ser penetrada por um elemento de solidariedade humana que a dignifica. O horror pelas perseguições anti-semitas galvanizou o povo dos Estados Unidos ao contrario do que supõem os que vêem nesse sentimento apenas a mobilização dos banqueiros de Wall Street.

“Aquele que, dentro de vinte anos estiver em Viena, será o verdadeiro vencedor da guerra.”

(Discurso proferido pelo principe de Bulow no Reichstag, depois da derrota da Alemanha em 1918).

Epitafio dum

Os povos rearmaram com grandeza enquanto o mundo foi dominado por um sentimento geral de

A Europa em armas contagiou os outros continentes. O general Goering, num discurso proferido durante a crise de setembro, afirmou esta verdade historica: o Reich, que iniciou a corrida aos armamentos foi o primeiro a chegar. Os ingleses fizeram um esforço notavel, sobretudo no dominio dos armamentos aereos. Os franceses não os puderam acompanhar, mas no mar e em terra foram de assinalar os seus progressos. Os pequenos países não puderam furtar-se á regra geral imposta pelas grandes potencias

A rotura do equilibrio europeu

Em 1938 rompeu-se definitivamente o equilibrio criado na Europa pelos tratados de paz.

Bom ou mau, esse equilibrio assegurava uma certa estabilidade ao nosso continente. A França perdeu as suas alianças orientais; desapareceu assim a contrapartida exigida pelo peso do gigante alemão ao centro da Europa.

Com a anexação da Austria e da região dos sudetas ao Reich este ficou com uma população de cerca de oitenta milhões de indivíduos.

A expansão germanica

O germanismo encaminhou-se no sentido de sudeste. As etapas inscritas nas paginas de «Meni Kampf», cumpriram-se.

A Alemanha destruiu o foco espiritual que ardia em Viena e apoderou-se do bastião da Boemia. Assegurou-se, assim, uma liberdade de movimentos total, para chegar rapidamente ao petroleo da Romenia e ao trigo da Ucrania.

O acôrdo de Munich

O perigo iminente da guerra fez reunir em Munich, á volta de uma mesa, os quatro chefes responsaveis das nações ocidentais. Como menor mal, acordaram todos no desmembramento da Checo-Eslovaquia. A operação de urgencia, iniciada em setembro, ainda não terminou. O governo de Praga entrou na orbita germanica. Outros se preparam para lhe seguir o exemplo.

O eixo Roma-Berlim-Toquio

Durante o ano de 1938 o eixo Roma-Berlim jogou exclusivamente a favor da Alemanha. A Italia assistiu, sem possibilidades de replicar, ao desaparecimento do tampão austriaco. Triste voltou a viver sob a ameaça germanica. A luta anti-comunista e a identidade de regimes prolongou o eixo europeu até á capital japonesa.

Os reis de Inglaterra em Paris

A França e a Inglaterra aproximaram-se. Os srs. Chamberlain e Halifax deslocaram-se até Paris; os srs. Daladier e Bonnet empreenderam, mais de uma vez, a viagem até Londres. A visita dos soberanos britânicos á capital francesa, realizada em julho, assinalou o ponto culminante de um entendimento que se não exprime apenas nas formulas protocolares do rito diplomatico. Jorge VI teve ocasião de apreciar a hospitalidade e a gentileza tradicional da França.

A paz entre a Italia e a Inglaterra

Depois da Abissinia, ingleses e italianos procuravam entender-se. Em janeiro de 1937, fôra o «gentlemen's agreement», que consagra o principio da igualdade de interesses e de forças no Mediterraneo. Em abril de 1938 foram os acôrds da Pascoa, os quais

só puderam ser postos em vigor sete meses depois. A questão espanhola continua a ser o grande obstaculo entre os dois povos. Entretanto anunciou-se a proxima viagem de Chamberlain a Roma.

As promessas franco-alemãs

O sr. Ribbentrop foi a Paris assinar com o sr. Bonnet uma declaração comum de boa vontade e de boa vizinhança. Ficaram as promessas trocadas. Dum e do outro lado do Reno ha ceticos e ha indiferentes. Mas das perdas, por esta outra: «o oriente para os japoneses», todos reconhecem que uma tal aproximação diplomatica vale bem mais do que os contactos platonicos entre personalidades sem influencia ou entre juventudes que se não respeitam.

A intervenção americana

Os americanos que intervieram, com todo o peso da sua influencia nos negocios da America, começaram tambem a preocupar-se com os assuntos europeus.

A Conferencia de Lima e a querela jornalística com o Reich foram a expressão do intervencionismo yankee. O presidente Roosevelt impôs á nação as suas concepções sobre armamentos e sobre a necessidade de se constituir uma poderosa esquadra americana no Atlantico.

O Oriente para os japoneses

Os chineses foram expulsos de Han-Kou e de Cantão. Os europeus e americanos estão amedrontados de perder a sua influencia, os



A INGLATERRA REARMA—No mar gigantesco para recuperar o tempo perdido fugir á críticas que das. Mas o potencial da aeronáutica um factor que decide

ano que morre

de intensidade

ado

inquietação

seus capitais e as suas vidas no Extremo Oriente.

O Japão arruina-se numa luta que não é apenas de vida ou de morte para ele, mas para os interesses dos brancos naquele ponto do globo. A formula inicial «o oriente para os orientais» foi substituída, com pesa-

A vaga anti-semita

A diplomacia alemã conquistou, em 1938, êxitos assinalados. A sua força armada fêz prodígios. A sua economia revelou-se de uma elasticidade fantástica. O moral da nação resistiu a todas as provas. Mas este, povo, excepcionalmente dotado, não conhece limites para a sua ambição. Os seus erros mais graves são sempre de ordem psicológica. Desencadeando, inesperadamente, a campanha anti-semita, o Reich hitleriano voltou a preparar a coligação sentimental e internacional que ameaça inutilizar o esforço gigantesco realizado, em vinte anos, pela nação alemã.

A morte da Frente Popular

A Frente Popular não pode sobreviver, em França, ao choque dos acontecimentos. Em seguida a Munich os comunistas não votaram a moção de confiança á politica externa do gabinete Daladier. No Congresso radical-socialista de Marselha, o chefe do governo francês proclamou a impossibilidade de colaborar com os comunistas.

Os decretos-leis do ministro das Finanças Paul Reynaud, serviram de pretexto para um ajuste de contas que, essencialmente, teve a sua origem nas divergências verificadas em materia internacional.



e no ar a Grã Bretanha faz um esforço não perdido. A sua actividade não se revelou, por vezes, fundamental. A politica britânica é já, neste momento, de discussões internacionais

Os homens de 1938

Neville Chamberlain

Em 1935, no Mediterraneo, o orgulho britânico sentiu, pela primeira vez, uma vontade capaz de se opôr aos seus impulsos. A Inglaterra, aprofundando as suas insuficiências e as suas fraquezas, reconheceu que precisava armar-se. Neville Chamberlain foi o homem encarregado dessa tarefa gigantesca. Primeiro, como ministro das Finanças; depois como chefe do partido conservador e como chefe do governo.

O dinheiro e a industria de guerra saíram do seu esforço e da sua perseverança.

Neville Chamberlain, sempre que isso se tornou necessario, suportou afrontas e fingiu que não sentia o peso das injurias.

Quando falou, em seguida á jornada dramática de Munich, foi para prevenir o mundo de que a Grã-Bretanha não estava militarmente preparada. Usando da palavra, ha dias, no circulo da Imprensa estrangeira, em Londres proclamou já que o periodo das transigências, sem contrapartida, terminara. A nação, ao seu impulso, pudera forjar as armas indispensaveis a uma defesa eficaz.

A causa da paz deve a Chamberlain serviços assinalados. Mas a causa da Inglaterra devo-lhe a sua propria razão de ser.

Anthony Eden

Eden abandonou o governo em fevereiro. Um mês depois a Austria era riscada da carta da Europa. Foi esse facto historico, de consequências transcendentes, que o levou a sacrificar a pasta que ocupava, num gesto que honra a sua isenção e a sua visão de homem de estado. Sem duvida a causa da pequena republica austriaca confundia-se, então, com a causa do equilibrio continental. Abertas as portas de Viena ao expansionismo nazi, tudo lhe seria permitido no centro e no sudeste da Europa. Eden não quis associar o seu nome a uma politica que reputava contraria ás suas concepções e á sua noção do interesse britânico.

A divergencia de pontos de vista com o chefe do seu partido não bastou para fazer dele um transfuga. Eden, na viagem que acaba de fazer aos Estados Unidos, prestou ao seu país um valioso serviço.

O «fair play» não é, para ele, uma expressão desprovida de sentido pratico e de significado politico.

Eduardo Daladier

Coube a Daladier a iniciativa de transformar a tactica tradicional da diplomacia francesa, depois da guerra. Ao mesmo tempo que rompia, no plano da politica interna, com a Frente Popular, aceitava tomar parte na Conferencia de Munich, da qual os Sovietes haviam sido excluidos. Deu um golpe profundo no sistema das alianças orientais, liquidando o caso checo-eslovaco e deixando quasi sem significação pratica os pactos da França com a Polonia e com sovietes. Para contrabalançar estas perdas no taboleiro diplomatico, aproximou-se da Italia, nomeando um embaixador para Roma e reconhecendo o imperio italiano, ao mesmo tempo que negociava com o Reich, uma declaração de boa vizinhança.

Ao impulso de Daladier, a França, obrigada, por virtude dos acontecimentos, a escolher entre a Grã-Bretanha e a U. R. S. S. optou pela amizade britânica.

Daladier, acusado muitas vezes de contradição, opõe aos seus adversarios o argumento do interesse nacional que, para ele, domina tudo.



JULHO DE 1938—A visita do rei Jorge VI a Paris marcou um acontecimento capital, não apenas para a evolução das relações franco-britânicas, mas para a marcha dos acontecimentos na Europa. A «Entente Cordiale» foi por ela singularmente reforçada

Leon Blum

Simbolisa, na politica externa francesa, a opposição a Daladier. E, entretanto, foram estes dois politicos que fizeram, orientaram e animaram a Frente Popular, no plano interno e no plano internacional, durante dois anos.

As hesitações de Leon Blum, como chefe responsavel de um governo, transformaram-se, na opposição, em certezas irrefutaveis. Cabendo-lhe a responsabilidade de uma orientação de transigencia, afirmada nos seus actos governativos, é actualmente o interprete dos que desejam ver a França tomar atitudes energicas e firmes.

No ultimo congresso do partido socialista advogou a vantagem de se adoptar um procedimento claro em relação ás potencias totalitarias, vencendo o seu correlegionario Paul Faure que defendia o ponto de vista contrario. Leon Blum é partidario de uma aproximação mais intima da França com a U. R. S. S. e com os Estados Unidos.

Adolfo Hitler

E' o grande triunfador de 1938. A conquista da Austria e o desmembramento da Checo-Eslovaquia são obra muito mais da sua intuição do que do funcionamento regular dos órgãos consultivos e executivos do Reich.

Antes de março, como antes de setembro, quando preparava as suas grandes operações diplomaticas, o Fuchrer teve o cuidado de afastar todos aqueles, politicos ou militares, que podiam embarçar a sua marcha.

As paginas reveladoras do «Mein Kampf» não haviam sido decoradas, com a brevidade necessaria, pelo grande estado maior alemão.

Tambem as não conhecia, com suficiente precisão, o pesoal da Wilhelmstrasse.

Estas falhas de memoria e de atenção valeram ao barão Neurath e ao general Fritsch o afastamento das funções que exerciam.

Hitler que actua, desde a acupação militar da Renania, com um conhecimento perfeito dos pontos fracos do adversario, não falhou nenhum dos golpes demoradamente concebidos e meditados no isolamento de Berchtesgaden. O Reich expansionista encontrou nele o seu melhor interprete.

Joachim von Ribbentrop

Com a entrada de Ribbentrop para o ministerio dos Estrangeiros, a situação do Reich esclareceu-se. O partido nacional socialista, cinco anos depois de se haver instalado no poder, conquistava a ultima alavanca de comando.

Isto dá ideia da luta que teve de sustentar para dominar todos os sectores da vida nacional.

Ribbentrop foi o conselheiro mais escutado pelo Fuehrer durante a crise de setembro. O que lhe falou, desde a primeira hora, a linguagem da verdade e da convicção, da segurança e da claridade. Foi da sua boca que saiu sempre a declaração categorica de que a Inglaterra não interviria. Um conhecimento perfeito da vida britânica habilitara-o a jogar sobre essa realidade em que não acreditavam, nem a diplomacia nem o exército da Alemanha. Por isso Ribbentrop foi, depois do chanceler, o homem que mais concorreu para que a vitoria germanica fosse completa em setembro.

Benito Mussolini

O Duce da Italia fascista criou o eixo Roma-Berlim, como consequencia inelutavel da atitude das potencias ocidentais durante a guerra da Abissinia. Em 1938, funcionando normalmente o eixo permitiu ao Reich apoderar-se da Austria e da região dos sudetas. A Italia não obteve, em contrapartida, as compensações que seria legitimo esperar do seu espirito de sacrificio revelado, sobretudo, durante o periodo que precedeu o Anschluss. Tambem no caso checo, a diplomacia italiana não conseguiu fazer triunfar a ideia de uma fronteira comum polaco-checa.

No Mediterraneo, porém, Mussolini marcou alguns exitos apreciaveis durante o ano que acaba de findar. A realização dos acordos da Pastoa, libertou o governo de Roma das dificuldades criadas pela natureza das suas relações com a Grã-Bretanha. A visita de Hitler foi uma demonstração efusiva da solidariedade alemã. Esta tem uma ocasião excepcional para se ilustrar a proposito das ultimas reivindicações italianas. O pensamento de Roma é o de obter uma igualdade de direitos total no Mediterraneo e no continente africano.

Conde Ciano

E' costume considerar o genro de Mussolini um germanofilo dedicado e convicto.

A verdade é que todos os actos do chefe da diplomacia italiana tendem a demonstrar que a solidariedade com o Reich constitui o fundamento mais serio da sua politica.

O conde Ciano pronunciou, no final do ano, um discurso retumbante que serviu de pretexto para que os deputados que o escutavam reivindicassem a posse da Tunisia, de Djibuti, da Orsega, da Saboia e de Nice, como aspirações naturais da nação italiana. Depois dessa manifestação de entidades responsáveis, á qual se seguiram demonstrações ruidosas nas ruas de Roma, a Italia espera que o Reich lhe empreste o auxilio devido pela sua atitude durante as crises de março e de setembro. A verdade é que, além das declarações da Imprensa nacional socialista, a que não deve atribuir-se um caracter de excepcional importancia, o Reich apenas se pronunciou ainda sobre o caso especial do canal de Suez, e mesmo assim pondo mais afirmações de doutrina do que realidades concretas.

O conde Ciano tem, porém, razões para supor que não será essa a ultima palavra do Reich.

Franklin Roosevelt

Franklin Roosevelt simboliza o intervencionismo americanocionalismo ameaoirbte cionalismo americano nos assuntos europeus, como seu tio Teodoro simbolizou o intervencionismo americano nos assuntos asiaticos.

(Ver continuação na pagina seguinte)

“Aquele que se apoderar da Bohemia será o verdadeiro senhor da Europa.”

(Testamento politico de Bismark)

1938: Um ano sob o signo de Chamberlain

(Continuação da pagina anterior)

O tio diminuiu a importancia esmagadora da derrota do Czar na guerra russo-japonesa servindo como medianeiro nas negociações que conduziram á paz de Portsmouth. O sobrinho tentou impôr a sua mediação na crise de setembro pela realização de uma conferencia internacional de que participassem os Estados Unidos e a Russia Sovietica. O primeiro triunfou plenamente; o segundo falhou na sua tentativa que ficou apenas como uma afirmação de boa vontade. O segundo golpe serio na politica externa de Roosevelt acaba de ser dada pela Argentina, tomando o comando de vinte nações sul-americanas que não aceitam integralmente, nem a sua concepção nem os seus desejos.

Mas Franklin Roosevelt realizou já uma tarefa gigantesca; conseguiu que os seus compatriotas se preocupem com os assuntos europeus e vejam, em alguns dos seus aspectos, uma ameaça directa aos proprios interesses americanos. A hora do isolamento passou. Mas a da colaboração activa está ainda longe de ter soado.

Chang-Kai-Chek

O marechal Chang-Kai-Chek simbolisa a resistencia chinesa á invasão niponica. Nem as derrotas militares, nem a fome suportada pelas populações nem a insuficiencia dos meios de defesa revelada durante uma campanha longa e mortifera, abateram a energia do marechal que reune á sua volta o que resta do antigo imperio da China.

Nem sempre o auxilio estrangeiro tem correspondido ás solicitações de Chang-Kai-Chek. Apenas nas ultimas semanas a Inglaterra e os Estados Unidos lhe forneceram alguns capitais, sendo mesmo assim os respectivos empréstimos condicionados pela compra de importantes quantidades de material aos dois países.

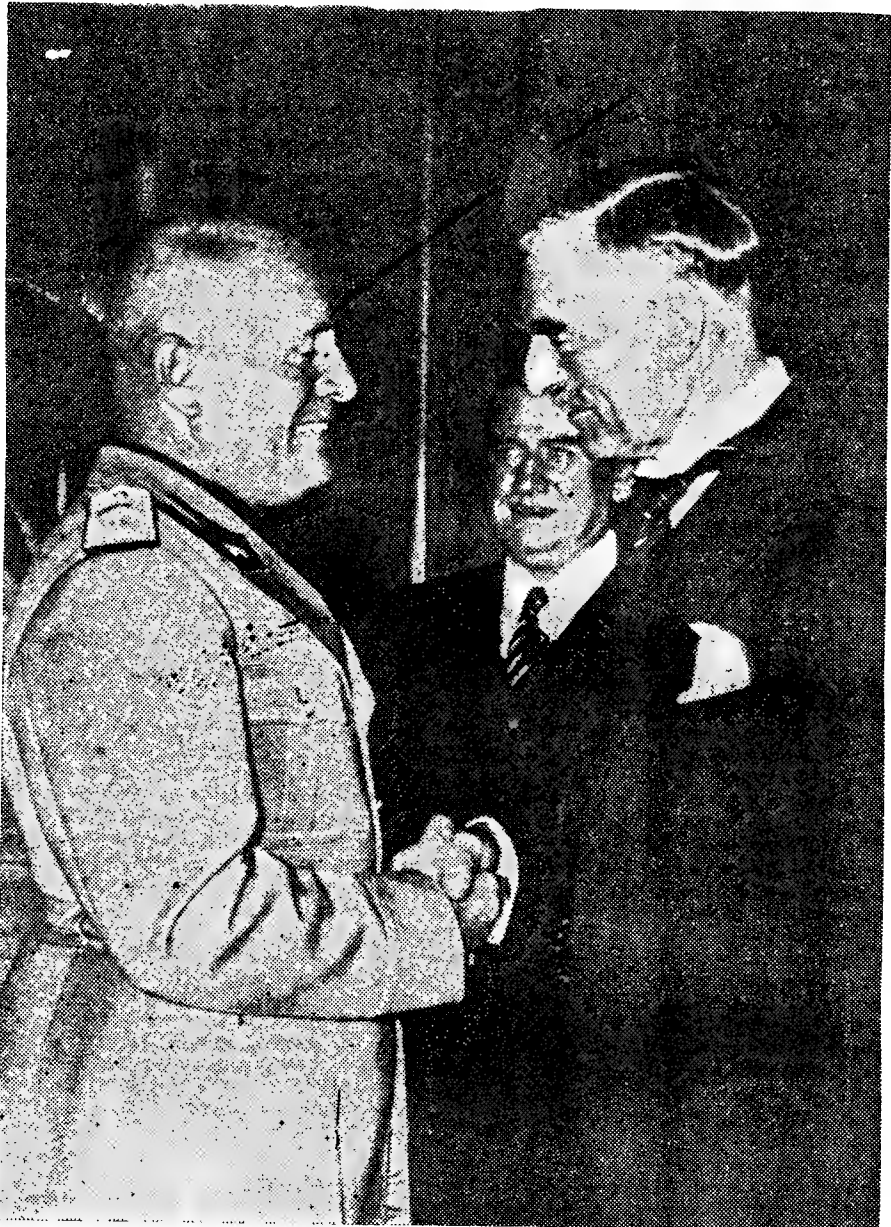
A fuga recente do ministro dos Negocios Estrangeiros da China veio pôr, mais uma vez, em foco a existencia de fortes motivos de divergencia entre os elementos que auxiliam o marechal.

Este acaba de fazer uma declaração categorica de que o seu ministro dos Negocios Estrangeiros não têm qualidade para negociar qualquer armistício ou para discutir qualquer proposta de paz. Afirma assim a sua vontade de resistencia até final.

Mas á volta de Chang-Kai-Chek as desercções, e as desilusões acumulam-se e esse facto faz do marechal chinês um dos grandes vencidos de 1938.

Kurt Schuschnigg

Na sua prisão de Viena, o ultimo chance-



A PAZ ANGLO-ITALIANA—Esta gravura representa o encontro entre Chamberlain e Mussolini durante a viagem historica que ambos fizeram a Munich. Segundo uma declaração ultimamente feita pelo primeiro ministro na Camara dos Comuns, foi nela que se combinou a sua proxima e tão discutida viagem a Roma

ler da Austria deve ter meditado profundamente sobre o caracter transitorio das coisas e dos homens, sobre a fatalidade dos acontecimentos e sobre a vacuidade das promessas feitas.

O pacto da S. D. N. garantia a independencia da Austria. A Conferencia de Stresa reafirmara-a. Uma garantia anglo-franco-italiana opunha-se a qualquer tentativa audaciosa do Reich. Quando as tropas alemãs atravessaram a fronteira, essa garantia não se fez sentir. Mussolini, o grande amigo de Dollfuss que mobilisara no Brenner quatro anos antes, não tinha a liberdade de iniciativa que a politica sancionista lhe havia roubado. Roma não respondeu ao apelo telefonico desesperado de Schuschnigg. Este limitou-se a um discurso comovente de despedida em que afirmava a sua fé nos destinos imortais da nação austriaca. Hitler atraiu-o a Berchtesgaden em fevereiro. Foi nesse dia fatal que o destino da Austria ficou irrevogavelmente marcado.

Seiss Ynquart foi o executor de uma politica que ninguem se atreveu a combater e que apenas Schuschnigg tentou demorar.

Eduardo Benès

A's suas mãos nasceu e ás suas mãos morreu o estado checo-eslovaco tal como o haviam concebido os negociadores dos tratados de paz.

Eram numerosos os seus defeitos; brilhantes as suas qualidades. Não era um orador e dominava assembleias; simples professor antes da guerra foi o verdadeiro inspirador da diplomacia europeia depois dela; amando ardentemente a patria realizou todos os actos necessarios para que ela apparecesse afogada pela maré alta dos acontecimentos. Tudo o que acarinhou e procurou realizar se desfez nas suas mãos. A Pequena Entente era uma obra do seu espirito. Viu-a morrer antes que pudesse realizar a obra para que verdadeiramente foi criada. A independencia da Austria constituia um artigo de fé para a sua mentalidade de politico realista. E foi sob os seus olhos que o Anschluss se fez, de preferencia á restauração dos Habsburgos.

Eduardo Benès simbolisava a resistencia ao expansionismo germanico na bacia do Danubio. Todas as tentativas para organizar a economia dessa região tiveram nele uma adversario implacavel.

Francofilo fervoroso acreditou sempre que a França faria a guerra para defender a integridade da sua patria. Os acontecimentos opuzeram um desmentido formal a esta convicção. Eduardo Benès tomou o caminho do exilio. E' o terceiro grande vencido neste ano agitado de 1938.

RESUMO CRONOLOGICO DOS ACONTECIMENTOS OCORRIDOS ESTE ANO

JANEIRO—Em França formou-se um governo de Frente Popular, presidido por Chaumet. Tem a colaboração de socialistas e radicais mas os comunistas não figuram nele.

Na Alemanha o chanceler Hitler durante a recepção habitual ao corpo diplomatico dirige palavras tranquilizadoras ao embaixador francês, François Poncet, desfazendo assim os boatos correntes sobre a existencia de contingentes alemães em Marrocos.

Os elementos que na Romenia simpatizam com os nazis formam um governo presidido por Octaviano Goga. A guerra de Espanha continua sem operações de grande relevo. No Extremo Oriente os japoneses apoderam-se de Tsingtao. O Congresso americano vota os primeiros creditos militares. No Mexico começa a luta pelo petroleo.

FEVEREIRO—No dia 20 Anthony Eden abandona o governo britânico e é substituido por lord Halifax. O episodio é inicialmente considerado como uma satisfação dada a Mussolini. Mas o seu fundamento é diverso. Eden adoga uma intervenção activa da Inglaterra, na Europa Central, da qual Chamberlain discorda.

Grande depuração no exercito e na diplomacia do Reich. Afastamento do general Fritsch, de Neurath e dos embaixadores Papen, Dirksen e Hassel. Ribbentrop é nomeado ministro dos Estrangeiros e von Keitel chefe do exercito.

Hitler chama o chanceler Schuschnigg a Berchtesgaden e tem com ele uma entrevista tempestuosa. A causa da Austria considera-se perdida. Na Romenia cai o gabinete Goga. Em Espanha os nacionalistas, depois de uma ofensiva violenta, reconquistam Te-

ruel. Constitue-se em Burgos um governo regular.

MARÇO—Nova crise politica em França. Blum substitui Chaumet.

O Reich realiza a anexação da Austria depois de uma serie de episodios dramaticos que culminam com o discurso de despedida do chanceler Schuschnigg.

A Polonia envia um ultimato á Lituania, que se curva perante a força.

A Inglaterra acelera a sua tarefa de rearmamento, votando creditos e abrindo fabricas.

Em Espanha os nacionalistas levam a sua ofensiva até ás portas da Catalunha e tomam Belchite, Montalban, Caspe, Alcaniz e Lerida.

Os japoneses tomam Wie-Lai-wei. No Brasil é dominado um golpe de estado integralista.

ABRIL—A S. D. N. aprova uma proposta britânica dando liberdade aos seus membros para reconhecerem o imperio italiano.

O gabinete Blum dá lugar a um governo Daladier com o radical Bonnet na pasta dos Estrangeiros.

Daladier e Bonnet fazem uma viagem a Londres conferenciando largamente com Chamberlain e Halifax.

Iniciam-se conversações franco-italianas, entre Ciano e o encarregado de negocios da França, Blondel.

Em Roma são assinados os acordos com a Inglaterra, conhecidos por acordos da Pascoa.

A Romenia reprime o movimento «Guardas de Ferro».

Os nacionalistas espanhóis chegam á costa do Mediterraneo e instalam-se em parte dela.

MAIO—Na Belgica forma-se um governo presidido pelo socialista Spaak.

O gabinete Chamberlain tem mais uma crise.

Malcolm MacDonald entra para a pasta das Colonias e Kingsley Wood para a da Aeronautica.

A Checo-Eslovquia começa a ser sacudida pelas reclamações da minoria sudeta. As consequências da anexação da Austria começam a fazer-se sentir na Europa Central.

No dia 21, em consequencia de um incidente na fronteira germano-checa a guerra esteve para estalar.

O Chanceler Hitler visita a Italia. O eixo Roma-Berlim tem ocasião de reafirmar a sua solidez e a sua maleabilidade.

Os japoneses ocupam Amoy. Numa crise ministerial declarada em Toquio, o general Ugaky entra para a pasta dos Estrangeiros.

JUNHO—Iniciam-se conversações para a realização de um acordo comercial entre a Inglaterra e o Reich.

Na Alemanha registam-se manifestações anti-semitas de certa gravidade.

O problema checo-eslovaco começa a tomar aspectos inquietantes. As eleições municipais realizadas na Checo-Eslovquia demonstram a força e a importancia do movimento dirigido por Konrad Henlein.

A ofensiva dos nacionalistas espanhóis na costa do Mediterraneo é coroada de pleno êxito. A comissão de não-intervenção aprova, por unanimidade, o plano britânico para a retirada de voluntarios.

Nos Estados Unidos é descoberta uma grande organização de espionagem alemã.

JULHO—Os reis da Inglaterra visitam a França, onde permanecem de

19 a 22. O povo de Paris presta aos hospedes reais um acolhimento excepcionalmente caloroso.

A Italia é visitada pelos ministros húngaros, Imredy e de Kania.

Um enviado especial do Fuehrer, o capitão Wiedmann, vai visitar Londres, onde realiza conferencias com algumas personalidades británicas.

Na Austria iniciam as autoridades alemãs um energico esforço de nazificação. Na Checo-Eslovquia continua a ser agitado o problema das minorias.

Os vermelhos em Espanha desencadeiam uma ofensiva violenta no Ebro. Entre russos e japoneses ocorrem incidentes graves em Chang-Ku-Feng.

AGOSTO—Em consequencia duma crise ministerial, provocada pela lei das quarenta horas, abandonam o governo: os ministros Ramadier e Frossard, que são substituidos por de Moutet e Pomaret.

As negociações franco-italianas não puderam prosseguir.

Perante o agravamento da situação na Europa Central, o ministro britânico John Simon fez um discurso afirmando que a Inglaterra não ficará indiferente perante a marcha dos acontecimentos. Enquanto a Inglaterra envia, á Checo-Eslovquia, lord Runciman, os alemãs iniciam as suas grandes manobras militares.

A situação agrava-se de dia para dia.

O aviador Lindbergh visita a U. R. S. S. O governo de Budapest reprime o movimento nazi no interior. Japoneses e russos liquidam pacificamente o caso de Chang-Ku-Feng.

SETEMBRO—E' o mês crucial para (Ver continuação na pagina seguinte)

A SERRA DA ARRABIDA

(Continuação da 15.ª pagina)

desealços e dormiam sobre uma cortiça.

De todo este conjunto, que se observa da vertente sul, poderia tirar partido uma organização turística bem orientada, e a serra seria um manancial de riqueza para o país, pela atracção irresistível que oferece a todos os nacionais e estrangeiros, tornando-se, com Lisboa e Setúbal, o triângulo turístico do sul, lido sonho a realizar, desabrochando em 1940, quando do duplo centenário da fundação e da restauração de Portugal, e oferecido à Patria e a todo o mundo turístico!

Como velho pioneiro da Arrabida, que ali vai desde tenra idade e ha sete anos consecutivos organiza excursões de estudantes, posso afirmar a influencia que tem no espirito da gente moça a visita daquelas paisagens misticas, moldando-lhes o caracter, criando-lhes amor e apego à Patria, e deixando no seu espirito uma saudade vincada de lá voltar.

O sistema educativo da mocidade teria a lucrar, se, a par dos conhecimentos literarios e scientificos, ministrados nas escolas, e a exemplo do que se pratica noutros países de cultura mais avançada, se organizassem colonias de férias e albergues da juventude nas principais zonas montanhosas do país, como me o de cultivar na mocidade escolar as qualidades fisicas e morais, indispensaveis na luta pela vida.

Terminaremos, exortando a mocidade das escolas, espiritos em formação, a visitar frequentemente a Arrabida—lugar ermo de oração, na etimologia arabe—e a amar este torrão sagrado, sem igual na Terra Portuguesa, escola natural de energia fisica, por meio de exercicios em pleno contacto com a Natureza e onde a vista e o espirito se exaltam até o expoente maximo, com a grandeza do ilimitado lá emriba, depois a aspereza das fragas, os miradouros naturais e variados, a meia encosta, as ruínas, ainda belas, dum recolhimento de ascetas, e o silencio religioso das matas virgens, e, ao fundo, a pureza dum mar mediterraneo, dum mar de sonho.

S. P.

Festa de homenagem aos pescadores

FIGUEIRA DA FOZ, 29—Organizada pela Casa dos Pescadores de Burecos, e com o valioso concurso do Gremio e dos Amadores dos Navios da Pesca do Bacalhau, realizou-se hoje uma festa, no amplo salão de Inverno do Grande Casino Peninsular, autorizado por uma portaria do sr. ministro das Finanças, visto a importante casa de recreio ter estado encerrada.

O almoço foi em homenagem dos 102 casamentos e 58 baptizados religiosos efectuados entre a familia piscatoria da pesca do bacalhau de 20 do corrente até hoje.

Nos brindes, usaram da palavra os srs. comandante Garrido, em nome do comandante Henrique Tenreiro, dr. José Viana, em nome dos sindicatos do Distrito de Coimbra e ainda como representante do Sindicato dos Jornalistas, P. José Lourenço Padrinhos, Carlos Lino Gaspar em nome da União Nacional, dr. João Monsanto, em nome do sr. presidente da Camara, e dr. João das Neves, sub-delegado do I. N. T.. Encerrou os discursos o sr. comandante Garrido, capitão do porto, como presidente da Casa dos Pescadores.

No fim foram oferecidos 1.000 brinquedos às crianças, e muitas peças de agasalhos às mulheres e filhos dos pescadores da pesca do bacalhau.

A festa foi abrilhantada pela orquestra «Caixeiros Melodi Banda», tendo a Empresa do Peninsular oferecido uma sessão cinematografica á assistencia.

A CENA DE APEDREJAMENTO

em Vilar de Mouros

SEIXAS DO MINHO, 29—O canibalesco apedrejamento do infeliz Adriano Lages, da freguesia de Lanhelas, occorrido na tarde do dia 26, no lugar de Marinhãs (Vilar de Mouros), no arraial de Santa Luzia, á medida que se vão conhecendo na sua extensão os varios pormenores causa a maior indignação.

São em grande quantidade os individuos ouvidos entre testemunhas e acusados. Conhecem-se já os principais cabeças de motim, que serão envolvidos nas malhas da lei.

O estado do infeliz Adriano Lages é pouco animador. Não há esperanças de o salvar.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

RESUMO CRONOLÓGICO

dos acontecimentos internacionais
ocorridos este ano



O FIM DUM DUELO HISTÓRICO—Os srs. Bonnet e Ribbentrop assinam no Quai d'Orsay uma declaração de boa amizade e de boa vizinhança entre o Reich e a França. O acontecimento não teve, porém, a repercussão que se esperava. Restos de desconfiança reciproca? Receio perante a inovação realizada?

(Continuação da pagina anterior)

a Europa. Domina-o a evolução da questão checa com as suas repercussões nos principais países da Europa. A realização do Congresso de Nuremberg é o pretexto para que o Reich ponha claramente o seu ponto de vista: anexação, pura e simples, da região dos sudetas.

As grandes potencias mobilizam, enquanto o governo de Praga prepara a resistencia militar.

Chamberlain visita por três vezes o Führer, em Berchtesgaden, em Godesberg e em Munich, onde por fim se reúne uma Conferencia das quatro potencias. A Checo-Estovaguia é desmembrada. A Alemanha, a Polonia e a Hungria anexam os territorios que reivindicavam.

Os Estados Unidos resolvem organizar a sua esquadra do Atlantico.

OUTUBRO—Liquida-se o incidente checo-eslovaco. O presidente da Republica, Benés, demite-se e deixa o país. A Polonia e a Hungria, devido á opposição do Reich, não conseguem fazer triunfar o seu desejo de uma fronteira comum.

Em França inicia-se a liquidação da Frente Popular. Os comunistas não aprovam, no Parlamento, a politica externa de Daladier.

Ainda em consequencia do incidente checo-eslovaco demite-se o primeiro lord do Almirantado, Duff Cooper, que é substituido por lord Stanhope.

Na Palestina, verifica-se um agravamento da situação. Ribbentrop visita a Italia, onde começa a luta anti-judaica. Hitler pronuncia um discurso agressivo no Sarre. A batalha do Ebro termina com a victoria dos nacionalistas. Os japoneses tomam Han-Kou e Cantão.

NOVEMBRO—Chamberlain e Halifax visitam Paris, onde conferenciam com os seus colegas franceses.

O Congresso do partido radical socialista, realizado em Marselha, consagra a rotura da Frente Popular.

Em Inglaterra ha uma quarta recomposição ministerial, num periodo de dezoito meses. Entram para o governo lord Runciman e John Anderson.

O rei Carol da Romenia e o principe Paulo da Yugo-Eslavia, visitam Londres.

A Inglaterra e a França reconhecem o imperio italiano. François Poncet é nomeado embaixador em Roma. Hitler pronuncia, em Weimar e Munich, discursos atacando alguns politicos ingleses.

O ministro sul-africano Pirov vem á

Europa por causa do problema colonial.

A Polonia estreita os laços que a unem os soviets.

Retiram dez mil voluntarios italianos da Espanha.

DEZEMBRO—Daladier dá, no Parlamento, a grande batalha á opposição socialista e comunista, ganhando-a. Uma tentativa de greve geral, organizada pela C. G. T., malogra-se inteiramente.

A proposito da sua anunciada visita a Roma, Chamberlain é interpellado por numerosos deputados da opposição. Anuncia-se a saída provavel de mais alguns dos seus colaboradores.

As relações franco-italianas entram numa fase aguda, em virtude das reclamações da Italia relativas á Tunisia, Digibuti, Corsega e Saboia.

O antigo ministro dos Negocios Estrangeiros Eden visita os Estados Unidos.

Os nacionalistas espanhóis desencadeiam uma grande ofensiva na Catalunha.

A campanha xenofoba intensifica-se no Oriente, enquanto os meios americanos atacam o Reich.

Ano moço... gente velha

Novo ano que se inicia...

Para nós, é relembrar Marcelino Mesquita, Envelhecer...

Recorda-se D. João da Camara, Os Velhos...

Não ignoramos a obrigatoriedade de nos conduzirmos, nestas circunstancias, pelo axioma-pensamento do octogenario George Bernard Shaw do *Sobre Escolhos*:

«Enquanto no nosso espirito existir um cantinho verdejante, não devemos queixar-nos de velhice».

Não desconhecemos nos impende seguir a doutrina evangelizadora do sapiente e eminente Cardial Patriarca de Lisboa, Senhor Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, ao proclamar a 6 de janeiro de 1931, no salão nobre do seu Paço Episcopal:

«A vida acaba depressa e por isso deve-se durante ella proceder com nobreza, para o agrado de Deus e dos homens».

Encare-se a mocidade tal ele o preceitua, dizendo a 8 de março de 1936 aos escolares:

«A vossa juventude é uma luta e é uma victoria».

Mas apontemos aos outros qual o fez o falecido conselheiro dr. Manuel Fratel, em conferencia de 12 de dezembro de 1934:

«Na verdade, os problemas politicos não se resolvem só com agilidade, destreza e força e nem são requisito dos homens de Estado que se exijam, como para as lutas greco-romanas ou para a corrida de Marathona».

Ou de identico ao proclamado na Sociedade de Geografia, a 2 de abril de 1936, pelo dr. Vasco Borges:

«Não olheis nunca depreciativamente os velhos ou os reformados, os que serviram em má epoca, porque esses, pelo menos, souberam manter intactas e fazer respeitar as gloriosas tradições de nobreza, de pundonor, de patriotismo do nucleo a que pertenceram».

Vamos acumulando ano sobre ano, embora os vejamos, na frase de Filinto Ellisio, «cair de peso sobre nós e nos assoberbarem».

«Na vida ou se acutila ou se é acutilado», filosofa Bourbon e Meneses.

E, se cogitarmos:

«A vida resume-se em saber pacientemente esperar-lhe o fim...».

Teoria comodista, seja.

Reevoquemos assim, aguardando, o que o erudito dr. Xavier da Cunha, extinto, direccionante então da Biblioteca Nacional de Lisboa, escritor e poeta exímio, nos escrevia a 24 de março de 1916:

«A v., que é um moço e que tem um presente com todo o brilhantismo, oxalá esteja reservado, brilhantissimo sempre, um prolongado futuro».

Aproximavamos-nos dos trinta e cinco Abris...

Mais um novo ano...

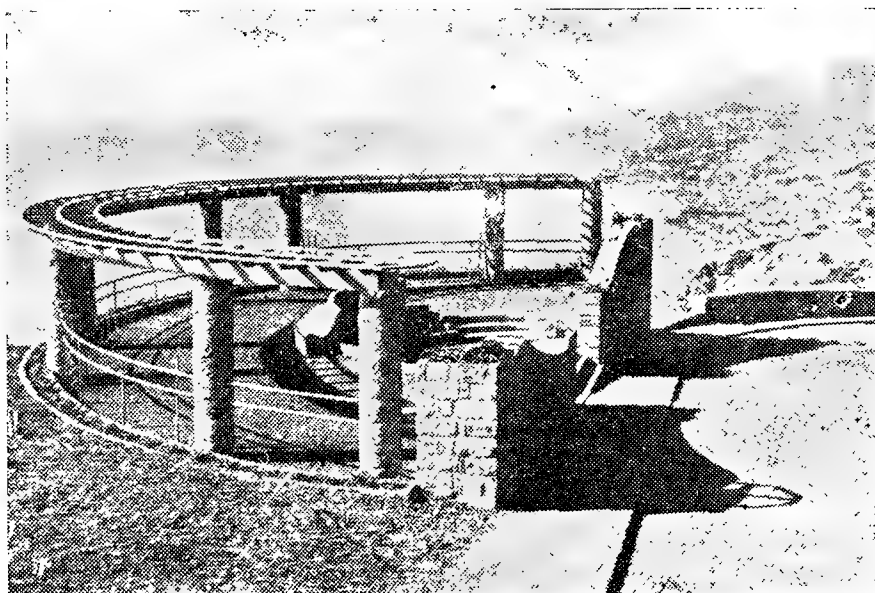
Frio... gelo... neve...

Embrulhem-nos nesta cerzida preciosa manta de retalhos lindos...

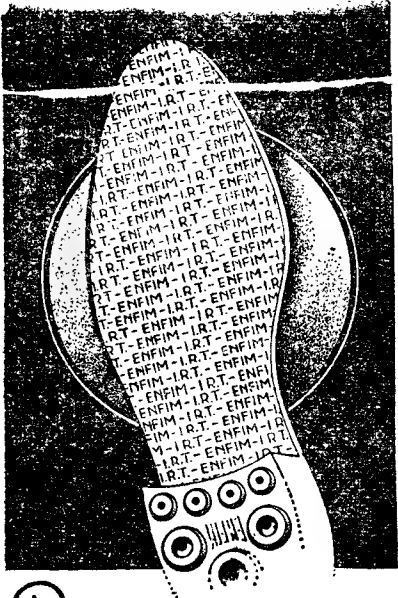
ARMANDO RIBEIRO

(Do Instituto de Coimbra)

Um miradouro sobre a baía do Funchal



Miradouro do Pinaculo, no Funchal, delineado pelo architecto Eugenio Correia, que domina a vastidão imensa do Atlantico e alguns dos mais formosos trechos da cidade. E' justo salientar os melhoramentos que a linda cidade madeirense, tem ultimamente sofrido, graças á admiravel iniciativa do presidente da Camara Municipal, sr. dr. Fernando Ornelas Gonçalves



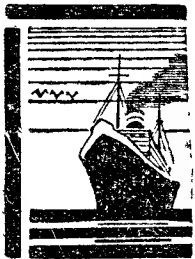
Prefira calçado com
sola
ENFIM
que é quasi sem fim

Defenda a sua saúde
e o seu dinheiro

FABRICANTE/ RE/PON/AVEI/
INDUSTRIAS REUNIDAS TRIUNFO
S. JOÃO DA MADEIRA

POR 5\$00

Semanais, todos podem adquirir Relógios de todas as marcas, joias e objectos em prata, inscrevendo-se na no sistema de Vendas a Prestações, com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas, podendo o objecto ser adquirido à primeira prestação, somente por 5\$00. F. de Sousa Torralis, Rua de S. Paulo, 106. Telef. 265-8.



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

CARREIRA RAPIDA DA COSTA
OCIDENTAL E ORIENTAL

PAQUETE

Mouzinho

sairá no proximo dia 14 de Janeiro, pelas 12 horas, recebendo carga e passageiros para

Funchal, S. Tomé, Pointe Noire, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Moçambique, Beira e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

AVISO AOS SRS. CARREGADORES:—Este vapor recebe carga até as 20 horas do dia 10 e desta data até as 20 horas do dia 13, com o aumento de 20 %, e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas.

Para tratar:

LISBOA—Rua do Instituto Vergilio Machado, 14

Telefone 2 0052

PORTO—Rua do Infante D. Henrique, n.º 9

Telefone 2342

ANO NOVO-ANO BOM



COM UM FOGÃO A GÁS

Neste momento e apenas por um curto espaço de tempo... a compra de aparelhos a GÁS dá direito a um bonus, em relação ao valor da compra, para escolha no nosso Armazem da Boa Vista e no Stand Avenida Palace, de loiça esmaltada, fabrico de Fundição e Construções Mecânicas de Geiras

Qualquer instalação de fogão com forno ou de esquentadores será feita pelas C. R. G. E. ao preço do caso

Vendas a 24 prestações

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

A Gabardine Impermeavel

“HERBEER,”

E' a melhor

e não receia confronto
de preços, nem de qualidade

Vendas a pronto e a
prestações mensais
ou semanais com
Bonus

Nas mesmas condições:
Fatos, Sobretudos, Casacos
para Senhoras,
etc.

Concessionario Exclusivo:

Arcada da Moda

252-R. dos Fanqueiros-256



TAMARIZ Parque Palace Pensão

ESTORIL

Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás
Aprazível recinto com divertimentos
para creanças



Em **5**

Prestações
iguais e mensais
sem aumento
de preço
Fatos, sobretu-
dos e Gabar-
dines
Sempre novida-
des
Ultimos figuri-
nos

**ALFAIA FARIA
RIGOR DA MODA**

18, Rua de S. Nicolau, 20
LISBOA Telefone 25023

Telefones 5 0813 e 4 6780

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 172

A melhor, a mais luxuosa e a mais
confortavel pensão de Lisboa. Telefones em todos os quartos, aquecimento central e elevador. Oferece-lhes comodidades da grande hotel a preços de pensão. Selecção rigorosa.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

Medic. coração, pulmões—Dr. A. Narciso, 5 h.
Cirurgia. Operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, v. urinarias—Dr. M. Magalhães, 12 h.
Pele e Sifilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenç. nerv. electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Garg. nariz, ouv.—Dr. F. Calheiros, 3 e 30. h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Doenç. das crianças—Dr. Silva Nunes, 5 e 30.
Doenças sr.ªs operações—Dr. O. Afonso, 2 h.
Boca, dentes, protese—Dr. A. Lima, 12 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha, 6 h.

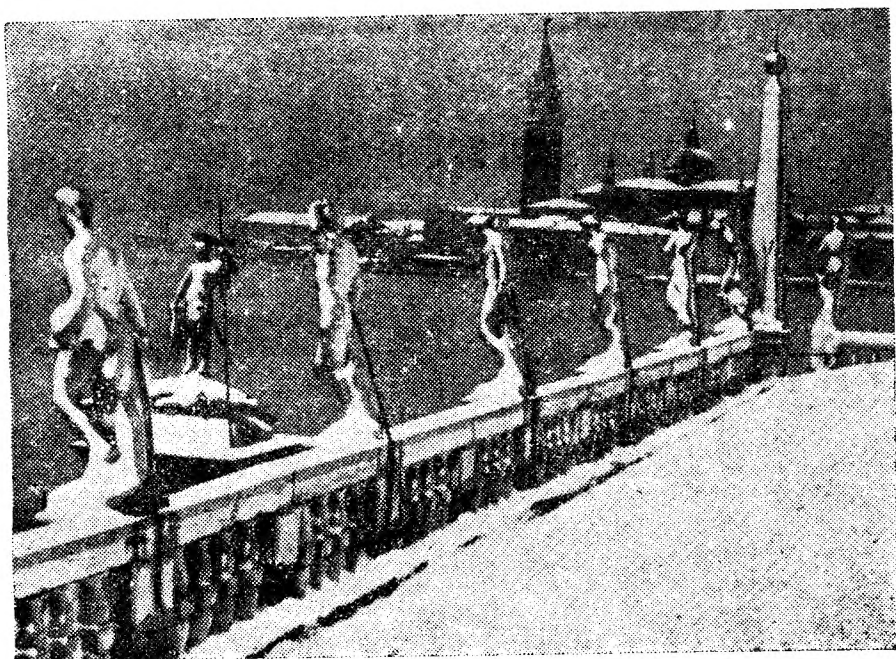
ANALISES CLINICAS
TELEFONE 2 6519

Actualidades gráficas

Quando o inverno é rigoroso...



Em Paris, tem caído este ano neve em abundância. Diante de Nôtre-Dame, as alegres «midinettes» divertem-se atirando umas às outras com bolas de neve



A Veneza dos Doges também ficou coberta por um alvo lençol de neve que faz um manto de arminho às estatuas das Venus e dos Apolos que se debruçam sobre os canais românticos da linda cidade mediterrânea



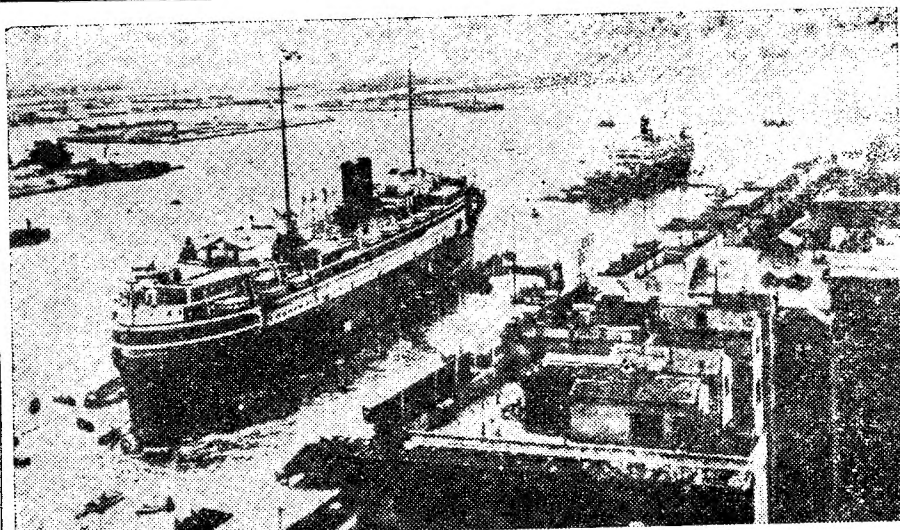
No sul da Inglaterra, no Hampshire, a neve obstruiu de tal modo as estradas, que os automóveis só conseguem passar ao cabo de aturados esforços

UM PARZINHO QUE SE VAI CASAR



Annabella, que há dias passou em Lisboa, como uma estrela cadente, foi ao Rio de Janeiro encontrar-se com o seu galã favorito, o actor Tyrone Power, com quem se diz que deve casar em breve, apesar dos desmentidos oficiais. Enquanto ela tem um sorriso feliz, neste «cabarete» do Rio, onde o fotógrafo os surpreendeu numa ceia de noivos, ele baixa os olhos envergonhado diante da objectiva indiscreta

O CANAL DE SUEZ—POMO DE DISCORIDA



Uma vista do canal de Suez, sobre o qual pairam as pretensões da Itália, discretamente apoiada pela Alemanha

O PRETENDENTE AO TRONO DA RUSSIA



O grão-duque Wladimiro, pretendente ao trono milenário dos czars, tem um cão chamado «Toots», com o qual repousa num banco do Bosque de Bolonha depois do seu passeio matutino

TEMAS COLONIAIS

Um livro sobre a Guiné

«Sr. director do *Diário de Lisboa*. —Ha poucos dias quando, indeciso, estava a pensar como deveria responder ao inquerito proposto pela *Ilustração de Angola*, acerca dos «mais salientes entre escritores coloniais na Metropole», tive o prazer de receber a visita do dr. João Barreto, que me trazia a oferta da sua «Historia da Guiné».

Se de longe a longe se publicam, com tristeza o digo, boas obras referentes ás nossas colonias, ou porque a sua confecção demanda muita paciência e demorada investigação nos arquivos onde exista documentação precisa, ou porque a finalidade do escritor não encontra ambiente propicio para esta ordem de trabalhos, ou, finalmente, porque não é facil encontrar livreiros-editores suficientemente arrojados, que se metam em empresas tão arriscadas. O certo é, portanto, que por esta razão ou por qualquer outra, a literatura colonial dentro da literatura da metropole, é muito pobre, para não dizer apagada em produções de valor.

Vem agora o dr. João Barreto desengulfo com a sua obra historica, enfileirando-a ao lado da «Historia de Moçambique», do sr. general Teixeira Botelho, e da «Historia de Angola», de Alfredo Felner, um estudioso e consciencioso escritor, que passou quasi ignorado, quando o seu melhor epitafio deveria ser a sua obra literaria.

Sobre a Guiné, a nossa terceira colonia em extensão territorial e de esperancoso desenvolvimento, só havia lido o que se encontra publicado pelo sr. Armando Cortesão, escritor de muitos meritos, e mais recentemente pelo sr. major Viegas, ilustre governador da provincia, num mui elucidativo relatório, onde se lê um breve esboço historico. Nada mais, que eu saiba, está escrito sobre aquela nossa colonia.

O dr. João Barreto nos dá, porém, uma historia completa sobre a Guiné, num trabalho exaustivo e bem documentado. Até hoje só o conhecia como sendo representante dum importante diario da India Portuguesa, onde publica interessantes artigos doutrinaes e de critica social, e, tambem, como medico, que havia prestado relevantes servicos na Guiné, onde servira por longos anos, deixando um nome tão benquisto, que a Camara Municipal de Bolama o consagrou como cidadão benemerito.

Mas, no meio de todo o seu trabalho clinico, não lhe faltaram vagares e paciência, para o estudo e boa colheita da documentação precisa para escrever uma obra de vulto como o é a «Historia da Guiné».

Li-a com infinito prazer e dum fôlego. A clareza e sobriedade do estilo, uma das suas caracteristicas a juntar a muitas outras, satisfiz ao meu constante e empenhado desejo de conhecer ainda mais a historia das nossas colonias. Quando findei a sua leitura senti o prazer que todo o gastrônomo sente após uma succulenta e bem preparada refeição.

O autor começa, como todos os mais terão de fazer, quando pretenderem escrever acerca das colonias, a dar uma noticia breve, mas clara e elucidativa, sobre o movimento redentor e proficuo da nossa expansão maritima, iniciada pelo genio do Infante de Sagres, e fá-lo na medida suficiente, para se poder entrar no amago do trabalho, preparando-se para conhecer a evolução progressiva por que iria passando essa descoberta no decorrer do tempo. Para tanto, fez uma boa colheita de conhecimentos precisos pela leitura das obras de João de Barros, Luiz Cadamosto, Diogo Gomes, Duarte Pacheco e outros, a fim de tirar conclusões judiciosas sobre as primeiras tentativas de ocupação.

Dividindo, depois, a obra em periodos, tantos quantos fôssem precisos, o autor conduz o leitor pelo caminho recto e desbravado até a presente epoca, e fá-lo com a segurança e placidez dum bom nauta em demanda de porto seguro.

A primeira parte do livro abrange o periodo que vai de 1446 a 1640, que considera como não sendo, no sentido exacto da palavra, de ocupação, mas simoles e unicamente de exploração, e de ponto de escala, talvez, de futuras e importantes descobertas maritimas. Entra depois na segunda parte, que é

o periodo de ocupação, embora embrionaria, e, então, fornece optimas noticias, apoiadas em sólida documentação, de tudo quanto se fez a fim de que a sua administração ficasse centralizada em Bissau.

E no periodo seguinte e outros salienta a obra encetada para a sua pacificação, indo depois, passo a passo, demonstrando todo o esforço e todo o sacrificio empregado para trazer o indigena á submissão e ao respeito pela autoridade até alcançarmos a paz e a tranquillidade, tão necessarias para o inicio da nova era.

Poderia esperar-se mais e melhor? Estou convencido que não, pois sei, de experiencia propria, que não é tarefa facil escrever uma boa obra historica referente a qualquer das nossas colonias, e com mais razão da Guiné, onde certamente o autor não teria encontrado, devidamente coleccionados, catalogados e epigrafados os documentos

que lhe servissem para nos poder dar obra historica de tanto merecimento, e que veio preencher uma lacuna importante na literatura colonial.

O dr. João Barreto fé-lo, porém, navegando, repito, nas aguas tumultuosas da historia, como bom nauta, corajoso e experiente, e a escreveu analisando serenamente os documentos que teve de compulsar sob a luz da epoca, e, como medico que é, fez um diagnostico consciencioso e seguro da evolução por que ia passando a colonia, sem *parti pris* e sem a menor preocupação de auto-reclame.

E', portanto, com verdadeira satisfação que vejo o sector da literatura colonial valorizar-se com mais este trabalho, e oxalá mais outros nos apparecessem de igual fôlego, desde que tão necessarios se tornam para o engrandecimento de Portugal e do seu Imperio Ultramarino.—De v., etc.—José F. Ferreira Martins.

Verdades sobre a Guiné

A publicação feita pelos Serviços Aduaneiros desta Colonia, do relatório e mapas do movimento comercial e marítimo, referente ao ano de 1937—publicação que, como as anteriores, revelam bem a excelente metodização e meticolosa ordem daqueles Serviços—sugere-nos algumas considerações sobre o momento actual da economia da nossa Guiné, cujo conhecimento julgamos poder interessar aos sectores da actividade nacional que de qualquer forma tenham ligações, quer espirituais, quer materiais, com o desenvolver da vida colonial.

Depois da publicação, feita em 1936, do livro «Guiné Portuguesa», valioso e interessantissimo trabalho do ilustre governador sr. major Carvalho Viegas, que di-lo-emos sem intuitos de louva-minha interesseira ou subversiva, tem consagrado a esta colonia o melhor do seu patriotico e nacionalista esforço—o problema maximo da economia guineense não sofreu modificação e apresenta-se o mesmo e com as mesmas caracteristicas que, desenvolvimento e com toda a clareza e autoridade, são focadas naquele trabalho do ilustre governador, que, na presciencia da sua irresolução, tangeu o rebate muito a tempo de se evitar a eclosão dos males que já se vão instalando nos sectores da vida economica e social da Guiné.

E, porque não pode ter, até agora, uma solução, a situação apresenta-se nos com um horizonte de interrogações dentro das quais cabem as mais sérias e justificadas apreensões.

Na verdade—e isto tem sido dito e redito—sendo a Guiné uma colonia de feição caracterizadamente agricola, a maior atenção dos governantes tem de convergir na defesa da produção do sólo, desde que ela brota da terra, até á natural finalidade pratica da sua existencia, isto é, desde o trabalho do lavrador, até ao aproveitamento lucrativo de tal trabalho por parte de outras actividades integradas no todo economico.

O governo da colonia—mau grado as apreensões que lhe vão sugerindo as providencias protectoras do nacionalismo do consumo, adoptadas dentro e fora das fronteiras do Imperio—vai cumprindo a sua missão de aumentar e melhorar a produção, facto que se verifica, em absoluto, existente, como consequencia de um esforço tenaz e persistente.

Ao passo, porém, que a colonia vê aumentado o indice da sua produção agricola melhorada, surgem interesses, muito sagrados talvez, mas que contrariam a justa e necessaria valorização economica do produto do labor colonial, causando, para maior mal, a impressão de uma colisão de interesses

ses todos nacionais que se digladiam á conquista de regimes de favorecimento, arrastando consigo um espirito de desagregação da unidade economica e, até, social do Imperio.

O problema, que se encontra numa fase de acuidade, sem solução possivel por actuação do governo local, surge assim pôsto:

Se a Metropole, no sentido de salvaguardar interesses vitais da sua economia agricola, encerra as portas á produção colonial ou restringe por qualquer forma a sua importação, onde encontrará a Guiné mercados de colocação? Nos mercados estrangeiros? Mas esses, ou por engorgitamento ou por desnecessidade ou, ainda, por serem fornecidos por outros centros produtores em regime de pautas favorecidas, não oferecem possibilidades de aceitação dos produtos agricolas da Guiné.

A impossibilidade, pois, de conseguir mercados de drenagem e, consequentemente, a desvalorização da sua economia agricola, com todo o cortejo de fatais resultantes bem calculaveis, vai-se enraizando como certeza no espirito da população.

E, na proxima colheita, o que sucederá, se o comercio local, impossibilitado por falta de mercados consumidores, por seu turno não adquirir tambem a produção ou levar os preços de aquisição até a minimo tal que desequilibre completamente a economia do indigena, o que produzirá um fatal empobrecimento de todos os sectores de vida social e economica da colonia, ao qual nem o proprio Estado poderá eximir-se?

Julgamos que a pergunta que se cinge á fundamentada perspectiva de uma realidade, merece larga ponderação. E, a dois meses do inicio das grandes compras de produtos, exige não só ponderação, mas tambem resolução.

Haverá pessimismo nestas considerações? Oxalá que sim. Os pormenores, porem, que neste momento exteriorizam a situação, não têm caracter algum que possam conduzir-nos a optimismos, sem que haja uma reacção que venha aclarar o negrume dos horizontes.

Se estas linhas, traçadas com o unico intuito de bem servir, pondo a nu um problema cuja resolução se impõe para salvar a economia de uma colonia, merecerem o acolhimento do «Diário de Lisboa», continuaremos, em outros artigos, tratando assuntos de palpitante interesse para a Guiné, o que é o mesmo que dizer: para a defesa dos interesses e da verdadeira unidade do Imperio.

SILVA PIMENTA
Offical de Cavalaria.

Imagens do dia

O Natal dos duques de Windsor



O duque e a duquesa de Windsor chegaram a Antibes, na Côte d'Azur, onde foram passar as festas do Natal e Ano Novo, na propriedade que ali possuem: o castelo de la Croë

O Ano Novo em Hankeu



Nos arredores de Hankeu, o ano de 1939 vai nascer com acompanhamento de artilharia. E' natural que os chineses não gostem deste fogo de artifício com que os seus amigos japoneses pretendem saudar o ano que começa e levar-lhes as luzes da civilização niponica...

A moda para 1939



A moda tem caprichos que a fazem regressar, muitas vezes, ao tempo das nossas avós. Este lindo vestido de «moiré» preto tem uma albigueira, tal qual como usavam as damas de ha cinquenta anos, e a mesma severidade que caracterizava o traje feminino dessa epoca

Dr. Benguê, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÊ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

UMA PEÇA PARA CRIANÇAS

«Pimpinela» apreciada pela crítica

que a considerou um lindo espectáculo de teatro infantil



A «Avózinha» (Lucília Simões) e a «Pimpinela» (Maria Lalande) numa cena do 1.º acto

A crítica recebeu com um coro de louvores, em que não houve uma nota discordante, a fantasia infantil «Pimpinela», de Pereira Coelho e Norberto Lopes, com música de Antonio de Melo, expressamente escrita para as *matinées* consagradas às crianças no Teatro Nacional. Alguns vão até ao ponto de a considerar uma obra-prima da literatura infantil, um espectáculo maravilhoso, que abre diante da imaginação das crianças os horizontes ilimitados do sonho e da fantasia, sem excluir o sentido moral e educativo que deve caracterizar este género de poesia dramática.

Depois de pôr em evidência, na crítica do *Diário de Notícias*, as dificuldades que o teatro infantil oferece, Cardoso dos Santos reconhece:

«Tais dificuldades souberam vencê-las briosamente os dois parceiros na autoria do poema dramático que imaginaram e escreveram com talento e coração, como quem no convívio das crianças aprendeu a conhecer-lhes a sensibilidade, e tornaram assimilável a espíritos inocentes a história infantil que encerra, na sua ternura, proveitosa lição de moral.

«E com graça e ternura contaram as aventuras e atribuições da simples e bondosa «Pimpinela», humilde plantazinha de um reino de hortaliças, ajustando-se à maravilha na airosa figura de Maria Lalande, que lhe deu perfeito sabor de ingenua candura, a quem a protecção da linda fada «Joaninha», gentilmente personificada por Adelina Campos, e o amor do «Príncipe Lilás», a que Benamor deu apaixonado relêvo, salvam dos ardis do cruel «Rei Espinafre», caricaturado por Vital dos Santos.

E entre plantas e flores — uma irrequeita «Cebola», comicamente vestida por Maria Clementina, o buliçoso «Rabanete», que Villaret anima com vivacidade, o «Alho», a que deu comica esperteza o impagável Nascimento Fernandes — na moldura de cravos, malmequeres, campainhas, representados por elementos de orfeões escolares, vai graciosamente conduzido o fio da história, rematada pelo consorcio da pastora e do príncipe».

Por sua vez, Cristóvão Aires, no *Seculo*, depois de afirmar que «Pimpinela» passa a figurar entre o que de melhor se tem realizado entre nós, como teatro infantil, acrescenta:

«A melhor e mais justa crítica à peça infantil que ontem se estreou na Casa de Garrett será a de referir que os mais entusiásticos aplausos que coroaram a sua representação foram os das crianças, cujo riso cristalino acompanhou, em alegre sinfonia, todo o desenrolar do maravilhoso entreacto em que intervieram fadas e duendes, reis e príncipes encantados, pa-

gens e escudeiros, além de dezenas de figuras alegóricas dos domínios poéticos da exuberante natureza, legumes, flores e animais».

E' ainda de Cristóvão Aires esta justa apreciação do desempenho:

«No desempenho, ha a assinalar, como nota marcante, a simplicidade com que Lucília Simões e Nascimento Fernandes, artistas máximos do nosso tablado, se encarregaram, respectivamente, dos dois papeis, a «Avózinha» do primeiro quadro, e o escudeiro «Alho», que acompanha mais ou menos todo o entreacto. Deram, assim, um belo exemplo de amor à sua profissão, em que foram secundados pelas primeiras figuras do elenco do Nacional. Maria Lalande, flôr de graça e de gentileza que nos aparece sobraçando uma ovelhinha mansa, a «Joaninha», a qual, depois, se transforma em fada, vai com certeza ser a personagem favorita da gente miuda como já foi na «História da Carochinha» e na «Gata borralheira». Maria Clementina e João Villaret, artistas de grande sentido cómico, fazem mil tropelias para gaudir da petizada. Alvaro Benamor, muito bem no seu príncipe encantado; Adelina Campos, uma boa fada gentilíssima; Vital dos Santos, na cómica personagem do «Rei Espinafre»; Maria Côrte Real, Maria Brandão, Mario Santos, Pedro Lemos, Cardoso e Henrique San-

tal, que faltava escrever no teatro português, com a emoção e a delicada sensibilidade dos seus felizes autores. Registe-se que não ha nele uma nota dramática que aterrorize as crianças, e que é sempre tão fácil de dar, antes um encanto sereno, uma magia graciosa, que suavemente recreia.

«O espectáculo foi montado com elegancia e bom gosto. E', mesmo, feérico. Não são, apenas, as flores que falam, humanizadas por artistas de palmo e meio, mas os instrumentos da orquestra, na musica de Antonio de Melo, que é maravilhosa de tessitura, e que René Bohet regeu com intelligencia e vivacidade. Por vezes, como Olavo Bilac queria, parece que se ouvem as estrelas nas arcadas dos violinos».

E por fim:

«Sobre este espectáculo sente-se que pairam as mãos de Amelia Rey Colaço, mãos de fada do teatro português, que mais uma vez fizeram um milagre de arte e de beleza, este inspirado pela sua ternura de mãe».

Antonio Santos comenta no *Diário da Manhã*:

«Pereira Coelho e Norberto Lopes devem sentir-se orgulhosos de terem oferecido este ano à petizada de Lisboa uma excelente e proveitosa Consoada e certamente que a melhor recompensa a essa sua dádiva maravilhosa de-



O «Alho, escudeiro» (Nascimento Fernandes) e o «Rei Espinafre» (Vital dos Santos)

Tic, tic, tic, tic
Vamos lá devagarinho
Para pôr o sapatinho...

o presepio apoteótico; o cortejo real; a cavalaria ligeira do reino da Beldroega, e um dueto de amor, que é uma visão deliciosa para as donzelinhas, ao ver a beleza dum parzinho de sonho e a brancura do vestido longo da noiva formosa».

J. M. A. escreve nas *Novidades*:

«A petizada que acorreu ao chamariz do Nacional gostou da efabulação engenhosa, viu-se a bandeiras despregadas das graças e desgraças da «Cebola», do «Rabanete», do «Alho», do «Estalajadeiro», do «Rei Espinafre» e enterneceu-se dos lances arriscados da pobre e inocente «Pimpinela» que, no final, vem a casar com o «Príncipe Lilás».

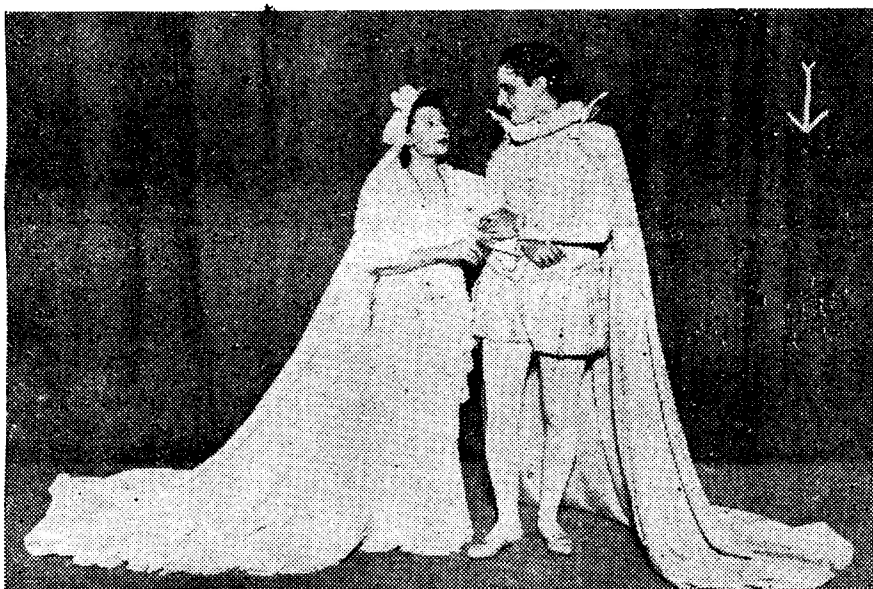
Quadros bem delineados e optimamente arranjados, petizada muito bem ensaiada e caracterizada, novela engraçada — tudo concorre para que «Pimpinela» tenha carreira longa e triunfal, tanto mais que tem a interpretá-la artistas como Nascimento Fernandes, Lucília Simões, Maria Lalande, Clementina, Villaret, Vital dos Santos, etc. e uma interessantíssima pleiade de meninos e meninas que mais parecem artistas feitos que actores. Felicitamos a Empresa, os autores e os actores — em nome da petizada que os aplaudiu a todos».

Torres da Carvalho sublinha, na *Voz*:

«Salutar espectáculo o de ontem no Nacional. As cenas passam, ingenuas e sugestivas, sob os inocentes comentários da petizada e o bom humor dos grandes que, durante algumas horas, também se encontram transportados aos tempos deliciosos da meninice. Pereira Coelho e Norberto Lopes apresentaram uma peça encantadora para meudos e crescidos».

E acrescenta:

«Ao terminar esta rápida notícia, sublinhamos a correcção do texto, acessível a todas as crianças e a melodia da musica, por Antonio de Melo composta, muito bonita e agradável».



«Pimpinela» (Maria Lalande) e o «Príncipe Lilás» (Alvaro Benamor) numa imagem de sonho do 3.º acto da deliciosa fantasia infantil

tos, afinam entre si um belo conjunto, bem adequado à índole da peça».

«Mas a nota mais impressiva da interpretação foi-nos dada pelo grupo entendedor de crianças, raparigas e rapazes, os coelhinhos, as campainhas, os ratinhos, os meninos cabeçudos, as rosas, os cravos, os jasmims e malmequeres, que encheram o palco com a sua luminosa puerilidade, arrancando os mais entusiásticos aplausos da plateia».

Artur Portela, no *Diário de Lisboa*, considera «Pimpinela» uma linda peça do teatro infantil, verdadeiro acto de amor e de adoração, onde como que perpassa aquela doçura poética, de lirismo tão português, que João de Deus deixou em toda a sua obra».

E acrescenta:

vem os festejados escritores senti-la ao ouvir as espontaneas gargalhadas dos juvenis espectadores no decurso das representações. Abençoado é o espirito de quem sabe fazer rir as crianças.

«Por muito paradoxal que isto pareça, a incontável verdade é que a grandeza deste interessante conto teatral está precisamente na sua simplicidade. E' muito difícil ser simples, dessa simplicidade desartificial que é a unica acessível á intelligencia embrionaria da gente meua, mas esse condão tiveram-no os autores desta preciosa peça infantil que parece escrita com pluma de arminho. A' leveza do assunto corresponde a leveza de expressão e notam-se principalmente apreciáveis a terna graciosidade e o saudavel bom humor com que foi tecido o agradável entreacto».

Luiz de Oliveira Guimarães, na sua crítica da *Republica*, considera «Pimpinela» uma «peça rica de graça e de fantasia, ingenua como todos os contos de fadas, mas que realiza, á maravilha, o fim a que se propõe: agradar ás crianças de todos os tamanhos... E' a historia de uma humilde e graciosa rapariga, de nome «Pimpinela», cuja maior riqueza é a sua bondade e que, depois de incidentes varios, acaba por casar com um príncipe. *C'est l'éternelle chanson*. Mas a graça, o espirito, a fantasia, o bom humor, e até—porque não dizê-lo—o cuidado literario que os autores emprestaram á sua obra, dão a esta peça um lugar de incontestavel merecimento na historia, aliás pouco fecunda, do Teatro infantil em Portugal».

Armando Ferreira, no *Jornal do Comercio e das Colonias*, diz:

«Na linguagem simples e clara das obras para crianças é escrita «Pimpinela», onde todos os papás e mamás, titis e vóvós não encontrarão qualquer passagem que possa ao de leve ferir as suas susceptibilidades de educadores.

«Mas o maior encanto da representação reside no encanto de alguns quadros e conjuntos, capazes de perdurarem toda a vida na memoria dos mais pequenos espectadores: a marcha luminosa, o graciosissimo friso:



O «Grupo dos Malmequeres» forma um lindo ramallete colorido



O «Rabanete» (João Villaret) e a «Cebola» (Maria Clementina), os cozinheiros do palacio do rei da Beldroega

(Fotos Diniz Salgado)

Publicações

Junta Nacional da Cortiça

Estão publicados os dois primeiros números do Boletim que a Junta Nacional da Cortiça resolveu editar como seu órgão oficial. Fizera a sua apresentação o sr. ministro do Comércio e da Indústria em termos bem expressivos e muito honrosos para a Junta; e ela própria em editorial seu, do qual facilmente se depreende a importante tarefa de propaganda e cultura, que essa publicação se propõe levar a cabo. Se a apresentação gráfica da nova revista, pode considerar-se excelente, mais ainda ela se impõe pela colaboração entre a qual figuram artigos do sr. Conde de Tovar, engenheiros Vieira Natividade, I. Katel e Almeida Garrett e valiosas secções, como Indústria, Comércio, Contencioso, Estatística, etc. algumas delas largamente documentadas pela fotogravura e pelo gráfico.

A tiragem destinada ao estrangeiro contém um resumo em inglês, dos principais assuntos versados em cada número.

CAMBÍOS

CHEQUE	Compr.	Vendas
Londres.....	110\$15	110\$19
New-York.....	23\$69.9	23\$71.2
Paris.....	\$6.23	\$6.23
Berlim.....	9\$49.9	9\$50.4
Amsterdã.....	12\$88.6	12\$89.3
Bruxelas.....	3\$99.4	3\$99.6
Roma.....	1\$24.6	1\$24.7
Zurich.....	5\$34.5	5\$34.8
Praga.....	\$81.3	\$81.4
Rio de Janeiro.....	1\$37.6	1\$37.7
Burgos (Espanha).....	—	—
Libra ouro.....	—	—

LINHA DE CASCAIS

Horário dos comboios

A Sociedade «ESTORIL», para maior comodidade do público, **passa a efectuar também aos domingos e feriados, desde 1 de Janeiro**, o comboio 2 do horário dos dias úteis, com 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, partindo de Cascais às 5.44 h. da manhã, com paragem em todas as estações e apeadeiros até Cais do Sodré.

Policlínica Central de Lisboa

FUNDADA EM 1905 para as classes pobres
Praça Luiz de Camões, 22, 2.º E.—Telefone 2 2740

Prof. Borges de Sousa—Doenças dos olhos 11 h.

João Manuel Bastos—Rins e aparelho urinário 11 h.

Prof. Fgas. Moniz—Nervosas e mentais, 15 h.

Prof. Carlos Salazar de Sousa—Doenças das crianças, 14 h.

Dr. A. Burguete—Estômago e intestinos, 13 h.

Dr. Santana Leite—Ouvidos, nariz, garganta 14 h.

Dr. Craveiro Lopes (filho)—Doenças da pele e sífilis, 14 h.

Prof. Eduardo Coelho—Medicina geral, coração e pulmões, 12 h.

Dr. Torres Pereira—Cirurgia geral, 15 h.

Dr. Oliveira Luzes—Diatermia, raios ultra-violetas, maçagens, etc., 12 às 14 h.

Dr. Freitas Simões—Doenças das senhoras 16 h.

Dr. Tiago Marques—Boca e dentes, 11 h.

Dr. M. Martins de Queiroz—Doenças da circulação e nutrição às 16 h.

Dr. Custodio Teixeira—Análises clínicas.

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Serviço de Electricos

Rossio-Ajuda — Calçada da Ajuda — Boa-Hora

Inaugurando-se no dia 1 de Janeiro de 1939, a nova linha da Rua Leão de Oliveira, as carreiras

ROSSIO-AJUDA

ROSSIO-CALÇADA DA AJUDA passam a seguir via Caes do Sodré, Rocha, Largo do Calvario e Rua Leão de Oliveira.

ROSSIO-BOA-HORA

continuam via Conde Barão, Pampulha e Alcantara.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1938.

A Direcção

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico **SEMPRE FIXE**.

PORTO KROHN

MARCA «ROYAL PORT»
Nos. 1, 2, 3 e 4

AGENTES NO SUL:
ARMAZENS TEIXEIRA, ROCHA & C.
106-118, Rua dos Douradores—LISBOA

CASA HIPOLITO

(FUNDADA EM 1900)

TORRES VEDRAS



Aos seus amigos e clientes apresenta os seus cumprimentos de **BOAS FESTAS** e feliz **ANO NOVO**.

PAPELARIA CARLOS

de CARLOS FERREIRA, L.da

Aos seus clientes e Amigos particulares os mais cordiais cumprimentos, votos de festas felizes e sinceros desejos para muitas felicidades e prosperidades no novo ano.

LISBOA — Rua do Ouro, 36

ANGELO PEREIRA

proprietario e «barman» do

“YORK-BAR”

Rua Serpa Pinto, 17-F. (ao Chiado) — Telefone 2 7793

deseja aos seus numerosos clientes um novo ano cheio de felicidades.

O que certas pessoas dizem de certos produtos:

É quasi a mesma coisa.
Tambem é bom...
Fica mais em conta...
Mas os conhecedores continuam usando a

Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

DESCOBERTO, FABRICADO E GARANTIDO PELA CASA BAYER

Casa no Parque Estoril

A 300 metros da estação caminho ferro, aluga-se ao ano ou pela época. Mobilada, tem chauffage, garage, canalização de agua quente independente com 3 casas de banho.

Informa o chefe da estação ou Lino banheiro.

MAPLES

ULTIMOS MODELOS. A 12\$400
Marceneiro & Decorador
Só na ANTIGA CASA SOARES & COELHO
R. Academia das Ciencias, 21 (ao Seculo) F. 26550

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

TORROAES

RELOJÓEIRO DE CONFIANÇA

119 — RUA DA PRATA — 123 Tel. 2 4210

OS SEUS RELOGIOS

DE PAREDE E DESPERTADORES SATISFAZEM

AS EXIGENCIAS MAIS MODERNAS

VEJA A SUA EXPOSIÇÃO

A CASA HAVANEZA

Unicos importadores da acreditada marca de papel

ZIG-ZAG

Cumprimenta os seus Ex.mos Fregueses e Amigos, desejando-lhes Festas muito felizes e Bom Ano Novo.

Largo do Chiado

Ferreira & Costa

R. PRATA, 124

SOLA E PELES

Cumprimenta os seus clientes, desejando-lhes um ano cheio de prosperidades.

Telo (fona 2 1925 gramas: Atianthote)

Hermida Martins, L. da

Pro. Ger. do Suíço Atlântico Hotel

Apresentam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos cumprimentos de Boas Festas, desejando-lhes um Ano Novo repleto de prosperidades.

LISBOA

R. da Gloria, 3 a 19

BOLO REI

Receita da antiga Casa Macieira

O legitimo, encontra-se á venda na R. Alves Correia, 1 a 7, telefone 2 2065 (frente ao elevador do Lavra).

Este estabelecimento fecha hoje 31, ás 23 horas e amanhã, ás 14 horas.

AS MELHORES GABARDINES INGLESAS

Smarton — Im- pregnable

Preços sem confronto

CAMISARIA TORRE EIFFEL

Rua do Carmo, 100

NAO CONFUNDIR



A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Repr. Victor Chaskelmann & C.
Rua da Palma, 268—Lisboa

ORATOL

E' o grande remedio contra as doenças da boca.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Bilhetes especiais de desporto para a Covilhã (Serra da Estrela)

No periodo de 15 de Dezembro de 1938 a 15 de Abril de 1939, estão á venda bilhetes de desporto para a Covilhã e volta, com 6 dias de validade, nas estações e aos preços seguintes:

De:	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe
Lisboa-R	129\$35	90\$55	59\$01
Entroncamento	81\$90	57\$40	35\$40
Coimbra	93\$15	65\$15	42\$60
Aveiro	104\$05	72\$90	47\$55
Campanhã	120\$40	81\$40	59\$55
Porto	133\$40	93\$45	60\$95

(Os bilhetes das 4 ultimas estações são por via Pampilhosa - Guarda).

De qualquer outra estação compreendida na rede da Companhia fornecem-se bilhetes complementares com 45 % de redução para ligar com os bilhetes de desporto, devendo os interessados dirigir-se ao SERVIÇO DE TURISMO DA C. P. — Estação do Rossio, 1.º andar—Lisboa (Telefone 2 4146).

Tanto os bilhetes de desporto, como os complementares podem ser prorrogados por 2 periodos de 2 dias, mediante o pagamento de uma taxa. Ver condições nos cartazes afixados nas estações.

